



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-**  
**BRASILEIRA**  
**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**ANA IZABELE CARNEIRO**

**PERCURSOS ANTROPOLÓGICOS DE HOMENS TRANS: ENTRE SUAS**  
**HISTÓRIAS DE VIDA E OS ACESSOS AOS SISTEMAS DE SAÚDE**

**FORTALEZA**

**2025**

ANA IZABELE CARNEIRO

PERCURSOS ANTROPOLÓGICOS DE HOMENS TRANS: ENTRE SUAS HISTÓRIAS  
DE VIDA E OS ACESSOS AOS SISTEMAS DE SAÚDE

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo.

FORTALEZA

2025

ANA IZABELE CARNEIRO

PERCURSOS ANTROPOLÓGICOS DE HOMENS TRANS: ENTRE SUAS HISTÓRIAS  
DE VIDA E OS ACESSOS AOS SISTEMAS DE SAÚDE

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Aprovada em: 22/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Leitão Mesquita  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

## AGRADECIMENTOS

Refletir sobre os agradecimentos é frequentemente uma fase que se encontra entre a lembrança, o tempo e um turbilhão no peito. Acredito que essa é a etapa que você se despede de uma escrita, portanto, também se despede da história que compôs a escrita. E nessa história, há um tanto de cada pessoa que colaborou para se chegar ao final do texto. Portanto, começo a lembrar das pessoas que não só me ajudaram a escrever este texto, mas também me motivaram e inspiraram a ver a educação como um meio de se tornar mais humano, não apenas por adquirir mais conhecimento, mas por abrir caminhos para novas oportunidades e entendimento além do próprio eu. Não será possível nomear todas as pessoas que fizeram parte dessa história, mas recordarei algumas agrupadamente, e outras coloco o nome, pois me são imprescindíveis nesse texto.

Gostaria de começar agradecendo aos interlocutores, que me prestaram seu tempo para colaborar com a pesquisa, sem eles, nenhuma linha do texto seria possível. Agradeço a Glauber, Gaell, Marcelo e Jonas pela sua disponibilidade, paciência e generosidade em partilhar suas histórias, emoções, processos e aspectos mais íntimos de suas vidas.

Agradeço profundamente ao meu orientador, Martinho Tota, que se propôs a trilhar este caminho de pesquisa com muita paciência, entendimento e uma abordagem extremamente humana. Martinho, muito obrigada. Você foi crucial para a elaboração deste texto, e mais do que isso, foi fundamental para que eu confiasse na minha escrita.

Agradeço aos meus pais e meus avós que me ensinaram tanto sobre a vida. E, mesmo que nunca tenham ingressado em uma universidade, por falta de oportunidade, e nem sequer tenham conhecimento sobre o que é a antropologia, sempre me amaram e me proporcionaram caminhos para que eu pudesse alcançar essa chance. Portanto, sou agradecida, especialmente a essas mulheres que são fortes, especialmente à minha mãe e minhas avós. Neste compasso, sou grato à minha irmã de sangue e às outras irmãs que a vida me proporcionou, pois elas me motivaram a acreditar em mim mesma.

Ao companheiro/amigo de estrada desses últimos anos, Pedro, que vem me apoiando antes mesmo de ingressar no mestrado. Ele acreditou em minha capacidade, me incentivou nesse caminho e segura a minha mão nos dias felizes e difíceis. A sua presença nesse percurso de pesquisa foi um bálsamo e, ao mesmo tempo, um sacolejo quando pensava em desistir.

A todos os amigos que fiz durante a vida, que me puseram a refletir sobre as diversidades humanas, sobre um mundo que é vasto, múltiplo e, ao mesmo tempo, singular. Entre as

amizades, em especial, gostaria de agradecer à Luíza, que foi minha primeira conversa no mestrado, desde a prova escrita, em que o destino nos colocou lado a lado e trilhamos as dores e as delícias que é uma pós-graduação. Luiza, sempre a lembrarei como parceria de alma, pessoa que levarei no coração. E, aproveito para agradecer aos demais amigos que fiz nesse processo, das conversas no restaurante universitário, das risadas no ônibus, durante o traslado entre as universidades. Estas conexões serviram como apoio para os desafios que surgem na vida acadêmica.

Ao longo dessa trajetória acadêmica, é essencial ter o apoio de outras pessoas. Por isso, também quero dedicar este meu percurso acadêmico a duas mulheres que me apoiaram, seja com uma refeição quente ou com um abrigo e um teto, pois, vinda do interior, não era viável aportar em uma cidade estranha sem um primeiro piso para pisar. Agradeço à tia Lúcia, que me auxiliou na acolhida da graduação, e à madrinha Cláudia, que me acolheu nos primeiros momentos do mestrado.

Agradeço a todos os docentes do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pela contribuição na minha vida acadêmica, pela receptividade, lições e sabedoria dividida.

À professora Marina Mesquita e ao professor Rafael Almeida, pela aceitação do convite na banca e pelas valiosas contribuições que enriqueceram significativamente o estudo. Sou grata pela generosidade em avaliar o meu trabalho, fornecendo percepções que me auxiliaram a tomar novos caminhos, contribuindo com novas descobertas nesse processo.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa concedida que me proporcionou a oportunidade de me dedicar integralmente à pesquisa.

## RESUMO

Este estudo originou-se de uma pesquisa conduzida com homens transgêneros, estabelecida por entrevistas realizadas à distância. O propósito do estudo é apresentar as histórias desses interlocutores, compreendendo os seus processos de identificação como homens transgêneros, bem como as suas trajetórias de vida, relações familiares e experiências com dispositivos de saúde. Com base nesses pressupostos, as teorias acerca de gênero, transmasculinidades, transexualidade e o acesso dessa população aos sistemas de saúde permitem a interação com a pesquisa empírica, auxiliando em reflexões e repercussões do saber antropológico. Portanto, essa investigação surge da possibilidade de interação em sistemas de comunicação que transmitem informações digitais. Para viabilizar este estudo, será utilizada uma antropologia digital, aliada a técnicas de narrativas e história oral. Adicionalmente, o destaque é dado às contribuições dos interlocutores que, por meio de suas falas, contribuíram para a expansão dos temas analisados e para uma compreensão mais aprofundada através de seus relatos pessoais, em reflexões acerca das transmasculinidades em contextos sociais. Espera-se que a pesquisa proporcione novas perspectivas sobre o saber, promova reflexões e abra caminho para novas táticas sobre os tópicos tratados no texto.

**Palavras-chave:** homens transgêneros; trajetórias de vida; relações familiares; dispositivos de saúde; transmasculinidades.

## **ABSTRACT**

This study originated from research conducted with transgender men, established through remote interviews. The purpose of the study is to present the stories of these interviewees, understanding their processes of identification as transgender men, as well as their life trajectories, family relationships, and experiences with health care systems. Based on these assumptions, theories about gender, transmasculinities, transsexuality, and this population's access to healthcare systems allow for interaction with empirical research, assisting in reflections and repercussions of anthropological knowledge. Therefore, this investigation arises from the possibility of interaction in communication systems that transmit digital information. To make this study feasible, digital anthropology will be used, combined with narrative and oral history techniques. Additionally, emphasis is given to the contributions of the interlocutors who, through their statements, contributed to the expansion of the themes analyzed and to a more profound understanding through their personal accounts in reflections on transmasculinities in social contexts. It is hoped that the research will provide new perspectives on knowledge, promote reflection, and pave the way for new tactics on the topics covered in the text.

**Keywords:** transgender men; life trajectories; family relationships; health care systems; transmasculinities.

## **LISTA DE SIGLAS**

APS	Atenção Primária à Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
DSM	Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRIAS QUE DESPERTAM A MEMÓRIA</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1</b>	<b>Gael</b> .....	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b>Marcelo</b> .....	<b>28</b>
<b>2.3</b>	<b>Glauber</b> .....	<b>28</b>
<b>2.4</b>	<b>Jonas Maria</b> .....	<b>29</b>
<b>2.5</b>	<b>A vida nas cidades interioranas versus grandes centros urbanos</b> .....	<b>30</b>
<b>2.6</b>	<b>Afetos, acolhimento e as relações familiares</b> .....	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>TRANSIDENTIDADES: INFÂNCIA, RECONHECIMENTOS, REDES OUTROS DIÁLOGOS</b> .....	<b>41</b>
<b>3.1</b>	<b>Reconstruindo as memórias da infância</b> .....	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Reconhecimentos, buscas e redes que se conectam</b> .....	<b>47</b>
<b>3.3</b>	<b>Redes: nichos, haters e comparações</b> .....	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>SAÚDE TRANS: ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS E OS SABERES BIOMÉDICOS</b> .....	<b>59</b>
<b>4.1</b>	<b>As trajetórias terapêuticas dos interlocutores</b> .....	<b>64</b>
<b>4.2</b>	<b>Terapias hormonais e procedimentos cirúrgicos: vivências transversais</b> .....	<b>71</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo em questão, intitulado *Percursos Antropológicos de Homens Transgêneros: entre as suas histórias de vida e os acessos aos sistemas de saúde*, foi realizado com homens trans em plataformas ‘online’. Nesse ínterim, a pesquisa ocorreu remotamente através das plataformas do Instagram, WhatsApp e Google Meet. Essas redes foram utilizadas como mediadoras das interações com as pessoas que contribuíram significativamente para a construção do texto da dissertação. Os interlocutores da pesquisa foram: Gaell, do Rio de Janeiro, Glauber, do Ceará, Marcelo, da Bahia e Jonas, de São Paulo. As conversas com eles ocorreram por meio de entrevistas virtuais, através das plataformas indicadas.

O estudo ocorreu através do contato virtual, tanto por julgar ser um espaço viável de comunicações/trocas humanas, quanto pela questão do acesso às pessoas em diversos lugares físicos/geográficos, considerando que cada interlocutor é de um estado diferente do Brasil. Aqui não se cogita defender que o espaço/tempo digital é desconfigurado e desvinculado do espaço/tempo físico geograficamente localizado. Ao contrário disso, a proposição de uma pesquisa no virtual/digital é mesmo para mapear e localizar as técnicas utilizadas, entendendo as múltiplas possibilidades e, ao mesmo tempo, os limites desse contato humano “entre telas”. Para anteparo dessa pesquisa antropológica, serão utilizadas teorizações metodológicas da proposição de uma Antropologia Digital/Etnografia Virtual (Hine, 2004).

É necessário sublinhar que as falas dos interlocutores da pesquisa não envolvem apenas contextos específicos e narrativas individuais, mas também contribuem para reflexões mais amplas de temas que podem perpassar experiências transmasculinas. Assim, a busca pelas narrativas desses interlocutores discorreu pela compreensão sobre suas subjetividades enquanto homens trans, mas, sobretudo, entender os encontros transversos nessas falas que podem contribuir na interpretação de determinadas conjunturas e contextos sociais. O que estes sujeitos da pesquisa contam sobre suas vivências e história de vida, que podem facilitar a percepção sobre quem são eles? Quais partes de suas vidas estão sendo contadas que podem contribuir no entendimento sobre temas que envolvem gênero, relações familiares e afetividades? Como podemos pensar, a partir de suas falas, sobre o acesso aos aparatos de saúde e como se deu esse contato para cada um, e o que essas vivências refletem de modo mais amplificado?

Dessa forma, os objetivos estabeleceram-se na apreensão dessas narrativas em relação a assuntos que entrelaçam as transmasculinidades, com o diálogo estabelecido por meio dessas entrevistas. E, após isto, pormenorizadamente, a interpretação das particularidades acerca de suas histórias de vida a partir das composições apresentadas nas suas falas, que espreitam sobre

o lugar de onde eles partem e suas relações familiares. Ademais, discorrer sobre como esses sujeitos refletem sobre assuntos que atravessam suas vivências em relação à sexualidade, identidade de gênero e afetividades, compreendendo as relações que esses indivíduos têm com o mundo digital e como isso perpassa as suas vivências. E, por fim, analisar os trajetos de acesso e acompanhamento psico/médico nas suas experiências pessoais com esses dispositivos de saúde (pública/privada).

A interação com os participantes do estudo também foi desenvolvida nessas condições, compreendendo as fronteiras de uma pesquisa baseada em entrevistas e as conexões formadas durante esses encontros. O processo de pesquisa engloba tudo, desde a seleção do assunto a ser investigado, os tópicos, os objetivos, os métodos, a visita ao campo, o encontro com as pessoas, as reflexões seguintes e todo o conjunto de elementos envolvidos. Portanto, ponderar sobre essas decisões que tomamos, ou mesmo sobre o que percebemos durante esses processos, é revisitar no texto os limites que cada pesquisador enfrenta ao desenvolver a pesquisa em colaboração com os demais narradores.

Diante disto, conclui ser necessário trazer primeiro um pouco sobre a pessoa que está escrevendo, me apresentando tanto para quem estiver lendo, quanto para meus interlocutores que provavelmente lerão o trabalho. Essa apresentação é a forma de me colocar no texto como parte integrante dessa construção, tal qual dizem Bauer e Gaskell (2002, p.73): “Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são meio principal de troca”. Estes autores estavam falando sobre as trocas que ocorrem durante o processo de entrevista, e, mesmo após, em que as partes dialogantes, tanto os entrevistados quanto os entrevistadores, constroem esses significados de palavras, formando e produzindo conhecimento. Ou seja, o texto construído não é produção de uma única fonte, ele está entrelaçado e disperso entre o que foi dito (interlocutores), o que será interpretado (pesquisador/a) e as demais traduções teóricas presentes no texto.

Tendo em vista esses argumentos, surgem as perguntas: Quem escreve, e por que escreve? Essas questões iniciais visam instigar reflexões, mais do que propriamente serem respondidas ao longo deste segmento. Desejo compartilhar um pouco de quem sou e o que me conduziu ao tema atual, por meio da descrição das minhas experiências. Essas narrativas estão sujeitas a recortes que fazem sentido sobre o porquê dessa pesquisa. Atualmente, me vejo como uma mulher cisgênero, mas sempre questioneei o que era isso: o que era ser mulher? Ao longo da minha infância e adolescência, ouvia frases como “isso não é coisa de menina”, ou “olha a

fulana, parece um macho”, e tantas outras frases, que me questionava o que era isso que me diziam ser?

Para contextualizar de uma maneira mais geral, vivi até os meus 17 anos numa zona rural no interior do Ceará, a maioria dos meus familiares era integrante de igrejas evangélicas bem tradicionais, e eu cresci nesse meio no qual os papéis de gênero eram bem estabelecidos e delimitados, “isso a mulher faz, isso é para homem fazer”. Ao decidir cursar Ciências Sociais, fui pensando em entender mais a sociedade. Quando já havia ingressado na Universidade, tive na disciplina de Antropologia I, a leitura do livro *Sexo e Temperamento* de Margaret Mead (2000). A partir desse texto, comecei a refletir sobre esses temas; ao ler que em outras sociedades, as noções de gênero que tínhamos não eram as mesmas, e, ao me aprofundar em outras leituras ditas feministas, comecei a me identificar rapidamente com aqueles temas. Todas as “certezas” do que era ser mulher começaram a desmoronar e, cada vez mais, me perguntava: o que é isso que sempre disseram que eu era? E mais, porque sempre me disseram “não pode, isso é coisa de homem”.

Enfim, chegar à conclusão de que queria pesquisar sobre gênero foi o primeiro passo, depois comecei a seguir pessoas na internet e aproximar-me dessas discussões. Nessa mesma época, conheci o canal no YouTube da Nataly Néri, que além de gênero também discutia várias questões sobre raça, veganismo, consumo, etc., e conheci o namorado dela em um dos vídeos, Jonas Maria, que se apresentava como homem trans. Até então, tinha apenas conhecimento acerca de mulheres trans e travestis, mas homens trans eram uma realidade distante da minha vivência. Confesso que, a partir desse momento, comecei a pesquisar sobre o assunto, ver outros canais de homens trans e pensar o quão corajosos eles eram, pois eles atravessavam essa barreira do “não pode” que eu sempre ouvi. Até começar a pesquisar mais e entender que não era tão fácil assim atravessar essas barreiras de gênero, numa sociedade tão demarcada nesses papéis. Ao olhar para a pesquisa e entender como a comecei, vejo que muitos caminhos me levaram a chegar ao tema e aos interlocutores, mas é fato que olhar as possibilidades de vida que deslocam essas barreiras compreendidas de sexo/gênero foi o impulso para entender mais.

Sou alguém que não sabe o que é ser trans, pois não sou; essa pesquisa não tem o intuito de entender o que é ser transgênero, pois entendo que, antes disso, seria preciso entender o que é ser cisgênero, já que essa é a matriz reguladora. Trago essa proposta para me colocar na pesquisa enquanto uma mulher branca cisgênero, sem pretensão de trazer universalidades, muito menos verdades imparciais; venho de um lugar, e as minhas experiências pessoais limitam o quanto posso ver, ouvir e sentir. Mas coloco-me como alguém em deslocamento, que

busca entender para além das minhas possibilidades limitantes. “Situar-se em terreno mutável deixa claro que toda visão é uma visão de algum lugar e que todo ato de fala é uma fala de algum lugar” (Abu-Lughod, 2018, p. 197). Tal qual aponta Lila Abu-Lughod (2018), é necessário examinarmos nossas pesquisas a partir da situacionalidade que compõe nossas experiências e vivências enquanto pesquisadores, pois isso tem reais consequências na produção de qualquer conhecimento.

Esse ponto de partida é, sem dúvidas, questionável: quem pode escrever sobre quem? Que implicações políticas e historiográficas tem sobre quem é relatado e quem escreve? Quais os privilégios e opressões são reforçados numa escrita, e quais são esses limites? Para Maia e Gaige (2020, p. 78), “assumir essa política da localização implica reconhecer que o lugar de enunciação parte de uma experiência concreta atravessada por relações de poder que constitui as nossas narrativas, história, subjetividades e o nosso modo de estar e viver no mundo”. Nesse sentido, retomo o que foi dito sobre o mito da universalidade científica, de uma escrita que vem de um ‘lugar nenhum’, como argumenta Haraway (1995, p.30): “a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional”. Sob estes aspectos, o intuito da pesquisa é buscar compreender as histórias e as vivências de cada interlocutor em sua singularidade e complexidade, como essas pessoas constroem suas vidas, atravessam por dificuldades, criam relacionamentos e projetos de vida e, principalmente, como elas se veem e falam sobre si.

As reflexões, experiências e os conhecimentos compartilhados por essas pessoas criam/demandam espaços para “estar/ser” no mundo, que não produzem um lugar de conforto e estabilidade para pessoas trans — contrário a isto, a violência ainda é uma marca do preconceito e da intolerância na sociedade. Essa violência pode ser explicada pela construção de uma matriz de normas de gênero coerentes, ou ainda, a heterossexualidade compulsória, da qual sexo/gênero/desejo precisa estar correspondido numa lógica cisgênero e heterossexual (Butler, 2021).

Os dados acerca dessa população demonstram a urgência de políticas públicas e afirmativas, incluindo mudanças sociais que sejam expansivas na inclusão na educação superior, empregos, cargos políticos, etc. Conforme o portal de notícias G1<sup>1</sup> (2022), dentre as pessoas da sigla LGBTQIA+, as pessoas trans têm maiores dificuldades de acessar empregos,

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/07/18/na-populacao-lgbtqia-pessoastrans-sao-as-que-menos-se-arriacam-a-buscar-novos-empregos.ghtml>, acesso em: 23/04/2025

muitas vezes não são aceitas simplesmente por serem trans, e, quando são, têm mais chances de sofrerem hostilidades nesses ambientes. “Uma pesquisa da consultoria Mais Diversidade, divulgada em junho, mostrou o quanto o ambiente de trabalho é hostil para pessoas trans. Entre trabalhadores trans, 41% querem mudar de vaga e uma em cada quatro pessoas trans está desempregada”.

Ainda que os dados gerais sobre essa população sejam inexatos e/ou desatualizados, tendo em vista a invisibilidade das suas identidades, é preciso estar atento para inúmeras causas que envolvem o crescente número de violência e suicídio que atravessam as pessoas trans. Em relação aos homens trans, os dados epidemiológicos, consoante o site da Antra – Associação Nacional de Travestis e Transexuais<sup>2</sup> (2018), “o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT e do Departamento de Antropologia e Arqueologia, revelou que 85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato”. Isso revela a ausência de aparatos para que esses homens se sintam parte de uma sociedade e tenham dignidade humana. Ainda de acordo com essa matéria: “a maioria dos homens trans no Brasil, por exemplo, já passou por violência verbal, institucional e física. Grande parte do sofrimento psíquico vem da discriminação que existe nos equipamentos de saúde, na educação e na própria família”.

Assim, viabilizar o encontro entre as histórias desses sujeitos foi o modo de unir narrativas que abarquem, para além desse contexto apresentado, como essas pessoas manifestam suas existências em uma realidade social ainda pouco acolhedora às pessoas trans. É o encontro de narradores que falam por si, sobre suas singularidades e processos, os quais fazem parte de quem são esses indivíduos. E, para além de tudo isso, são experiências individuais transbordadas em contextos sociais, refletindo questões amplas para pensar em experiências coletivas.

Tendo em prospecto os achados do campo e as de temáticas, os enunciados de interesse da pesquisa somam-se: abordagens sobre a teoria social (feminismo, estudos de gênero, masculinidades e transexualidades); reflexões sobre as construções e leituras sociais relacionadas a gênero e suas vivências pessoais; narrativas sobre relacionamentos familiares, sexualidades e afetividades; processos de alterações corporais através do uso de fármacos (hormonização), ou mesmo em relação ao procedimento cirúrgico; questões que envolvem o atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) às pessoas trans e experiências com acesso à rede de saúde privada; abordagens sobre identidade de gênero e processos que envolvem essas

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://antrabrazil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

identificações; e, a proposição do contato com a internet e as relações advindas desse meio pelos interlocutores. Portanto, é importante apresentar textos/pesquisas que contribuem para as reflexões do estudo em questão, expandindo as conexões e trazendo outros autores para o debate sobre os assuntos.

O estudo conduzido por Cleiton Vieira (2020) discute o processo sociopolítico e cultural da supervisão biomédica da transição de gênero como um assunto de saúde pública. Nesta perspectiva, esta metodologia é pertinente para a pesquisa atual em relação aos processos de patologização na saúde transcorrente ao longo do tempo, e as mudanças que esse método de abordagem psico/médica provoca. O estudo acompanha a mobilização de homens trans/transmasculinos e os estudos da área da saúde e funcionários estatais no contexto institucional e pessoal.

Enquanto a tese de Barbosa (2015) também será condutora na ampliação do tema sobre ativismos trans. Trata-se de uma análise bibliográfica e documental dos anos de 2010 a 2014 na compreensão das categorias travesti, transexual, trans e transgênero nas relações entre saberes e ativismos. O cerne do estudo está em torno das regulamentações das transformações do sexo, no entendimento das relações entre movimentos sociais e especialistas e na análise a partir de contexto transnacional e nacional dessas categorias identitárias. Entre outras coisas, o autor também traz apontamentos acerca das orientações dos especialistas em suas práticas profissionais, entre noções de (des)patologização, autonomia e sofrimento.

A reflexão sobre transmasculinidades e sistema público de saúde é essencial no debate dos temas que aqui estão a ser desenvolvidos. Assim, é crucial mencionar Heinzemann (2020), que realizou uma pesquisa sobre as perspectivas de homens trans no uso de serviços de saúde públicos no Brasil e em Portugal. A tratativa da autora é compreender como dois homens trans brasileiros e dois portugueses, assistidos pelo sistema público de saúde de seus respectivos países, vivenciaram o processo de transição de gênero. Aqui também, a autora faz uma revisão de literatura desses dois países a partir de documentos públicos, que contribuem para o entendimento e avaliação de como encontram esses sistemas de saúde.

Considerando que os textos apresentados são pertinentes para auxiliar no avanço e debate da pesquisa, pode-se dizer que a literatura sobre o assunto ainda é restrita relativamente ao número de estudos relacionados a pessoas trans no Brasil, especialmente no que diz respeito à temática das transmasculinidades. Assim sendo, outras bibliografias irão compor este tecido da pesquisa, consoante as questões apresentadas pelos narradores/interlocutores. Destarte, o presente estudo se distingue das bibliografias mencionadas, ao incluir suas próprias

contribuições relacionadas à especificidade do estudo e aos objetivos previamente estabelecidos.

A pesquisa em cena busca pela contribuição de novos debates sobre questões sociais/familiares, políticas públicas e de saúde, que corroborem para uma melhor compreensão das condições humanas, de sociedades mais justas e inclusivas. A história contada pelos interlocutores será o cerne dessas discussões, compreendendo como esses indivíduos narram suas experiências que podem contribuir para uma melhor compreensão da existência humana e para uma renovação do pensamento crítico e empático. Conquanto, a expectativa é que os elementos teóricos apresentados ao longo do texto auxiliem na elaboração do estudo e aprimorem a interação com a parte empírica, auxiliando em um debate antropológico entre teoria e empiria.

A ida a campo, como uma das principais etapas da construção do conhecimento antropológico, também carrega uma das principais complexidades que compõem esta escrita. Pois, sendo o campo variável, vivo e instável, enquanto está em constante transformação, há um contexto material e imaterial nessa escrita que nos permite encontrar partes de uma determinada realidade, e não mesmo um fato fixo e totalizante. Entendendo isso, começo a descrever e analisar o meu período nessas incursões no campo, o qual é o foco de estudo que tenho investigado.

O contato da pesquisa com transgeneridades se deu já na graduação em Ciências Sociais (UVA) a partir de 2021. Ali me debrucei na rede social específica chamada Tumblr<sup>3</sup>, no blog Degenerad\$ de Jonas Maria, e fui catalogando os relatos de transição, corporeidades, acesso à saúde, sexualidade e demais assuntos, encontrados nos relatos dos usuários daquele espaço, inclusive do próprio Jonas, o administrador do blog. Assim, tentei trazer para a pós-graduação uma ampliação dessas pesquisas com homens trans e/ou transmasculinos que já estavam nesse espaço. Contudo, o estudo atual incluía a sugestão de identificar interlocutores para realizar as entrevistas.

Na tentativa de encontrar pessoas dispostas a participar da entrevista, cataloguei um apanhado de perfis que já seguiam a rede social de Jonas Maria, e que eu pudesse identificar nos seus perfis pessoais ou por comentários nos posts de Jonas, que se tratavam de homens trans, já que esse era o intuito da pesquisa. Ali encontrei vários perfis de seguidores, aos quais enviei

---

<sup>3</sup> O Tumblr é uma rede social e/ou plataforma de microblogging (como o Twitter), voltada para a criação de blogs mais livres e menos tradicionais, suportando textos, vídeos, áudios e principalmente, GIFs. O Tumblr permite repost de outros blogs, seguir e ser seguido e muitos outros recursos sociais quem lembram o Facebook. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tumblr-vida-e-quase-morte-da-plataforma-de-blogs/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

mensagens de texto. Ressalto que, nas primeiras mensagens, não iniciei com a abordagem da proposta de entrevistá-los. Simplesmente enviei mensagens sobre quem eu era, me apresentei e perguntei se as pessoas tinham interesse em conversar comigo. Como resultado, a maioria não respondia. Então decidi ser mais direta e enviar informações sobre a minha pós-graduação, a pesquisa em si e como seria feita, se as pessoas estariam dispostas a colaborar, e a maioria continuou sem responder. Devo ter enviado mensagens para mais de dez perfis, dentre estes, para o próprio Jonas. De todos, somente dois me responderam querendo saber mais sobre a proposta: Marcelo e Gaell.

Tenho várias teorias sobre as “não respostas”, mas uma que posso comentar é que meu próprio Instagram não possui nenhuma publicação, somente possuo a foto de perfil. Indico que isso possa ter causado uma certa desconfiança aos possíveis interlocutores, devido à falta de informações e/ou postagens que geram a “falsa segurança” de um perfil confiável. Enfim, outras causas podem ser possíveis, como não querer participar da pesquisa, falta de tempo e outros motivos dos quais não tenho como saber.

Em seguida, comecei a pensar em como poderia encontrar mais pessoas dispostas. Logo, lembrei de um conhecido, Glauber, que já havia iniciado uma pesquisa junto a ele na graduação e havia desistido, pois a pesquisa tomou outros rumos no campo do blog e, naquele momento, não consegui conciliar ambas as pesquisas. Glauber morava na mesma cidade que a minha, Santana do Acaraú, e havíamos nos tornado muito próximos na época da pesquisa. No entanto, devido a cada um ter ido para um lugar diferente e às demandas do cotidiano, falávamos de vez em quando por mensagens, e isso gerou um afastamento. Só tinha seu Instagram salvo, pois agora ele já morava em outra cidade e eu também. Deste modo, enviei uma mensagem de texto para ele, solicitando seu número de WhatsApp para nos comunicarmos por lá. Em seguida, conversei com ele sobre a minha pesquisa atual e lhe pergunto a respeito de sua disponibilidade em participar, ao que ele concordou prontamente.

Sendo a pesquisa iniciada pelas redes de Jonas, tive a expectativa de poder entrevistá-lo e, vendo que as mensagens ainda não haviam sido respondidas pelo Instagram, tentei enviar e-mails. Após enviar mais de dois e-mails informando sobre a possibilidade e o interesse em entrevistá-lo, aguardei e, após algumas semanas, recebi a resposta de sua assessoria, na pessoa de Camila, confirmando a possibilidade de entrevista/pesquisa. Inicialmente, nossas conversas foram por e-mail, logo depois ela me passou o número do seu próprio WhatsApp<sup>4</sup>, para

---

<sup>4</sup> O WhatsApp é um aplicativo de comunicação instantânea disponível para celulares Android e iPhones. O app foi criado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum, com objetivo de oferecer uma alternativa

marcamos melhor o dia/hora, e enviar o link da plataforma do Google Meet<sup>5</sup> — plataforma utilizada para realizar esta entrevista. Os demais, Glauber, Gaell e Marcelo, preferiram ligações de vídeo pelo próprio WhatsApp.

Ao relatar sobre a pesquisa e a proposta de conversa/entrevista com os possíveis interlocutores, informei-os sobre a gravação do áudio e solicitei permissão para gravá-los, informando que os áudios não seriam publicados na íntegra, mas sim, seriam utilizados para transcrever suas falas. Deste modo, não dependeria apenas de minha memória para descrever as conversas e manter uma certa fidedignidade em relação à forma das palavras ditas. Todos aceitaram as gravações, com isto, foram realizadas pelo computador no programa chamado Audacity<sup>6</sup>. Acrescento que, quanto ao uso dos nomes, foi questionado como eles se sentiriam à vontade sobre colocar seus nomes, ou se prefeririam que colocasse pseudônimos, mas todos recusaram colocar pseudônimos.

Um pouco antes de serem realizadas as entrevistas com os interlocutores, ocorreram algumas tentativas frustradas, mesmo após a confirmação dos entrevistados. Com três pessoas, foram marcadas mais de uma vez, para que realmente acontecesse. Nesses momentos, ficava apreensiva sobre possíveis desistências, entretanto, com persistência, fui tentando entrar em contato novamente, até que foi possível a realização das quatro entrevistas.

As primeiras conversas com os interlocutores ocorreram no primeiro semestre do ano de 2024. Antes de realizar as entrevistas, escrevi um roteiro com perguntas que objetivavam os interesses da pesquisa. Explicitei que esse roteiro seria somente uma orientação de perguntas, mas não uma definição exata do que deveria ser perguntado, pois, nem sempre as conversas iriam transcorrer para as perguntas em si. Sendo assim, antes de todas as entrevistas, deixei os interlocutores sabidos sobre as perguntas, mas que eles não eram obrigados a respondê-las, nem se limitar a elas, inclusive, que avisassem caso se sentissem desconfortáveis para falar sobre qualquer assunto. E, solicitei permissão a todos, antes de iniciar, para fazer a gravação do áudio, assim prosseguiram-se as entrevistas.

---

às mensagens via SMS. Disponível em: [https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/#google\\_vignette](https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/#google_vignette) Retirado em: 22/01/2025

<sup>5</sup> O Google Meet é um aplicativo desenvolvido pelo Google com foco na realização das videoconferências. Logo, ele permite a realização de reuniões a distância, superando as barreiras geográficas e com uma série de benefícios a todos os usuários. Disponível em: [https://www.remissaonline.com.br/blog/googlemeet/#google\\_vignette](https://www.remissaonline.com.br/blog/googlemeet/#google_vignette) Retirado em: 22/01/2025

<sup>6</sup> O Audacity é um programa que permite editar, gravar, importar e exportar diversos formatos diferentes de arquivos de áudio. É possível gravar músicas e sons ao vivo ou converter diretamente material em fitas e CDs. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/audacity/> Retirado em: 22/01/2025.

As perguntas estavam divididas em quatro partes principais, a primeira parte em um resumo de suas histórias de vida, com perguntas sobre idade, lugar que mora, religião, relação com os familiares e a infância; na segunda parte, perguntas direcionadas as suas trajetórias pessoais em relação a gênero, sexualidade e afetividades; na terceira, tentei aproximar os assuntos de suas experiências nos acompanhamentos psico/médicos e reflexões sobre o acesso das pessoas trans com o SUS (Sistema Único de Saúde); já na quarta parte, fiz perguntas mais aleatórias sobre suas visões pessoais em relação à vivência trans em outros lugares do Brasil, relação com a internet e as influências digitais, os projetos profissionais, planos; na última pergunta, questionei sobre algo que queria acrescentar que não foi questionado, ou qualquer opinião sobre a pesquisa.

A conversa com Gaell ocorreu de forma bem dinâmica, ele não hesitou nas perguntas e complementava todas as suas falas com assuntos diversos em relação à sua vida. Percebi que ele demonstrava bastante interesse em me compartilhar coisas de sua vida particular, tanto que foi a entrevista que mais rendeu em quantidade de tempo. Desde o início, ele sempre deixou explícito que não tinha nenhum problema em falar de si, e que até gostava disso. Ao longo do tempo, fomos criando uma conexão e continuamos nos falando até o momento em que escrevo.

Já na segunda entrevista, houve muitas tentativas de contato, cheguei a pensar que Marcelo havia desistido da nossa conversa. Durante a entrevista, percebi que ele era bastante ocupado, e talvez fosse um dos motivos dessa falta de tempo. Assim que começamos, Marcelo me perguntou se a entrevista seria longa. Pelo que entendi, ele não estava com tanto tempo disponível, então falei que seria o tempo que ele estivesse disposto. Caso não pudesse finalizar, poderíamos retomar em outro momento. Após o início da gravação, questionou qual era o intuito da minha pesquisa. Achei a pergunta interessante, já que eu havia escrito para ele sobre os objetivos e do que se tratava a pesquisa no próprio Instagram, mas talvez ele quisesse se certificar do que realmente se tratava. Assim, a entrevista ocorreu completamente naquela chamada até as perguntas finais, em nenhum momento percebi que ele poupava as palavras.

Na entrevista realizada com Glauber, havia uma relação anterior já construída, eu já o conhecia, já tinha saído várias vezes com ele na cidade onde morávamos; conheci algumas pessoas de seu círculo de amizades da época, bebíamos juntos e ele já havia me compartilhado muitas coisas de sua vida nesses encontros. Por já o conhecer, o mesmo já tinha compartilhado várias questões pessoais, imaginei que na entrevista não haveria pudor, vergonha ou até certo receio em falar, ou mesmo que ele se sentiria bem à vontade.

A conversa com Jonas também gerou uma determinada expectativa em relação à minha pesquisa anterior, já que eu o pesquisava em suas redes desde a graduação e já tinha conhecimento de muitas coisas que havia relatado no blog a seu respeito. Muitas coisas do que ele trouxe, eu já tinha lido/ouvido em seus conteúdos, mas sempre uma coisa ou outra escapava do que eu tinha conhecimento. De toda forma, acessar seus conteúdos poderia ter sido suficiente para entender sobre o que ele conta de si, mas a entrevista trouxe esse contato mais pessoal e me fez pensar que houve uma troca; esse fator foi relevante para mim, mais do que seria uma imersão em suas redes sociais.

Logo após este período, mantive interações através do WhatsApp e Instagram com Gael, Glauber e Marcelo. Acredito que, por Jonas ser uma figura pública nas redes sociais, o contato ficou limitado, inclusive não consegui mais o contatar para uma segunda conversa, o que foi possível com os demais interlocutores. Essa segunda conversa ocorreu quase um ano depois, no primeiro semestre de 2025, da qual partiu a ideia de compartilhar com eles o relatório da primeira conversa, onde solicitei que lessem e me dessem opiniões do que foi dito, o que deveria ser retirado, se havia alguma revisão para publicação do material, se gostariam que alterasse o nome, ou mesmo se havia alguma nova informação/atualização que quisessem acrescentar? Tudo isso também foi gravado e transcrito da mesma forma que as primeiras conversas, com as suas permissões.

O processo de pesquisa é sempre contínuo, desde as primeiras percepções do campo, as negativas, as insistências, as conversas, o que fica depois dessas conversas, as transcrições, escutar os áudios, o momento da escrita, a leitura e a releitura. Sempre haverá novas perspectivas sobre esses eventos, e o que compartilhei aqui são as percepções que tenho ao relatar o que aconteceu sob a minha perspectiva, como pesquisadora. Isso não implica que todas as situações aconteceram dessa maneira, nem que o que foi percebido correspondeu realmente ao que aconteceu, pois qualquer perspectiva pode apresentar falhas. Possivelmente, o que impulsiona a pesquisa é a tentativa de converter palavras em conhecimento científico; reconhecer os limites de que todo olhar, toda escuta e todos os sentidos podem estar equivocados, essas são as principais modéstias que podemos cultivar.

Nesse caminho, a pesquisa tomou rumos diferentes, pois, o que antes eram somente contatos de uma rede em específico, agora era uma pesquisa com interlocutores que viriam de contatos diferentes. E nenhum fazia parte do mesmo local geográfico, ou sequer tinham vínculos em grupos e/ou comunidades virtuais a ponto de se conhecerem. Dessa forma, é que posso dizer que eu, enquanto pesquisadora, fui atrás dos interlocutores em busca de suas

histórias e narrativas, e o único ponto em comum, primariamente, era o fato de eles se identificarem enquanto homens trans.

A pesquisa foi realizada mediante entrevistas, permeadas por um roteiro e mediadas por telas de plataformas digitais. Sobre este aspecto, é possível afirmar que o processo de pesquisa se deu com, no mínimo, quatro redes de comunicação digital. Equivale a dizer que a pesquisa ocorreu integralmente em contato mediado por essas redes, fora o contato já iniciado com Glauber pessoalmente, com nenhum outro interlocutor tive contato dito “face a face”. Entretanto, a abordagem não será defendida sob uma perspectiva de uma pesquisa “on-line”, será utilizado o recurso do digital, para a defesa de uma pesquisa ainda fora dos moldes canônicos da antropologia, e, portanto, uma pesquisa em debate.

Todo esse material será base de uma investigação ampla, voltada ao escopo de uma antropologia digital (Miller, 2015). Hine (2015) defende que o uso dos termos online, virtual ou net, para falar sobre uma escrita etnográfica, pode associar que esta é um tipo diferente de etnografia, e, desta forma, prefere não usar os termos. É correto afirmar que o recurso do digital não é a proposição de uma internet homogênea, nem a divisão entre realidade x virtualidade. Aqui, a pretensão não é somente definir exatamente o tipo da pesquisa, o termo digital será usado para validar o conhecimento promovido nesse meio e definir as técnicas utilizadas nesses espaços.

As reflexões trazidas por Gonçalves (2020) também nos ajudam a pensar este estudo, através dos estudos de plataformização, da qual não se deve ignorar numa etnografia virtual, as suas estruturas e dimensões:

Pois, são através das dinâmicas marcadamente plataformizadas que muitos dos nossos fenômenos ganham a “carne” que, efetivamente, sustenta o esqueleto do campo etnográfico ao qual atravessamos. A partir de uma perspectiva multilocal de pesquisa, que se alinhe aos processos de plataformização e aos estudos de plataforma, podemos ter acesso às diversas engrenagens que reatualizam as práticas e as arquiteturas da vida social. (Gonçalves, 2020, p. 15).

Através dos relatos trazidos ao longo deste estudo, foi perceptível que a internet tinha uma relevância na vida dos sujeitos entrevistados; tanto para Jonas, que se utiliza desse meio como um influenciador digital, quanto para os demais, que relataram sobre as relações estabelecidas através dessas plataformas como um meio de “descobertas” sobre si, sobre suas transgeneridades e em estabelecer relações afetivas. Dessa forma, não há como considerar a internet como parte do irreal, talvez seja relevante problematizar aquilo que consideramos parte da realidade. “Uma das questões que pesam negativamente quando se fala em pesquisas envolvendo internet é a autenticidade. (...) A proposta, então, é questionar aquilo mesmo que se chama autenticidade” (Parreiras, 2011, p. 53).

Ao mesmo tempo, defendo que a particularidade da pesquisa em questão deve-se questionar os limites estabelecidos por uma entrevista mediada por telas, pois a visualização de todo o ambiente não é perceptível da mesma forma de uma presença face a face. Muitas coisas entre telas podem esquivar-se das percepções de quem está tanto de um lado quanto do outro. Por exemplo, o recorte por detrás da imagem da pessoa pode ser de uma paisagem, um quadro, uma parede ou qualquer outro recorte que não é aquele que compreende o todo no qual se localizam geograficamente as pessoas.

Outras percepções limitadas seriam em relação aos sentidos olfativos e outros sentidos sensoriais, as materialidades que compõem o espaço do sujeito, as percepções de convivência entre a casa do interlocutor e a vizinhança, e outros aspectos dali. Isso não diz respeito à invalidade da pesquisa em questão, mas às limitações reais desse modelo. Ao pegar como referência a utilização dos sentidos na pesquisa antropológica, Utilizo a ideia de Stoller (2022) que aborda a importância de todos esses sentidos. Considerando que a pesquisa em questão focava na audição e na visão, devemos ponderar sobre nossos propósitos e formas de atuar nessas agências.

Numa pesquisa antropológica, é preciso estar atento às próprias categorizações do cotidiano. Se temos algo como certo, devemos verificar e demonstrar por vias de fato o que essas nomeações e dualidades nos dizem. Como no caso pesquisado, o que seria o real e o virtual, o on-line e off-line, e o que eles nos dizem sobre as formas como vemos o mundo? Nesse âmbito, a pesquisa deve estar em lugar de análise sobre sua construção. Simultaneamente, seria desafiador aderir aos modelos enquadrados pelas antropologias mainstream, presentes nas teorias mais reconhecidas e centrais do campo, para que somente dessa forma se possa definir o que seria uma “antropologia correta”. Como diz Mariza Peirano (2014, p. 381): “Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, que deriva de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual”.

A escrita antropológica passa por uma série de recursos, com os quais se constrói a textualidade dos acontecimentos. Muitas dessas coisas passam despercebidas, outras podem ser percebidas e não textualizadas, mas quem escreve deve ter consciência de sua responsabilidade com as descrições e, mais ainda, com as reflexões geradas. A pesquisa acontece em compartilhamento, sendo mediada por vários fatores entre os interlocutores e o pesquisador, contudo, além disto, é necessário o sentido por parte de quem escreve sobre sua percepção/interpretação nesse processo. “Assim, o escritor de antropologia, utilizando-se de

linguagem evocativa, traz vida para o campo e convida o leitor a descobrir algo novo — um novo insight teórico, um novo pensamento, um novo sentimento ou uma nova percepção” (Stoller, 2022, p. 99).

O processo de entrevistas com os interlocutores ocorreu com roteiro de perguntas elaboradas a partir das problemáticas e dos objetivos da pesquisa. Conquanto as perguntas não se seguiram tão fechadas e com linearidade tal como estavam no roteiro, isso me pareceu bom, pois já era esperado. Muitas vezes, algo que estava previsto para ser questionado posteriormente era respondido um momento anterior, e, outras vezes, as perguntas feitas acabavam indo em outras direções naquilo que era de interesse do interlocutor falar. Ou seja, apesar de parecer, inicialmente, que não foram atingidos os objetivos das perguntas, houve acréscimos de outros assuntos abordados por eles, que enriquecem o material da pesquisa. Pareceu-me desnecessário reforçar o direcionamento e a forma precisa da pergunta naqueles instantes. A maioria das questões não foi formulada exatamente como estavam escritas, mas frequentemente adaptadas conforme as falas. “Ao realizar uma entrevista aprofundada, está fazendo um verdadeiro trabalho sociológico. Certas questões são hipóteses de pesquisa; outras, pequenos testes que você colocará para funcionar durante a pesquisa, isto é, pequenos raciocínios experimentais” (Beaud; Weber, 2007, p.134).

Conquanto, todo caminho dialógico não deixa de estar sujeito a deslizos, que só pude perceber ao escutar os áudios no momento das revisões das transcrições. Percebi que deveria ter evitado fazer a pergunta em um determinado momento, pois o assunto anterior poderia ter rendido mais, ou de não ter afirmado algo durante a conversa, como se eu também estivesse dando minha opinião, ou até complementando algo. Nesses momentos, me senti tão confortável que várias vezes saí da “posição” de escuta e achei que eu estivesse em uma conversa com um amigo pelo telefone. Como discutido por Beaud e Weber (2007, p.134), “a entrevista se aprende essencialmente pela prática. (...). Cometerá ‘erros’ e até gafes que serão úteis se aprender a não dissimulá-los e analisá-los”. Portanto, a análise das transcrições dos áudios serve como fundamento para compreender os erros cometidos durante as entrevistas, período em que estamos absorvidos pelas emoções, interações e queremos nos envolver mais do que talvez seja realmente relevante.

É fato que a construção do roteiro poderá engendrar os assuntos desenvolvidos na entrevista, mas eles também servem de orientações para seguir uma conversa. Beaud e Weber (2007) denotam que essa orientação pode fazer com que os entrevistados fiquem mais inquietos ao saber do roteiro e os impediria de fluir mais na conversação, pois suas preocupações seriam

a de saber se realmente responderam bem ao que foi questionado. É válido trazer essas preocupações para o cerne da pesquisa, pois isto pode ocorrer. Conquanto também é correto questionar se apenas saber da existência do roteiro faria tudo isso? Ou se isto já faz parte da posição entre pesquisador e pesquisados?

Entendendo que a maioria das pessoas que se propõem a participar de uma pesquisa sabe que o pesquisador quer saber algo em específico, que as pesquisas contêm objetivos, ninguém vai ao campo totalmente aberto e sem reguladores. Saber ou não que tem roteiro de perguntas, não fará com que o entrevistado mude de posição em relação ao entrevistador, pois ali está alguém que busca respostas. Talvez, como apontado anteriormente pelos autores, seja a rigidez dessas intervenções por parte do pesquisador que altere ou não como os interlocutores se sentirão ao longo das entrevistas, como eles apontam no início: “O problema não é também saber se deve propor boas questões para ter boas respostas. O essencial é ganhar a confiança do pesquisado, conseguir rapidamente compreender o que está sendo dito (a meia-palavra) e entrar (temporariamente) em seu universo (mental)” (Beaud; Weber, 2007, p. 134). Ao voltar-se a pesquisas de humanidades, onde as palavras são os dados e os interlocutores são aqueles a quem verbalizam e, nesse sentido, nos prestam suas falas, as palavras são as nossas margens de erro, e ainda são a elas as quais recorreremos.

Ao trazer as falas dos interlocutores para o texto que remetem à memória e à construção de narrativa, é necessário o diálogo sobre as representações que fazemos de nós mesmos ao contar nossas histórias. Le Goff (1990, p.423) define a memória da seguinte forma: “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. A memória estaria sujeita às intervenções das representações que fazemos de nós mesmos e, portanto, sujeita a alterações. “Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para sua seleção” (Matos; Senna, 2011, p. 96). Assim, ao narrar sobre quem somos e o que nos afeta, estamos entrelaçando fragmentos de lembranças para dar significado às representações do passado que construímos sobre nós.

O diálogo entre a memória e imaginação em narrativas orais é bem elaborado por Heller, Neves, Perazzo e Goulart (2023), quando retratam a construção dessas representações para entender essa oralidade contada nas histórias de vida. Estas autoras fazem a crítica ao enquadramento científico na busca pela “verdade”, a qual a oralidade fugiria dessa

compreensão da materialidade histórica com possibilidade de verificação dos fatos. Sendo os relatos e testemunhos não vinculados com fontes documentais (materialidade), estaria a oralidade ligada à imaterialidade da memória, portanto, sujeita às reelaborações de narrativas. A partir daí, elas desenvolvem argumentos para entender como essas narrativas orais carregam elementos ficcionais, não como se fossem inverdades, mas montagens de uma sucessão de imagens que dão sentido à narrativa.

Em nossa análise, não utilizamos a ideia de mentira. Preferimos discutir a verdade como metáfora e a imaginação como expressão narrativa. As imagens mentais são tomadas, assim, na qualidade de recursos ficcionais próprios da linguagem: narrativas são sucessões de imagens construídas pelo narrador para dialogar com seu interlocutor “imaginante e interessado” e se fazer compreendido por ele. (Heller; Neves; Perazzo; Goulart, 2023, p.266).

Se expandirmos essa ideia para compreender a própria elaboração do texto científico, podemos entendê-lo a partir dessa construção narrativa ficcional, enquanto utilizamos essas histórias e as interpretamos com base em teorias, montando assim uma sequência de imagens textuais para dar sentido ao que é transmitido ao leitor.

No que diz respeito ao discurso dos interlocutores na construção de suas experiências, a utilização da história oral no estudo é crucial, pois as narrativas de vida desses indivíduos descentralizam a concepção da História Central e evidenciam a importância das falas desses indivíduos, que também constroem suas histórias. “Assim, a história oral ganha destaque entre as possibilidades de se pensar registro e estudos silenciados de diversas maneiras e dos excluídos dos mecanismos de registro da História e demais disciplinas” (Meyhi; Holanda, 2015, p. 107).

Saber como e de que forma foi possível realizar a pesquisa é o que torna cada estudo parte também de quem escreve. “O contexto social em que produzimos certamente estabelece os parâmetros dentro dos quais maior ou menor validade é reconhecida, mas não determina” (Peirano, 2014, p. 389). A pesquisa é múltipla de mediadores, interventores, casos, relações, atores, palavras, atos, percepções, erros, acertos, e em tudo isto contém um pouco da experiência humana. “A emergência de novas pesquisas, sendo uma constante, deve nos levar a uma igualmente constante recomposição da antropologia, de quem somos, e do mundo como entendemos” (Peirano, 2014, p. 389).

Outro fator é que a leitura evoca no leitor percepções diferentes que, por exemplo, uma entrevista, a qual estou visualizando a imagem e ouvindo as intensificações da voz do emissor das palavras “É impossível do etéreo, do verbo, se passar à materialização da escrita com fidelidade absoluta como se uma coisa fosse a outra. Admitir isso, aliás, seria temeridade, visto que sons, entonação, cacoetes, modulações, não se registram sem alterações” (Meihy; Holanda,

2015, p. 135). Assim, o dissertado aqui é um recorte e, ao mesmo tempo, um ponto de vista que, como toda pesquisa, existem limites e adaptações para a linguagem dita científica, a depender da área do conhecimento. Deste modo, devemos entender que não estamos à procura de uma descrição totalmente exata da realidade, mas que haja a possibilidade de uma escrita científica mais próxima da busca pela humanidade.

Em síntese, apresento as elaborações dos capítulos percorridos na pesquisa, quais sejam: no primeiro capítulo, introduzo os participantes da pesquisa, primeiro trazendo uma síntese sobre onde moram, com o que trabalham e seus objetivos de vida. Neste mesmo capítulo, começo a trazer as suas narrativas sobre os lugares onde transitam, buscando entender essas contextualizações entre morar em uma capital, como Jonas e Gael, que moram em grandes metrópoles, e morar em cidades mais interioranas, como Glauber e Marcelo. Ainda no primeiro capítulo, abordo as narrativas de suas relações familiares, entre as afetividades e aceitação de suas masculinidades. No segundo capítulo, aprofundo nas histórias de vida dessas pessoas, com ênfase em seu processo de reconhecimento de gênero, buscando entender como essas pessoas se veem e quais suas subjetividades nesse processo, e assim, articular textos que conversem com essas perspectivas. Aqui farei uma passagem entre suas narrativas de infância e adolescência, até o reconhecimento enquanto homens trans. Nisto, busco entender as redes de afeto e identificação, os apoios e as interações possíveis nesse encontro de si. O terceiro capítulo aborda as experiências dos interlocutores nos dispositivos de saúde, sejam particulares ou via SUS, com a intenção de analisar esses meios e o acesso às pessoas trans. Nesta última etapa, o intuito é navegar nesses itinerários terapêuticos a partir de suas narrativas, para compreender essas travessias na busca por hormonização e intervenções cirúrgicas. E, por conseguinte, mapear as políticas públicas de acesso à saúde trans enquanto um direito fundamental para esta comunidade. A expectativa é que a leitura seja compreensível para o leitor, com as conexões das histórias de Marcelo, Glauber, Jonas e Gaell, além das teorias discutidas durante o percurso da escrita.

## 2 HISTÓRIAS QUE DESPERTAM A MEMÓRIA

Este início de texto contará as narrativas dos sujeitos da pesquisa, a partir do que foi trazido em suas falas. Ao apresentar cada um desses interlocutores, pretende-se navegar em suas histórias e, assim, nos capítulos seguintes, trazer os demais temas pretendidos ao longo da dissertação. Anterior a isto, o intuito é entender de onde parte cada indivíduo. Essa descrição das histórias de vidas dos interlocutores não será em formato expandido, mas uma breve apresentação sobre o que eles falam sobre si, de onde são e momentos de suas vidas que se fazem necessários abordar no contexto da pesquisa. Após esta apresentação, navegaremos nas descrições sobre os lugares de onde eles falam, refletindo sobre esses trânsitos entre cidades interioranas e os grandes centros urbanos; e, logo em seguida, aprofundo nas narrativas sobre as relações familiares e afetivas.

Esse formato colabora para que o relato pessoal de cada indivíduo nos forneça elementos essenciais de compreensão das demais composições temáticas que serão desenvolvidas ao longo do estudo. Como apontado por Becker (1993), a dispersão da etnografia, antes situada em um único local com características metodológicas de descrição densa, começa a se expandir entre várias partes e suas conexões, formando um mosaico científico. Dessa forma, essas pequenas partes são aquilo que se conectam e dão sentido ao estudo elaborado, sem uma dessas partes o desenho do mosaico ficaria confuso. O que se pretende fazer ao longo do texto é deixar este mosaico delineado e harmônico para ser compreensível aos leitores.

Nesse percurso da escrita, é interessante pontuar que a fala transcrita, no caso as falas trazidas dos interlocutores para forma textual, sofrerão alterações no modo como essas narrativas são envolvidas no texto. De certo modo, o texto não é escrito do modo como foi dito, pois, em muitos momentos, retirei alguns vícios de linguagem e alterei algumas palavras ditas de forma não coloquial, para adaptar a leitura do texto, mantendo proximidade com o que foi dito.

### 2.1 Gaell

Gaell tinha 22 anos, morava no bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ele morava com seus pais adotivos desde criança e tem contato com sua mãe biológica. Se descrevia como alguém que possui três mães e um pai: “Sou o sétimo filho da biológica, o mais novo. O quarto da adotiva. E da outra de criação, que ajudou, no caso, a adotiva, eu sou o terceiro. Nas três mães, eu sou o mais novo. Sou o caçulinha”.

Ele descrevia que a relação com essas três famílias tinha diferenças radicais, tendo em vista como cada uma dessas pessoas possuía opiniões e posições políticas diferentes, principalmente quando se trata dele ser um homem trans. Gaell se descreve como uma pessoa trans e ateu, o que para sua família adotiva, que é cristã, gera alguns conflitos, mais especificamente com a mãe adotiva, que não aceitava Gaell ser um homem trans. Na fala de sua relação com o pai adotivo, apesar de haver certo desrespeito em relação ao tratamento de gênero, ele considerava a sua relação com ele de forma mais amorosa.

Na época em que tivemos nossa primeira conversa, com esses elementos que estou trazendo aqui, Gaell trabalhava numa empresa de rede de *fast food*. Mas, ao longo do tempo, mantivemos contato e ele me relatou que já havia saído desse emprego, e me atualizou que havia aberto uma barbearia, onde pude também acompanhar pelas suas redes sociais (Instagram e WhatsApp). Outra informação que ele me trouxe ao longo dessas atualizações foi em relação ao seu relacionamento. Na nossa primeira entrevista, ele ainda estava namorando e chegou a me contar como o relacionamento estava sendo difícil, pois havia sido ameaçado pelo pai de sua namorada. “O pai dela é policial, já me ameaçou. Falou para ela que, se ele ver mais algum contato com a filha dele, que eu possa me considerar uma mulher morta. Posso me considerar uma mulher morta, né? ”. Pelo contexto que Gaell me falou, ele descobriu que sua filha não estava namorando um homem cisgênero e, devido a isso, não aceitava o relacionamento. Por fim, desde nossas últimas conversas, o relacionamento havia terminado, também por outras questões pessoais.

Gaell é compositor e cantor, ele possui um canal no YouTube no qual publica suas músicas. Conta que aprendeu a tocar violão e gosta muito de cantar. Possui muitas letras escritas, chegando a me enviar, após a entrevista, algumas de suas músicas e os links de novas composições. Ele é fã do Michael Jackson e faz muitas composições inspiradas em suas músicas. Cantava também em bares, mas devido à dificuldade em arranjar dinheiro, ele acabou tendo que se empregar numa rede de fast food. No entanto, pelas dificuldades enfrentadas nesse emprego, em questão de horários, a distância e outros episódios, decidiu sair. Chegou a trabalhar no bar da sua tia após sair desse emprego, mas também não deu certo por questões de atritos familiares. Até decidir abrir sua barbearia, com a qual trabalha atualmente. Gaell sonha em fazer direito, chegou a cursar um semestre, porém, com o alto custo da faculdade, adiou para outro momento.

## **2.2 Marcelo**

Marcelo tinha 25 anos e é soteropolitano, mas vivia em Simões Filho/Bahia, uma cidade da região metropolitana que fica a 20 km da capital. Ele cursava licenciatura em eletromecânica no Instituto Federal da Bahia Bahia- IFBA. Marcelo trabalhava em home office na área de construção civil com licitações governamentais, mas devido à instabilidade financeira dessa área, pretendia alavancar sua empresa para melhorar sua renda financeira. Possui quatro irmãos, sendo uma irmã e três irmãos, e é o mais velho de todos. Sua mãe vivia em Salvador e seu pai em Taperoá/Bahia. Contou ter uma boa relação com ambos, mas ainda melhor com sua mãe e sempre a visitava nas férias, enquanto visitava o pai somente quando era possível. Marcelo diz que, por ser a mãe mais próxima devido à distância de moradia e à afetividade, conseguia ter maior laço afetivo com ela.

Ao se entender como um homem trans, após 4 anos se entendendo enquanto uma mulher lésbica, Marcelo contou que sua maior dificuldade era corrigir as pessoas em questão do pronome, por ainda ser tratado com pronomes femininos. Ele ainda estava casado nesse período e relatava que sua esposa era quem corrigia os demais para que o tratassem no masculino e dizia ‘não é ela, é ele, ele’. “Eu já tinha o cabelo cortado, então, os meus amigos, os meus parentes, familiares não me tratavam. Eu tinha uma sorte de que o meu apelido era Lêo. E quando as pessoas me chamavam de Lêo, não era um apelido feminino.” Na época de nossa primeira conversa, ele disse que seus planos eram ter uma maior estabilidade financeira para realizar a cirurgia de mastectomia masculinizadora, dar um maior conforto à sua família e conhecer o mundo por meio de viagens.

## **2.3 Glauber**

Glauber tinha 32 anos, morava na cidade de Tianguá/Ceará, sendo sua cidade natal, Santana do Acaraú/Ceará. Ele é técnico em recursos humanos, começou a fazer radiologia, mas não gostou do curso. Ele morava com sua companheira e a mãe dela. Eles já estavam juntos há mais de dois anos e pretendiam oficializar a união. Na época em que conversamos na entrevista, ele estava estudando para o concurso dos Correios, pois era isso que pretendia fazer. Caso não passasse, tinha a intenção de voltar a morar em Fortaleza/Ceará. Ele já havia morado nessa cidade anteriormente e pretendia voltar para trabalhar e conquistar outros sonhos. Por sermos da mesma cidade natal, foram lá nossos primeiros encontros, na época em que iniciei minha primeira pesquisa, a qual não dei prosseguimento.

Glauber foi criado pelos avós paternos e tinha um relacionamento bastante complicado com o pai, que estava no momento da entrevista com câncer. Lembrei-me desta relação que, na época em que saíamos para conversar na cidade em que residimos, ele me contava o quão complicada era a relação com o pai, lembro dele relatando que o mesmo chegava a ameaçá-lo. Glauber relata que seu relacionamento familiar sempre foi difícil, pois não aceitavam seu modo de se vestir e ser.

Ao falar sobre a nova cidade em que estava morando, Glauber diz que não havia cidade mais conservadora do que Tianguá, e, devido a isto, era mais difícil ainda para ele conseguir emprego. Disse que já havia tentado de todo modo, mas era muito difícil contratarem pessoas LGBTQIA+. Em relação à cidade em que morava anteriormente, ele alega: “Santana pelo menos é mais encoberto, né? Aqui é escancarado. Então é racismo, é homofobia, transfobia, tudo escancarado.” Ele também mencionou que a mãe de sua companheira não apoiava o relacionamento dele com a filha, mesmo morando juntos, e que ela não fazia questão de ocultar sua discordância com o vínculo.

#### **2.4 Jonas Maria**

Jonas Maria era do interior de Minas Gerais, na cidade de Caxambu, e tinha 33 anos. Ele se mudou para São João del-Rei, Minas Gerais, onde fez faculdade e se formou em Letras. Fazia uma pós-graduação com especialização em Mídia, Informação e Cultura e morava em São Paulo já havia 6 anos, com a sua companheira. Ele trabalhava como criador de conteúdo nas mídias (YouTube, Blogs, Instagram, Clube de leitura, etc.), entre seus principais conteúdos encontravam-se temas sobre transexualidade, narrando sua própria experiência trans, literatura e cinema. Além disso, palestrava e participava de mesa de eventos. Jonas contou que se mudou para São Paulo para morar com sua namorada, com quem tinha um relacionamento à distância por 5 anos. Em relação à religiosidade, por não seguir nenhuma religião, se considerava ateu.

Ele relatava que não mantinha tanto contato com familiares também por conta da distância, a não ser com a mãe, com quem tinha assuntos mais cotidianos por celular, já que ela ainda morava em Caxambu. Entretanto, não falavam sobre sua transexualidade. “Ela não lida muito bem, ela sabe porque já falaram para ela. Não fui eu que falei, inclusive. Ela descobriu, até porque estou na internet, as pessoas veem e tudo mais. Mas converso com ela diariamente.” Em relação à sua juventude, Jonas diz que desde muito cedo era chamado de sapatão, e ainda que não soubesse o significado da palavra na época, sabia que era chamado assim com intuito de ser insultado, era um termo usado pejorativamente. Conforme ele, esse termo já era visto

como um sinal de um movimento de gênero, ou seja, já não correspondia ao que se esperava do gênero feminino.

Referindo-se à produção de conteúdo e planos, Jonas constatava que já deixou de produzir por conta do receio com *haters*, de seu conteúdo ter um alcance fora de seu nicho de seguidores, e isso o desanimava. Além dos ataques às pessoas LGBTQIA+ que vêm de movimentos mais conservadores, ele apontava que muitas vezes o ataque vinha da própria comunidade. Apesar de encontrar no debate e na divergência de opiniões um ponto de ampliação e fortalecimento dessas discussões que são importantes, o ataque, ao contrário, enfraquecia o ativismo nas redes. Sua intenção era ampliar suas relações digitais, como, por exemplo, o clube de leitura, e promover encontros pessoais. Também planejava fazer um mestrado. Em uma de suas últimas produções, estava com um programa com Louie Ponto pelo Dia TV, um canal de televisão brasileiro via streaming. “Recentemente tive um programa que fiz com a Louie Ponto, a qual é outra criadora de conteúdo lésbica, onde a gente fala sobre literatura e cinema. E não necessariamente é um programa sobre pautas LGBTQIA+, a gente fala um pouco disso, mas não é o foco.”

## **2.5 A vida nas cidades interioranas *versus* grandes centros urbanos**

Após fazer esta breve apresentação dos interlocutores, começo por traçar paralelos entre as suas narrativas, apresentando os contextos de onde eles partem em relação aos lugares nos quais eles vivem/viveram, a partir do que eles descreveram nas entrevistas. E, assim, refletir sobre essas vivências e as nuances apresentadas nas suas experiências nas cidades em que vivem. Aqui, não haverá uma definição fixa entre cidade de pequeno, médio ou grande porte, entendendo que essas categorizações nem sempre correspondem à realidade da vida urbana. No entanto, com o intuito de fazer comparações e correlações, recorrerei às palavras “cidades interioranas e os grandes centros urbanos” dos estados aos quais pertencem cada interlocutor. Antes, contudo, é preciso pontuar que essas experiências não podem ser unificadas e apresentadas como experiências equivalentes:

O interior carece de análise a partir das situações e dos contextos próprios, pois não está dado que a experiência urbana é uniforme e singular, cabendo, logo, questionar se as categorias pensadas a partir da e para a metrópole e os grandes centros urbanos conformam aquilo que se conhece como interior — e cabe ainda refletir sobre como o interior impinge na metrópole, reelaborando-a, ressignificando e transformando as suas formas de se constituir como tal. (Domingues; Gontijo, 2020, p. 63)

Significa dizer que, apesar de serem pontuadas enquanto cidades do interior e capitais e/ou centros urbanos, essas cidades não são homogêneas e, por serem classificadas como tal,

não apresentam necessariamente as mesmas características. Tendo isto em cena, começo por entender os trânsitos e as histórias dos interlocutores, desde onde nasceram e seus caminhos até o lugar que vivem no momento da pesquisa.

Gaell vivia em Bangu desde criança, ele define essa área como uma comunidade do Rio de Janeiro, e faz uma crítica sobre como a cidade é vista por outras pessoas que não vivem nesse lugar: “tem gente que acha que o Rio de Janeiro é só Cristo Redentor e o Bondinho. Não, tem as comunidades que é onde eu moro. Moro numa área de comunidade. Também tem áreas periféricas e favelas. Onde moro não é favela nem periferia. Moro numa comunidade. É mais tranquilo.” Nesse sentido, ele faz uma diferença entre favelas, periferias e comunidades, de acordo com suas palavras: “Então, como a gente chama, a favela, no caso, é a boca do ovo, onde tem as barraquinhas de droga, você vê as pessoas andando armadas livremente, entendeu? As periferias são o mesmo. E aqui onde moro, tem comunidade, é o pessoal light, é o pessoal que não anda armado, não tem droga por aqui. É tranquilo na parte em que moro”.

Com essas palavras, percebe-se que ele infere a comunidade a partir de certos pontos de diferenciação, entre o que tem nas periferias e favelas que não se encontra nas comunidades. Gael faz uma representação do local em que vive a partir de algumas referências que usa para definir esses espaços sociais, sendo assim, o espaço social também é moldado e representado pelos sujeitos que ali habitam. Lefebvre (2006) discute sobre as construções do espaço social, a partir de múltiplos fatores e produtores, individuais e coletivos; e como as formas de ocupação e representação do espaço ajudam a pensar o quanto os espaços são construídos pelas relações que ali acontecem e pelas representações que os sujeitos fazem daquele lugar. O espaço de representação é descrito com as seguintes palavras: “O espaço de representação se vê, se fala (...) De sorte que ele pode receber diversas qualificações: o direcional, o situacional, o relacional, porque ele é essencialmente qualitativo, fluido, dinamizado” (Lefebvre, 2006, p. 70).

Deste modo, retornar às falas dos lugares de onde partem os interlocutores a partir de suas narrativas não seria somente fixar geograficamente cada um, mas, sobretudo, descrever as representações que eles fazem e entender esses espaços a partir de suas perspectivas. Marcelo conta que nasceu e se criou em Salvador, mas no momento da pesquisa morava em Simões Filho. “Sou soteropolitano. Mas atualmente moro em Simões Filho, que é uma cidade da região metropolitana de Salvador. Fica a 20 quilômetros de Salvador. Mas sou nascido e criado em Salvador, me mudei depois que casei com a minha esposa.” Ao longo do nosso diálogo, Marcelo não abordou muito as suas relações com o local, mas deixou claro que era mais desafiador para

a população trans obter assistência médica gratuita, especialmente em relação a cirurgias e hormonização, além de conseguir emprego, especialmente por ser um homem trans.

Essa dificuldade de se conseguir emprego na cidade foi um dos pontos que Glauber trouxe na nossa conversa, em relação às cidades em que ele já havia morado. Ele nasceu e cresceu na cidade de Santana do Acaraú, no interior do Ceará, depois foi morar um tempo em Fortaleza, capital, e, logo depois, durante o período da pesquisa, residia na cidade de Tianguá, também no interior do estado. No entanto, em todas as nossas conversas, ele apontava o desconforto em residir nessa cidade, principalmente relacionado às violências e ao conservadorismo. “Tianguá é uma cidade pior do que Santana. Aí vim para a mais homofóbica, transfóbica da região. Sim, o pessoal aqui é extremamente... emprego aqui, o pessoal desse tipo (população LGBTQIA+) não tem. Se não for se prostituir.” Em outro momento, ele acrescentou que as cidades vizinhas são mais acolhedoras: “Aqui, eu tenho costume de falar que a gente ainda vive em 1981, por aí. Dou graças a Deus quando vou para o Ubajara ou Viçosa. Viçosa e Ubajara são mais desenvolvidas do que aqui. Lá tem o jogo do pessoal trans, né? Tem inclusão. Aqui, onde o prefeito tentou fazer inclusão dessas coisas, a população não quis. Aí fui lá e comentei: 'De dia é contra os transexuais, mas de noite, na festa, vivem atrás.’” Ele fala que existem várias ocorrências de violência contra as mulheres e as pessoas LGBTQIA+, porém as denúncias nunca são feitas. “Aqui eles gostam muito de matar pessoas no meio, né? Minha esposa fica até com receio. Nesses dias, mataram uma mulher lésbica lá perto de onde eu trabalhava. Ela sumiu quando faleceu. E também não teve nenhuma denúncia, nada. Matou, morreu. Nada.” Nesses aspectos, o que Glauber apresenta é que o problema não é de fato a cidade ser do interior, até mesmo porque ele comentou que as cidades vizinhas são mais inclusivas em relação à população trans. O que ele demonstrou nessa fala e em outros momentos é que a cidade possui características “atrasadas”, com violências silenciadas e conservadorismo extremo.

Em suas experiências de emprego, na nossa primeira conversa, ele relatou haver conseguido um emprego no canil. “Aqui eu só encontrei emprego devido a uma mulher que é bem inclusiva, ela tem um canil e só contrata gente do mundo colorido. Ela é a única pessoa que bem-dizer, só contrata gay, lésbica e trans, só ela mesmo. Ela diz que tem mais afinidade.” Já na segunda entrevista, Glauber também havia arranjado um emprego na cidade com vendas e disse que, devido ao chefe de sua filial ser um homem gay, ele se sentia mais aceito por isso. Glauber já tinha saído desse emprego quando conversamos. Ele relatou algumas ocorrências que o fizeram sair, mas entre os motivos está o desejo de passar em um concurso, quem sabe

voltar a morar em Fortaleza, e voltar a fazer a terapia hormonal. “Mas se tudo der certo, se eu voltar para lá (Fortaleza) e passar no concurso, eu vou atrás novamente (acompanhamento pelo SUS)”.

Esse fator é predominante nas falas dos interlocutores, que já viveram ou vivem em cidades mais interioranas, e buscam por acesso a acompanhamentos terapêuticos nos grandes centros urbanos. Jonas nasceu em Caxambu, cidade do interior de Minas Gerais, e depois ele mudou para São João Del-Rei, no mesmo estado, para cursar Letras. Logo depois, ele se muda para São Paulo para morar com sua namorada. Ao se referir ao estado mineiro, comenta sobre o forte catolicismo ali estabelecido: “Minas Gerais é um estado bastante católico, né? A religião é muito forte. Apesar de as pessoas não serem muito fervorosas assim.” Esta imagem do estado e da cidade em que Jonas vivia tem profunda relação com as experiências que ele teve nesses locais, portanto, tem a ver com o abordado anteriormente, sobre as representações que fazemos do lugar de onde somos/viemos.

Em relação ao conservadorismo nesses lugares, através das narrativas de Jonas sobre Caxambu-MG e Glauber de Tianguá-CE, há um forte destaque para entender os interiores e/ou cidades que não fazem parte das grandes metrópoles, como zonas primordialmente mais conservadoras. Entretanto, o que podemos perceber é que não necessariamente há uma predeterminação sobre conservadorismo nas cidades mais interioranas, o que ocorre são múltiplos fatores e contextos históricos que poderiam nos levar a entender os relatos apresentados pelos interlocutores. Assim sendo, caberia entender quais processos históricos levaram essas cidades a apresentar características mais ou menos religiosas, e/ou mais ou menos conservadoras. Domingues e Gontijo (2021), apontam a reflexão dos processos históricos de produção da configuração dos interiores, a partir dessa definição de centro em relação a interior, e mais, como se apresentam as múltiplas formas de conservadorismos, ou seja, para ele há uma produção homogênea nem fixa do que sejam cidades interioranas:

Não parece existir uma história única sobre o interior do Brasil, pois não haveria uma formação social única para definir interior, nem uma identidade nacional homogênea ou, enfim, um sentimento único de pertença, embora haja a imposição de modelos identitários e de pertença que têm o objetivo de se tornar hegemônicos. (Domingues; Gontijo, 2021, p. 74)

Nisto é relevante trazer a circunstância de Gael, que vive em um contexto familiar religioso e conservador, morando em uma cidade considerada uma metrópole brasileira. Nesses casos, não temos como generalizar as experiências vivenciadas pelos interlocutores em contextos religiosos/conservadores, enquanto contextos interioranos ou metropolitanos. As cidades apresentadas por Glauber como mais acolhedoras, Ubajara e Viçosa do Ceará, também

se caracterizariam como interioranas, porém apresentam configurações mais plurais em relação às experiências que ele observou.

Entretanto, considerando o acesso aos procedimentos terapêuticos, é notório dizer que contextos citadinos das capitais ou grandes centros urbanos tendem a apresentar melhores condições de atendimento às populações trans do que em cidades mais afastadas desses polos. Segundo uma matéria do Brasil de Fato<sup>7</sup> (2025), “Apesar dos avanços, o acesso continua desigual. O Brasil possui 27 unidades habilitadas para o Processo Transexualizador, com a maioria concentrada nas regiões sul e sudeste e em capitais, deixando outras áreas com baixa cobertura.” Essas abordagens serão melhor pontuadas no capítulo 3, que contará as experiências de Gael, Jonas, Marcelo e Glauber nesses itinerários terapêuticos.

Vimos aqui abordagens em relação a alguns trechos que os interlocutores trouxeram sobre seus trânsitos e percepções pelas suas respectivas cidades e estados brasileiros, refletindo sobre as concepções de cidades interioranas e os grandes centros urbanos, a partir dessas experiências com a vida cidadina. Tendo essas reflexões em pauta, é que iniciaremos um mergulho nas relações familiares apresentadas por eles. No próximo tópico, a intenção é explorar as várias nuances que eles descrevem sobre essas relações familiares e afetivas, entendendo, principalmente, que as relações familiares não se limitam somente às consanguinidades e/ou concepções forjadas do que seja uma família.

## **2.6 Afetos, acolhimento e as relações familiares**

Durante a apresentação de cada interlocutor, houve uma breve descrição das relações familiares e afetivas de cada um. Portanto, essas novas pontuações sobre o tema têm por finalidade aprofundar sobre o assunto e refletir sobre as relações de parentalidade, familiaridade e as afetividades de Marcelo, Glauber, Gael e Jonas. A partir disso, analisar os processos de acolhimento por parte da família ou mesmo não aceitação de suas identidades e como isto se relaciona às normatividades de gênero. Primordialmente, entender as subjetividades que se apresentam para cada um, mas também selecionar pontos em comuns de suas trajetórias que possam refletir maiores complexidades dessas relações, conforme são elaboradas em suas falas.

Jonas conta que seus pais se separaram algumas vezes, e nessas separações sempre morou com a mãe. Fala que o pai já é falecido e que a relação com a sua mãe, atualmente, por não morar na mesma cidade/estado, ocorre mais remotamente, por chamadas telefônicas. Ele

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/03/31/ampliacao-de-atendimento-a-pessoastrans-no-sus-esta-parada-ha-tres-meses/>, acesso em: 29/04/2025

narra que ela sempre foi uma pessoa católica. “Minha mãe ia à missa, mas é aquela... seguia a igreja mais ou menos, mas era o suficiente para ela perceber que tinha alguma coisa que não ornava, de acordo com o ditado pela religião, do que era ditado pela sociedade, do que era ditado também pela família”. Aqui ele se refere aos comportamentos de sua infância que não eram ditos “adequados” para o que se esperava de uma menina, e, devido a isto, sempre havia uma cobrança por parte da mãe: “Então sempre levei uma certa pressão desde pequeno para seguir um certo comportamento que eu não seguia.” Enquanto a relação com o pai, não havia um enfrentamento, ou mesmo conversa sobre o assunto, ele aponta:

Em relação ao meu pai, em relação a questões de gênero, nunca foi necessariamente uma questão, a gente não conversava sobre isso, a gente não lidava com essa questão, até porque também na adolescência isso começou a ficar mais forte, quando entro na puberdade, quando tem a primeira menstruação, e aí há uma pressão ainda maior de seguir certos comportamentos, de me vestir de certas formas, e isso muito por parte da minha mãe.

Assim, a declaração de Jonas espelha a interação entre ele e sua mãe no começo da puberdade, que se transformou em um período de conflito. De um lado, havia a pressão de sua mãe para que ele se comportasse conforme o esperado para o gênero feminino, e, simultaneamente, o fato de ele não atender totalmente a essas expectativas de gênero. Ele ainda acrescenta que essas relações familiares fizeram com que ele cedesse em relação a como gostaria de se expressar naquele momento, mas também não preenchesse todas as expectativas que tinham sobre ele. “Em relação à família, basicamente sempre foi essa tensão, eu nunca me expressei 100% da forma como eu queria, mas eu também não cedia 100%, então havia ali uma tentativa de negociar o que eu poderia me expressar sendo uma pessoa que estava sob a tutela dos pais, eles controlavam o que davam ou não para fazer”. É necessário pontuar que Jonas, nesse momento, ainda não tinha compreensões acerca de assuntos sobre transexualidade, isso só vai acontecer quando ele entrar na faculdade, assunto que será trazido no capítulo seguinte.

Essas questões sobre as expressões dos interlocutores e as reações de suas famílias acabam se aproximando em certas medidas. Glauber morou desde criança com a sua avó e afirma que nunca era totalmente aceito por seus pais. Durante a adolescência, ele conta que também não correspondia ao que era esperado pela sua família, e que ao sair para festas com uma de suas tias, ela tinha vergonha ao andar com ele. “Teve um momento na minha adolescência em que eu evitava sair com a minha tia porque dava para perceber que ela tinha vergonha, porque as filhas das amigas dela já estavam tudo namorando ou já eram casadas. E eu, de cabelo cortado e tudo, e ela não gostava que eu fosse para as festas com ela... essas coisas.” Em relação à avó, Glauber me falava que se sentia mais acolhido, pois ela o aceitava

em casa. Inclusive, ele levava a namorada para casa dela. Enquanto o pai e a mãe eram mais distantes, em uma de suas falas, Glauber aponta para a relação bastante conflituosa com seu pai: “Ele disse que morri para ele, depois que resolvi sair do casulo.”

Nesse momento da entrevista, ele morava com a sua companheira e a mãe dela, que eram a sua família. Nessa relação, Glauber sempre fala do apoio de sua companheira e das relações tensas com a sogra, pois, apesar de aceitar morarem juntos, sempre o desrespeitava em relação à identidade de gênero. “A mãe da minha esposa reza para ela encontrar um homem de verdade. De vez em quando, aqui tem uns arranca rabos, que bichinho. E olha que quando eu trabalhava, eu pensei bancar a casa e ela ainda reclamava. Ela disse que tem que ter um homem dentro de casa, a segurança da casa”. Nesse sentido, mesmo “aceitando” morar junto, a sogra não considera Glauber como um real companheiro da sua filha, e está sempre questionando o fato de haver um “homem de verdade” na casa. Ele disse que em casa, com a sogra e para os conhecidos de sua companheira, ainda não o veem como homem, e dizem para sua companheira arranjar um “homem de verdade”, inclusive, o ex-marido dela. Em um dos momentos de nossa conversa, Glauber contou um momento em que se sentiu desconfortável em relação a um tio de sua companheira que chegou a perguntá-la quando ela iria arrumar um namoradinho. “Sim, aí ele perguntou isso, comigo do lado. Aí ela falou, 'tá aqui. Ele ficou todo sem jeito.”

Na família de Gael, ocorrem semelhanças em relação à não aceitação de quem ele é, inclusive de chamá-lo sempre com pronome feminino e seu nome de nascimento. Várias vezes ele me relatou conflitos com sua família, por não lhe acolherem da maneira como ele gostaria. “Eles aqui não aceitam de forma nenhuma. Sou desrespeitado a todo momento, é ela, é o nome de batismo, é o não muda, ‘eu não vou mudar’, ‘você para mim é uma mulher’. Eu já cansei de lutar porque não vale a pena, né? Porque eles já têm a ignorância deles formada”. Gael mora com os pais adotivos e os irmãos, mas relata que sempre ouve comentários que o fazem se sentir constrangido e desrespeitado. “Viro e mexo, as pessoas da minha casa perguntam: mas como é que é um homem com a parte íntima, biológica de uma mulher e casa com outra? Aí faz aquelas perguntas que, infelizmente, eu tenho que responder, mas também não quero responder”. Dessa forma, ele conta que, apesar de morar com eles, está sempre esquivando o contato para evitar conflitos.

Hoje em dia, eu tenho contato mais raso com a minha família. Convivo com eles, mas, ao mesmo tempo, eu também não vivo com eles. É um contato onde do meu quarto para lá, eles vivem, do meu quarto para cá, vivo eu. Saem para jantar, para almoçar, retornam. E é sempre uma discussão, às vezes uma briga pelas mesmas questões. Tô sempre tomando pedradas por coisas que eu não tenho culpa. Por coisas que eles dizem ser uma escolha. Tá? E eles falam, ah, é uma escolha sua. Você escolheu. Cara, a gente não escolhe ter uma estatística de 35 anos de vida, sabe?

Gael ainda descreve que, apesar de seu pai não lhe tratar como gostaria, eles ainda mantêm uma relação de proximidade, conta de seu apego pelo pai e a forma como ele lhe trata: “E aí ele me defende do jeito dele, mesmo ele não apoiando, não aceitando, não me respeitando, ele me defende do jeito dele. Porque pai é pai, sabe? Amo o meu pai, cara. Se falo que não gosto do meu pai, é mentira.” Nesse aspecto, Gael se refere aos momentos em que o pai o defende quando ele entra em conflito com os irmãos, mas acrescenta que não consegue corrigir o pai quando lhe trata no feminino. “Me chama de minha princesa, neném, pitoquinho, essas coisas assim, sabe? Ele é um amor por mim. Meu pai faz das tripas coração para eu ter uma vida confortável. E isso meio que acaba me quebrando na hora de ter a mesma iniciativa que tive com as outras pessoas, tá?” Além do pai, diz que conseguia ter uma boa relação com a mãe biológica, apesar de ter crescido longe dela: “Quando cheguei para ela, eu falei: mãe, olha, você não tem uma filha, você tem um filho. E ela falou: Nossa, meu Deus, que legal. Porque ela não acompanhava a minha criação, sabe? Ela não tinha esse contato comigo. Mas ela sempre estava ali, né?”

Já a relação familiar de Marcelo, ele revela que houve rupturas e resistências quando ‘descobriu’ sua homossexualidade na época. Os pais de Marcelo são separados, mas narra que tinha uma boa relação com o pai em sua infância, e que logo após se ‘entender’, o pai passou dois anos sem falar com ele. “Ele não queria falar comigo por causa disso. E o mais chocante é que meu pai sempre me viu como uma figura masculina. Como sou o filho mais velho, eu sempre fiz tudo com meu pai. Então, eu sempre pesquei, a gente andava de kart, a gente jogava futebol. E ele sempre falava que eu era o filho homem que ele não teve”. Marcelo conta as dificuldades que teve para os pais lhe aceitarem, mas que se sente privilegiado por hoje ser aceito por sua família. “Foi uma batalha, assim, um pouco demorada. Não tão demorada quanto a de muitos colegas que, no meio das pessoas trans, eu me sinto privilegiado pela família que tenho, mas tive um certo embate até transicionar totalmente em respeito à minha transexualidade.”

Além da não aceitação por parte do pai naquele momento, Marcelo fala que houve muita dificuldade de aprovação também por parte de sua mãe: “minha mãe lutou de todas as formas possíveis para que eu não fosse o que ela sabia que eu era”. Ele diz que ela não o deixava escolher as roupas, pois sabia que escolheria roupas mais masculinas, e que isso lhe trazia sofrimento. Marcelo também fala da religiosidade da mãe, que acabou o levando à fé cristã durante o período da adolescência. Mas, aos 16 anos, quis sair da igreja, pois continuava desejando mulheres e entendia que aquilo não era considerado correto ali naquele ambiente. De

toda forma, o afastamento do pai foi aquilo que mais lhe abalou, pois tinham um elo forte e viviam juntos, enquanto a mãe, apesar da não aceitação, não se afastou dele. “Sofri bastante na adolescência. A minha mãe, por mais que ela achasse errado, nunca soltou a minha mão, nunca. Ela sempre esteve ali, falava: pô, meu filho, tenta mudar. Tentava, assim, entrar na minha cabeça, mas eu não, depois dos 16 anos, eu não conseguia mais ser o que eu não era”.

Apesar de essas narrativas ocorrerem em contextos familiares diferentes, há nessas falas a busca por acolhimento e compreensão no reconhecimento de quem se é. Quando Jonas fala sobre o distanciamento com a mãe, é possível perceber que esse distanciamento não ocorre somente por questões geográficas, há um distanciamento também pela falta de completa aceitação. Ao falar sobre o pai e as palavras que ele já lhe proferiu, Glauber também revela a profunda falta de acolhimento e o distanciamento que o pai criou entre eles. Da mesma forma, Marcelo, que teve um afastamento do pai por um período de 2 anos, era bastante próximo e tinha uma relação com afeição. Gael, por outro lado, vive com os pais e sente no cotidiano o desrespeito e as tensões por não lhe aceitarem por ser quem ele é. Nisto, é possível aludir que, apesar de os interlocutores ainda manterem suas relações familiares e terem contato com a família, não significa dizer que isso faz com que sejam respeitados e/ou acolhidos. Marcelo foi o único que falou que hoje a mãe o aceita, mas para isso houve muitos enfrentamentos.

As expectativas de gênero são parte da identidade de gênero. Ao nascer, ou até mesmo antes do nascimento, as palavras “é uma menina, é um menino” criam papéis, ações, sujeitos, modos, atos. Isso reflete em tudo que a família/responsáveis/sociedade esperam e/ou acreditam dos indivíduos, essas palavras/expressões produzem sentidos e criam realidades. Conforme discutido por Austin (1990) em seu livro *Quando dizer é fazer*, o título remete ao fazer das palavras, ou seja, as palavras não se limitam a expressar, elas também constroem/realizam.

Nesse aspecto, dizer-se de um gênero ou de outro é *fazer ser*, essas palavras não somente descrevem o sujeito como corpo x ou y, mas realizam expectativas sobre quem é aquele indivíduo. Conquanto, o sexo biológico não está implicado numa mera descrição do corpo, mas sim no fazer/dar sentido ao corpo, aquilo que nomeamos de gênero. Entretanto, essa diferenciação entre sexo e gênero não é tão distinta e muito menos desvinculada, é preciso ir mais além do entendimento do sexo como um dado biológico, portanto, natural, e o gênero, como construído, portanto, parte da construção cultural (Butler, 2021).

Com base nessa concepção de sexo como uma característica natural e gênero cultural, a discussão de Butler (2021) sobre o tema é relevante para esta reflexão. A autora questiona o gênero como uma performance contínua de repetição estilizada de atos. Ou seja, aqui ela

também retira o gênero como identidade fixa, pressupondo uma temporalidade social à qual este está vinculado. Ainda segundo a autora, seria problemático essas distinções entre natureza/cultura, as quais uma pressupõe a preexistência da outra, nessas condições uma moldaria a outra. “Contudo, o próprio conceito de sexo-como-matéria, sexo-como-instrumento-de-significação-cultural, é uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por ela sustentadas. (Butler, 2021, p. 74).

Ao retomar essas relações familiares e afetivas dos interlocutores, é interessante voltar ao que Glauber trouxe em sua fala a respeito da família da sua companheira não o considerar homem, mais ainda, um “homem de verdade”. Ao reproduzir esse discurso, fica explícito que essa fala é o reflexo do que é visto como um modelo hegemônico de masculinidade, o qual precisa antes corresponder ao corpo biológico, ser cisgênero, mas, além disso, possuir características que lhe conferem ser o *verdadeiro homem*. Esse discurso exclui o “ser homem” a homens trans, não binários, gays, etc., enfim, qualquer homem que esteja fora do discurso normativo do gênero masculino, estaria fora do que é um “homem de verdade”.

De acordo com Berenice Bento (2006), essas práticas que desestabilizam e fogem das práticas constitutivas desse roteiro são consideradas problemas individuais, portanto, ‘anormais’, porque quanto mais se distancia do que é considerado nas idealizações de gênero/sexualidade, cisgênero/heterossexual, mais distante está das normas da matriz reguladora. Para tanto, gênero deve ser colocado como categoria de estudo em relação à política dos corpos, em que é categorizado como deve ser esse corpo, quem deve habitar e o que pode fazer desse corpo. Os corpos são vistos a partir de como seja conveniente dentro desse roteiro de gênero; que corpos podem usar silicones, fazer cirurgias, ter cabelos x ou y, vestir certas roupas, participar da política, alongar cílios, usar maquiagens, se comportar de um jeito, e tantos outros comportamentos.

“É nessa circulação diferencial de fluxos de sexualização que se desempenha a normalização contemporânea do corpo” (Preciado, 2011, p. 13). Este autor desenvolve a teoria da normalização a partir do conceito de *sexopolítica*, como um modo de dominação de uma política sexual sobre os corpos (biopolítica). Esta, por sua vez, é desenvolvida no que ele chama de *capitalismo contemporâneo*: “Com ela, o sexo (...) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida” (Preciado, 2011, p. 11). Seguindo este pensamento, temos que o sexo também é político e faz parte das normas reguladoras de uma vigilância sobre o corpo, correspondendo

às demandas visuais/perfomáticas e até mesmo psíquicas em relação à divisão binária do masculino/feminino.

Dito isso, a família, como primeiro núcleo de integração de um indivíduo, na maior parte das vezes, será o primeiro enfrentamento para aqueles/as que não correspondem a essas expectativas de gênero, e até mesmo para aqueles que correspondem ao gênero atribuído no nascimento, mas não mantêm a *normatividade heterossexual*. Ao ouvir o relato dos interlocutores sobre as afetividades e a composição de novos núcleos de afeto, ficou explícito o papel das companheiras como forma de acolhimento, que, muitas vezes, não ocorreu na família.

Marcelo conta a importância que sua ex-companheira teve no período de sua transição e no acompanhamento de sua hormonização; Jonas também relata que a mudança de cidade para morar com sua atual companheira também o ajudou nesse processo. Enquanto Glauber fala do apoio que sua noiva tem em relação aos seus desejos de mudanças e hormonização. Na primeira conversa que tive com Gael, ele ainda estava namorando virtualmente e também relatou que a namorada lhe acolhia em suas intenções. Portanto, é importante destacar que nem sempre a acolhida virá do primeiro núcleo familiar. Frequentemente, amigos, companheiros/as e outras pessoas, até mesmo grupos virtuais de indivíduos com as mesmas experiências, farão parte dessa rede, conforme veremos mais adiante.

A partir das experiências relatadas pelos interlocutores neste capítulo, abordamos as suas narrativas sobre a cidade/estado a qual pertencem e, neste último tópico, trouxemos as suas falas sobre as relações familiares e afetivas, e o acolhimento em relação às suas transmasculinidades. O intuito foi analisar, a partir dessas narrativas, as influências que as normatividades de gênero podem causar em suas vivências nas relações primárias com a família. E o quanto essas expectativas sobre quem essas pessoas deveriam ser, ao invés de reconhecer e acolher quem são, causam distanciamento, rupturas, abandonos e, sobretudo, desrespeito. Ainda vivemos em um contexto que nega a existência de pessoas trans, e, nesse sentido, quando a própria casa não pode ser o lar, onde haverá de ser? No capítulo subsequente, os desenvolvimentos conectam as agências desses indivíduos, os percursos e processos de identificação, além das redes de suporte e integração que permitiram a (re)existência desses indivíduos.

### 3 TRANSIDENTIDADES: INFÂNCIA, RECONHECIMENTOS, REDES E OUTROS DIÁLOGOS

Ao longo deste capítulo, serão discutidos e apresentados temas que envolvam os processos de reconhecimento dos interlocutores da pesquisa. Navegando pelas narrativas de suas entrevistas, desde suas infâncias até o período em que eles se reconheceram enquanto homens trans; em composição a isto, analisar as redes de interações que fizeram/fazem parte destes contextos de suas vidas. Nesse aspecto, as questões que se apresentam para orientar os assuntos aqui abordados referem-se a: o que os interlocutores contam das suas infâncias que podem revelar que já havia um atravessamento de gênero? O que essas narrativas podem nos ajudar a pensar sobre transgeneridades na infância? Como foi o processo de identificação de gênero para cada indivíduo, e se existem pontos comuns nessas transições? Quais foram as interações possíveis nesse caminho, e o que elas revelam sobre esse percurso?

Antes, contudo, é necessário trazer alguns apontamentos para entender sobre transgeneridades na infância como um assunto relativamente complexo, tendo em vista a demarcação impositiva da cisgeneridade nos diversos círculos dos quais as crianças fazem parte, seja familiar, religioso, escolar e mesmo, o social. A identidade de gênero está sempre associada à normatividade cisgênera, portanto, não há como elaborar uma abertura para se pensar nessas transidentidades durante a infância sem pontuar essas relações primárias, como mapas que guiam comportamentos, identidades e dizem sobre quem são esses sujeitos; esses impactos atravessam os ideais do que socialmente é tido como certo/errado, definem condições de ser/estar no mundo, e o gênero está totalmente atravessado nesse fazer do que é ser masculino e o que é ser feminino. Tal como aponta Melina Martins (2023, p. 24):

Elucido aqui o processo primário de socialização que vivenciamos desde a infância, responsável por moldar a nossa subjetividade e imputar, a partir de noções biologizantes, quem somos em termos existenciais, impossibilitando a construção da identidade de gênero como algo experiencial, à medida que nos reconhecemos enquanto sujeitos.

Neste trecho, a autora aponta para a falta de alternativas de se experienciar os gêneros na infância. Ao contrário disto, as noções sobre o corpo biológico determinam que comportamentos e quem aquela criança pode ser/fazer. Que roupas deve usar, quais brinquedos deve ter, a “liberdade de se expressar” está contida em relação a ser menina/menino, conforme o sexo da criança. Entretanto, o que percebemos nos relatos dos interlocutores é que suas expressões de gênero na infância fugiam das propostas do gênero identificado nos seus

nascimentos e, devido a isto, já havia ali uma vigilância para que eles não fugissem da “normalidade” que lhes era imposta.

Gênero, sob este aspecto, precisa antes ser questionado quanto à naturalidade de ser cisgênero como “identidades normais”, ou seja, que permaneceram na conformidade do que foi estabelecido no nascimento. Assim, a infância, como esse lugar de “não escolha”, está atravessada por essa normatividade cis, e por isso, quando se fala sobre crianças transgêneros, há ainda maior instabilidade social da negação dessas identidades. A cisgeneridade é entendida como o natural, o normal, e a transgeneridade algo a ser vigiado: “a questão acerca da identidade de gênero é que por muito tempo tratou-se da transexualidade e/ou transgeneridade, mas nunca de cissexualidade ou de uma cisgeneridade. Ou seja, a pessoa poderia ser trans ou não-trans, ou “normal” (Ferreira, 2021, p. 372–373).

### **3.1 Reconstruindo as memórias da infância**

Apontando para estas reflexões, vamos retomar as narrativas trazidas pelos interlocutores em relação a momentos de suas infâncias, e o que eles relatam de seus entendimentos nessa etapa de suas vidas. Voltar nessas narrativas é propor olhares que partem do hoje, de como Jonas, Gaell, Glauber e Marcelo retratam e reconectam com suas infâncias e como elas são reelaboradas em suas falas. Portanto, as possíveis leituras que fazemos aqui requerem sensibilidade no entendimento dessas fases de suas vidas, da forma como são lembradas, e ainda, em que elas podem contribuir na compreensão dos caminhos de identificação de gênero pelos interlocutores da pesquisa. Sem a essencialização, ou generalização, do que seja uma infância trans ou cis, que possamos pensar para além das fronteiras desses marcadores, a partir de perspectivas das possibilidades do ser criança.

Ao falar sobre sua infância e os processos de identificação, Glauber relata que lembra dos momentos em que jogava futebol e também gostava de se vestir como menino. “Eu sempre queria estar com os meninos, sempre, andando de bicicleta, brincando de bola, me vestindo como eles, né? Aí, no tempo, as meninas começaram a me chamar de Glauber. É o rapazinho da turma.” Ele conta que jogava futebol com as meninas, mas que, devido à forma como jogava, elas não o incluíam nos jogos. “Às vezes eu jogava com as meninas, mas elas não gostavam porque eu era muito bruto... me tiravam do time feminino porque uma vez fracturei a perna de uma menina, eu dei um carrinho, eu confundi, pensei estar jogando com os meninos.”

Nesse pensamento, questioneei se ele lembrava de algum momento em que começou a entender que não agia consoante o esperado em relação às atribuições do gênero feminino; ele

recorda que, aos dez anos, quando sua família ia à missa, ele aproveitava o momento para se vestir com as roupas dos primos, e também quando os “intrusos” (seios) começaram a crescer, ele começou a se sentir mal:

Quando meus intrusos começaram a nascer, eu fiquei indignado da vida. Porque eu gostava de andar sem blusa, e fiquei chateado quando começou aquela coisa de crescer. Aí comecei a ficar com vergonha de brincar com os meninos, essas coisas. E os meninos já começavam a frescar comigo, assim, já querendo outras coisas, né? Aí eu, não, venha não.

Glauber afirma que sua sexualidade também foi parte do entendimento sobre si: “Eu, primeiro, quando eu era menor, eu dizia ser bissexual. Aí, quando passou o tempo, eu disse ser lésbica... Mas eu dizia ser bissexual mesmo, só para a minha família parar de encher o meu saco”.

Em relação ao Jonas, ele considera que teve uma infância regular, mas entende que já havia nesse período de sua vida um atravessamento de gênero, dos quais não eram esperados para uma menina:

Pensando em questões de gênero, sempre fui atravessado desde pequeno, sempre demonstrei alguns comportamentos que para a sociedade não eram adequados para uma menina. Sempre fui um pouco mais masculino, sempre tive interesses considerados masculinos. E aí, por conta disso também, sempre fui muito... sofri um certo bullying na escola. Minha mãe também nunca soube lidar muito bem.

Ele conta sofrer uma pressão para corresponder a determinados comportamentos ditos femininos e que, como não correspondia totalmente a essas demandas/expectativas, foi chamado de sapatão desde muito cedo. “Desde muito jovem eu era taxado como sapatão, né? Mesmo sem saber o significado de sapatão. Eu sabia que era algo negativo, porque existia ali um tom pejorativo, um tom de deboche, de insulto. Mas eu não entendia o que era.” Jonas acredita que não seria necessariamente a sexualidade que estaria em realce no fato de o tratarem como sapatão, já que ele mesmo nem sabia sobre o termo, nem entendia sobre sexualidade. O que ele propõe é que já existia o atravessamento de gênero: “Então, entendo que existiria um atravessamento de gênero que era anterior à questão da sexualidade.” Ou seja, ao ser chamado de sapatão, já havia um apontamento de gênero, indicando existir ali características que fugiam do esperado para a chamada feminilidade.

Enquanto Gael afirma ter sido uma criança trans, apesar de não saber o que isso significava nessa etapa de sua vida: “Fui uma criança trans, mas nos anos em que eu vivia, na minha época, eu ainda não sabia o que era. Fui uma criança trans, eu tive uma infância de uma criança trans, eu sempre tive a minha cabeça em um rapaz, sempre fui trans, sempre, sempre”. Ele enfatiza que, apesar de não saber nada sobre ser trans, ou mesmo cis, sempre se sentia um menino, e isso refletia nas brincadeiras, onde nunca queria representar papéis femininos, mas

sempre masculinos. “Até nas brincadeiras que a gente brincava, ninguém queria ser o pai, eu era o único que me oferecia. Não, eu quero ser o pai, eu quero ser o pai. Quero ser o filho, eu não quero ser a filha. E eu sempre vivi nesse corpo que, infelizmente, me trouxe muita dor”. Ele acrescenta que sabia ser menino, não sabia que isso significava ser trans, não sabia o seu nome, mas sabia quem era: “Como eu disse, desde criança eu já sabia que era diferente, tá? Sempre tive a minha cabeça no rapaz. Não sabia quem, não sabia o nome, mas sabia que era.”

Marcelo conta que, durante a infância, não tinha tantas questões com seu corpo, que gostava de brincar sem camisa, jogar futebol com os meninos, mas depois já não se reconhecia como a pessoa que começava a se desenvolver. “Como falei, desde que me entendo como gente, não me reconhecia como aquele ser que começou a se desenvolver. Enquanto criança, eu nunca liguei muito, nunca tive muita importância com a parte corporal”. Ele nota que foi após começar a gostar de representar nas brincadeiras papéis masculinos que começou a se questionar o porquê de sempre querer representar o gênero oposto daquele que lhe era designado no nascimento.

Porém, na minha infância, a gente, eu e os meus primos, costumávamos brincar muito de novela, peças, essas coisas, onde você faz uma família ali. E eu sempre queria ser um homem nessas brincadeiras. Sempre eu quis ser uma figura masculina. Não, eu vou ser o pai, eu vou ser o irmão. Eu nunca tinha a questão de ter um personagem feminino. Então, foi quando comecei a perceber que era estranho, né? Pela... como posso dizer? Pela forma que nasci, né? No gênero em que nasci, eu queria o tempo todo estar sendo o gênero oposto, era estranho. Mas, ainda assim, como criança, não desconfiava assim, mas eu sempre tinha aquele desejo. Poxa, eu queria ter nascido menino. Sempre, sempre tive esse pensamento. Eu queria ter nascido menino.

Marcelo relata que, apesar de se entender naquele momento como menina, seu pensamento e vontade eram pertencer ao gênero oposto, e isso se refletia nas suas brincadeiras de infância. E, devido a isto, não era tão ruim, porque ele conseguia brincar e representar aquilo que gostaria de ser, até a fase quando começa o processo de desenvolvimento na pré-adolescência, na qual a mãe lhe proíbe de fazer coisas que ele gostava.

Quando comecei a desenvolver, né, assim, lá pelos 10, 9 anos, começaram os intrusos a crescer, né, e aí minha mãe viu que eu não podia mais ter aquele tipo de atitude que eu tinha. De ficar andando com o menino, jogando bola. E aí foi a fase que eu mais sofri, né? Foi quando minha mãe falou: não, você não pode fazer isso. Isso não é coisa de menina. E aí eu pedia ao Papai Noel que, quando eu era criança, a gente tinha essa tradição de fazer cartas para Papai Noel, que eram meus pais, eu não sabia. Eu sempre pedia a Papai Noel bola de futebol, skate. E eu achava estranho, porque Papai Noel sempre me dava o contrário. Me dava uma boneca, me dava um jogo de cozinha. E eu falava, mas por que Papai Noel faz isso comigo?

Nessas abordagens, principalmente de Marcelo e Gael, eles revelam que as brincadeiras de representação/interpretação eram o lugar pelo qual eles realizavam papéis que lhes eram confortáveis, havia ali uma busca pela representação de papéis relacionados às masculinidades.

Isto, por si, não significa dizer que qualquer criança que queira experimentar papéis opostos do gênero indicado do nascimento, se identifique com o gênero representado nas brincadeiras, mas revela que as crianças, ao brincar, representam o gênero a partir dos papéis que vivenciam em seu meio. E, nesse aspecto, quando eles falam que se sentiam mais “adequados” nessas representações masculinas e/ou quando participavam de brincadeiras ditas de “meninos”, havia indícios de um conflito em relação ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento.

É importante pontuar que o termo representação está sendo utilizado tal como abordado por Xavier Filha (2011, p. 597), indicando que: “as representações ganham sentidos e materialidade na linguagem. Esses sentidos são construídos socialmente e compartilhados pelos sujeitos.” Assim, as representações empreendidas pelas crianças na infância são constituídas de um processo de linguagem, de cultura, de como elas representam o mundo/a comunidade em que são socializadas, intervindo em suas subjetividades. Contudo, não significa dizer que esse “representar” não possui agência de transformação e/ou reelaborações. E é nesse aspecto que a autora propõe que o gênero possua uma pedagogia, e as crianças, ao terem contato com as condutas de gênero, também são produtoras nessas composições.

Desde que nascemos, estamos interagindo com as mais diversas pedagogias de gênero, que indicam a forma ideal de se viver o masculino ou o feminino. As cores rosa e azul constituem elementos da pedagogia de gênero que demarcam corpos e condutas de menina e de menino. Os sujeitos interagem com essas pedagogias, dialogando com elas, aceitando-as, rejeitando-as, confrontando-as, de forma ativa. (Xavier, 2015, p. 17).

Assim, podemos perceber que Jonas, Gael, Marcelo e Glauber, ao revisitar essas lembranças de suas infâncias, expressam uma aproximação com o gênero masculino, conflitando, subliminarmente, com o gênero feminino que lhes foi atribuído ao nascer. Cada um identifica esse conflito de uma forma: as aproximações em relação às representações masculinas nas brincadeiras, como Marcelo e Gael; Jonas ao considerar que seus interesses eram mais voltados a aspectos masculinos; e Glauber, ao se sentir mais livre e à vontade ao brincar junto de meninos e vestir-se como menino. Zanette e Felipe (2017) são autores que se debruçam a estudar os enigmas da infância com mulheres e homens trans, em relação às narrativas que elas/es trazem de suas infâncias. Os autores denotam que, por conta da impossibilidade de reafirmar suas vontades, muitas vezes reprimidas no âmbito familiar, essas crianças criam táticas para desestabilizar o gênero:

Diante dessa impotência e falta de autonomia para posicionar-se perante a sociedade, nota-se que as crianças, mesmo assim, criam estratégias de subversão por meio das brincadeiras e do imaginário, o que as fortalece enquanto sujeitos, desestabilizando os scripts de gênero construídos socialmente. (Zanette e Felipe, 2017, p. 30)

A partir dessa ideia, é relevante trazer ao texto alguns questionamentos referidos sobre de que modo crianças e adolescentes que não correspondem às expectativas da cisgeneridade e da heterossexualidade compulsória poderiam encontrar amparo. Refletindo sobre isto, as provocações de Preciado (2013, p. 96) produzem inquietações para se pensar a respeito dessa temática: “Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero?” Como vimos no capítulo anterior, a família nem sempre é um lugar de acolhimento, a escola pode ser um lugar de sofrimento, e a sociedade geralmente torna-se um lugar de julgamento. Conquanto, onde se encontram os direitos e a liberdade dessas crianças e adolescentes?

Com essas questões em mente, vemos a necessidade do debate sobre o assunto, de trazer essas abordagens, no sentido de ampliá-las, de jogar luz sobre essas responsabilidades sociais. Essas crianças existem e elas necessitam de amparo legal, social e educacional. Essas informações sobre crianças e adolescentes transgêneros estão carregadas de muito preconceito e transfobia. Segundo o site de notícias Terra<sup>8</sup> (2023), há uma ala conservadora disseminando informações falsas sobre o assunto, promovendo a desinformação, o retrocesso e a reverberação negativa dos direitos dessa população. Atualmente, no Brasil, segundo a Resolução do Conselho Federal de Medicina n.º 2.427/2025, as cirurgias de transição de gênero só podem ser realizadas a partir dos 21 anos, e a terapia hormonal a partir dos 18 anos. Anteriormente, essa idade era reduzida para 16 anos na terapia hormonal e 18 anos para realizar cirurgias. Além disso, era permitido o uso de bloqueadores hormonais da puberdade para adolescentes trans que quisessem retardar os efeitos hormonais, e com essa nova resolução fica restrito esse tipo de intervenção.

Tendo como prospecto as narrativas dos interlocutores e as discussões aqui indicadas, retomo a reflexão pontuada em outro texto por Xavier Filha (p. 20–21, 2015), em relação “às incógnitas” que a falta de conhecimento sobre a sexualidade e gênero na infância reverberam em pânico moral e disseminação de argumentos rasos: “O ato de falar, a altos brados, revela desconhecimento sobre a construção da infância, dos conhecimentos sobre a criança, sobre sua sexualidade e gênero.” Em continuação a esse argumento, ela indica a importância dessas

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.terra.com.br/nos/paradasp/5-mitos-sobre-transicao-de-genero-decriancasadolescentes,2100c42dbd488055aaa80607abb973dfnc43pd50.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/nos/paradasp/5-mitos-sobre-transicao-de-genero-decriancasadolescentes,2100c42dbd488055aaa80607abb973dfnc43pd50.html?utm_source=clipboard) Acesso em: 02/06/2025

informações nas instituições educativas, nas práticas pedagógicas, que podem colaborar para dissolver essa vigilância e regularização do que seja ser criança: “Navegar nos mares revoltos dos estudos, das dúvidas, das problematizações e das novas possibilidades de ser é um grande desafio que se coloca às nossas práticas pedagógicas mais igualitárias e desafiadoras para/com as crianças” (Xavier Filha, 2015, p. 21).

### **3.2 Reconhecimentos, buscas e redes que se conectam**

Como vimos no decorrer do texto, através das narrativas apresentadas pelos interlocutores, seja em relação ao acolhimento, e, principalmente, à falta de acolhimento familiar, os atravessamentos de gênero e sexualidade na infância e adolescência, reconhecer-se é um processo de busca de si, que enlaça várias expectativas, frustrações e coragem. Nesta parte do diálogo com a pesquisa, acompanharemos como Gael, Jonas, Glauber e Marcelo contam sobre esse processo de entender-se enquanto homens trans, e quais as ferramentas, meios, compartilhamentos e afetos fizeram parte desse caminho. Ao abordá-los na identificação das transmasculinidades, é importante pontuar que o plural significa justamente as diversidades que essa palavra abarca, as subjetividades e particularidades que os sujeitos que se identificam com essa categoria de gênero carregam.

Portanto, o argumento, outrossim, não é reduzi-los à identidade de gênero, há, além disso, uma imensa pluralidade que acompanha cada um. Olhá-los e ouvi-los tendo como referência o gênero é o objetivo da pesquisa, para compreender esses atravessamentos, mas isso não os define no todo de suas complexidades e subjetividades. As narrativas trazidas aqui não são as histórias completas desses sujeitos, nem a verdade concreta de quem eles são, mas pequenas partes do que eles se permitiram contar e se fazer entendidos. Nessa etapa da pesquisa, abordo as suas narrativas que se referem ao caminho de reconhecimento enquanto homens trans, e refletir como se deu esse entendimento para cada um. Mais uma vez, é imprescindível ressoar sobre a identificação de homens trans, não como uma identidade homogênea, mas diversa, ao mesmo tempo que atravessam trajetórias particulares, cruzam-se em caminhos conhecidos.

E, a partir dessas considerações, navego nessas narrativas com o intuito de compreendê-las em suas singularidades e os trajetos/circunstâncias que as aproximam. Marcelo, ao contar sobre o processo de entendimento de si, fala do período da adolescência em que tinha se envolvido religiosamente, por conversão ao cristianismo pela influência de sua mãe e família. “Mas, quando fiquei adolescente, foi quando comecei a despertar um desejo por mulheres. E aí

eu falava que aquilo ali não era certo, eu estava desejando mulheres estando na igreja. Foi quando decidi, aos 16 anos, mais ou menos, sair da igreja”. Nesse momento, ele conta que começa a buscar outras alternativas onde pudesse compartilhar e entender mais sobre esses desejos que ele estava sentindo, e reconhecia que não havia espaço para ele na igreja.

Saí da igreja e comecei a namorar virtualmente, que era o lugar que eu tinha espaço para ser quem eu era. Era um grupo no WhatsApp de pessoas, na verdade, era um fã-clube de um ator específico, de uma atriz específica que gostávamos. E aí, dentro dessa rede social, eu conheci diversas pessoas. Diversas pessoas diferentes, com quem comecei a aprender sobre o que eu era, né? Logo me identifiquei como homossexual, primeiro. E aí, essa homossexualidade durou 4 anos.

Percebe-se nesse trecho de Marcelo que a busca por espaços virtuais era uma maneira de criar possibilidades para ele encontrar pessoas das comunidades LGBTQIA+, e ali ele começa a se entender e conhecer pessoas que tinham desejos iguais aos seus, que não correspondiam à heterossexualidade. No entanto, ele conta que ainda se entendia como uma mulher homossexual durante esses quatro anos e foi a partir de uma novela que ele começou a se identificar com o personagem que era um homem trans, que passava por esse processo de transição. A novela das nove com tema A Força do Querer da TV Globo foi transmitida no ano de 2017 e contava a história de Ivan. “Na trama, ele surge como Ivana e, ao longo dos 172 capítulos, cruza uma longa jornada até entender que é um homem trans, passando pela rejeição ao próprio corpo, conflitos com os familiares, especialmente a mãe, terapia de hormonização e cirurgia de mastectomia” (Universa, 2020) <sup>9</sup>. Marcelo relata que, quando começa a assistir às cenas, se identifica de imediato com o personagem. Na época da novela e de nossa primeira conversa, ele ainda estava no relacionamento e conta que foi a esposa que o acompanhou nesse processo de reconhecimento.

Essa personagem era como se fosse um espelho. Eu já testava com minha esposa. A gente se relacionou como um casal homossexual. E aí, eu assisti a essa novela e eu falei para ela, eu falei, meu Deus, eu vivo isso. Sabe? Quando ela se olhava no espelho e não se reconhecia, quando ela socava os intrusos, ela amarrava aquele negócio, sentia sufocado e eu comecei a me ver naquele personagem. Minha esposa, por ser talvez mais intelectual, assim, como é que posso dizer? Conheça mais sobre as coisas. Ela foi técnica de enfermagem, então, ela estudou muito sobre muitos assuntos. Então, ela falou: 'Você sabe que isso aí é transexualidade', e começou a me explicar sobre. E eu não sabia que existia, né, o hormônio, que um homem poderia... Quando começou a crescer o bigode no Ivan, que era Ivana, eu falava: isso pode acontecer mesmo ou é só porque é uma novela e tudo mais?

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/02/a-forca-do-querer-pessoas-trans-contam-como-novela-impactou-suas-vidas.htm> Acesso em: 02/06/2025

Para Marcelo, as dores e as relações que o personagem tinha em relação ao corpo eram uma imagem daquilo que ele sentia. Conta que sabia da existência de mulheres trans e travestis, mas já homens trans era uma realidade distante e foi a partir da novela que aquela realidade se aproximou, trazendo perspectivas e reconhecimentos sobre quem ele era. Uma das pontuações que Marcelo traz é sobre as memórias de infância que retornam para ele, não mais como um sinal da sua homossexualidade, mas agora remetendo-se à transexualidade.

Hoje está até muito melhor do que quando comecei a transicionar, porque eu transicionei a partir de uma novela, eu vi em uma novela, eu não vi em um jornal, eu não vi em uma entrevista, eu não vi em nada, eu vi em uma novela. Então, assim, ela começou a me explicar sobre como era e tudo mais, e ela falou: o que você sente? Minha esposa perguntou: o que é que você sente? Eu falei, rapaz, eu sinto tudo que essa menina sente aí, velho. Sinto tudo. Eu não sou isso aqui.

E foi a partir dessas constatações que Marcelo, junto de sua esposa da época, começou a buscar mais informações, entender mais sobre o assunto, e as buscas iniciaram-se pela internet. Procurando entender por onde começar, a quem procurar, sobre hormônios, até o momento de procurar um endocrinologista. “Foi quando a gente foi para o endocrinologista, foi quem explicou tudo, o que era, o que não era, que eu tinha que passar por um psicólogo para ter certeza, porque as mudanças eram bruscas, tinham coisas que poderia não recuperar mais, e aí comecei o tratamento com o psicólogo, com o psiquiatra.” Nesse sentido, Marcelo trouxe a relevância que a novela e a internet, como meio de busca, lhe ajudaram a compreender mais sobre si e sobre as possibilidades que ele não havia pensado existir antes.

Da mesma forma que Marcelo, Glauber também relata a novela *A Força do Querer* como uma referência de reconhecimento com o personagem: “Assisti àquela novela todinha. A Ivana. Eu deixava de sair para assistir à novela. Quando ela acabou, eu fui assistir algumas partes no YouTube.” Ele refere-se à TV como primeiro meio de contato que ele teve com a transmasculinidade, antes mesmo de assistir à novela, na pessoa de Thammy Miranda em programas da televisão, que na época havia assumido publicamente sua transexualidade. “Eu pesquisava isso primeiro, né? Depois que conheci o Thammy. Depois que vi ele passar na TV já masculinizado, que ele falou que era trans, aí fui pesquisar na internet o que era. Na época, eu já tinha encontrado o Tarso, essas coisas. Então foi isso.” Aqui ele se refere a Tarso Brant, ator e modelo brasileiro que também teve participação na novela *A força do querer*.

Glauber também fala do momento anterior a este, antes de se entender como um homem trans, que buscou uma cura religiosa, chegando a participar do grupo da Renovação Carismática, na tentativa de assimilar o que estava lhe acontecendo: “Eu já tentei me converter. Vem cá, que diabos é isso que está acontecendo comigo? Queria ser uma pessoa normal. Não

consegui. Eu sempre fui, eu ia para a igreja, mas eu sempre tinha um pé atrás com a religião. As dúvidas, né? Aí depois conheci o mundo ateu, pronto. Fã do Carl Sagan.” Percebe-se por meio dos relatos que a religião tem um ponto crucial nessas histórias, seja pela influência que exerce no meio familiar dos interlocutores, seja pela busca nesses espaços religiosos, como lugar possível de se adequar ou ser “normal”, como dito por Glauber.

De tudo isso, Glauber conclui que a internet foi o principal meio para buscar reconhecer mais sobre quem era, e foi através dela que ele também conseguiu encontrar outros homens trans. “Eu tinha um grupo. Encontrei o Gui, eu tinha também o Jonathan. Segui várias pessoas, conversava também. Tinha um também lá de Sobral, com quem minha ex-namorada ficava, eu também conversava com ele antes de ele falecer. Ele já estava começando a tomar hormônio por conta própria, porque não havia conseguido.” Glauber afirma que a internet foi crucial para esses encontros e que, mesmo que tenha tido o primeiro acesso a homens trans pela TV, foi através dela que ele encontrou respostas para suas dúvidas: “Rapaz, eu vejo que a internet foi crucial na minha vida, viu? Porque, se não tivesse internet, como eu estaria? Eu estaria confuso ainda. Que diabos é isso que está acontecendo? Na TV, antigamente, não mostrava tanto. Aí, a internet, eu acho que abriu as portas para mim.”

A internet, como uma ferramenta de busca e encontros virtuais, manifesta essa possibilidade que a TV não oferecia. Os grupos virtuais são oportunidades de encontrar pessoas que possuem afinidades, trocar informações e, por que não dizer, gerar identificações. Gael considera que a internet também foi uma ferramenta de busca para conhecer mais de si.

A internet, ela tem seus prós e seus contras. Mas ela tem e teve para mim, pelo menos, impactos muito positivos, tá? Foi onde conheci mais sobre mim, mais sobre outras vivências, mais sobre aquilo que era ser uma pessoa trans. Quando eu estava no início, me descobrindo, eu comecei a pesquisar muito. Então, foi muito proveitoso para eu saber o que era aquilo. Não bastava só dizer: ah, me descobri trans, eu sou muito trans agora. Tinha que pesquisar para fazer aquela pergunta que nossos psicólogos fazem, se realmente é isso. Bom, pelo menos tive que fazer assim, porque era muita confusão...

Gaell relata que essas dúvidas também eram parte do que outras pessoas lhe falavam, quando aos 15 anos ele começou a ter maiores certezas de ser um homem trans. “Tinha gente que falava para mim que isso aí era coisa dos meus hormônios. Eu tinha uns 15 anos, então eu ouvia, as pessoas diziam assim: isso aí é coisa dos seus hormônios, não sei o quê, muda tudo. E aqui elas ficavam me explicando, falaram que eu estava, sabe, cheio de ser mulher, né?”. Foi nessa idade que ele começou a falar para os amigos virtuais e para algumas pessoas mais íntimas sobre quem era, e juntou o nome morto com Gaell “fulana Gael”, já em relação a assumir de forma mais pública, não fazia tanto tempo em relação ao primeiro momento da entrevista.

Dos 15 anos, o momento em que eu me assumi, que botei para valer. Que eu me assumi mesmo, não faz nem tanto tempo. Foi agora, no ano passado, que eu estava na escola e eu comecei a falar: ó, eu sou Gaell, eu sou Gaell, eu sou Gaell. Quando vi que a galera na escola já estava aceitando, eu comecei a impor. Eu falo, gente, olha, eu não sou mais assim e tal. Mas foi ali, com 15 anos tive a certeza. Segurei mais um pouco, porque não podia discutir nada. E no comecinho do ano passado, foi onde eu descalharei, fiz dane-se. Sou assim e acabou.

Ao falar sobre a relevância de ter tido acesso à internet e a descobrir mais de si através do contato com outras pessoas, Gaell ressalta a importância da internet para a comunidade LGBTQIA+: “E eu só tenho a agradecer à internet porque, graças a ela, muitas portas se abriram. Poxa, é um meio onde uma pessoa trans vai ser reconhecida, sabe, é um meio que abre portas para outras pessoas da comunidade, não só para mim”. Nesse sentido, Gaell se refere também à visibilidade que essas pessoas passam a ter e ao alcance maior da comunidade que gera impactos relacionais, tais quais ele teve: “Temos vários artistas nesse meio que muitas pessoas olham e falam, caramba, mesmo sendo LGBT, mesmo que o mundo, as pessoas, a sociedade em si, me coloquem para baixo, nós temos esses centros de pessoas que venceram, sabe? E é simplesmente um orgulho para nós. Então, a internet é porta-voz para a comunidade.”

Assim como os demais, Jonas também aponta a internet como esse caminho de busca de si, de identificações que, inicialmente, estavam relacionadas à sexualidade, num primeiro momento em que se identificava como uma mulher lésbica:

A minha sexualidade eu só fui, de fato, explorar quando comecei a ter acesso à internet, inclusive, que é quando criei um perfil na internet e nesse perfil, o fake do Orkut, as pessoas criavam perfis que não necessariamente eram seus. Isso era uma prática comum na época. E aí, eu tinha um perfil masculino, eu me apresentava como um cara, eu mentia, o que era considerado uma mentira na época, que eu era um cara na vida real. Então, houve sim uma identificação minha como lésbica. Eu entendi, depois da adolescência, que aquilo que eu era se encaixava dentro dessa sexualidade, embora eu mesmo não tenha utilizado o termo. E aí não utilizei porque não existia... A gente está falando de, sei lá, década de 2010.

Nesse contexto, Jonas refere-se ao momento no qual a internet ainda não tinha tantas redes de apoio e até mesmo grande visibilidade de grupos LGBTQIA+ no Brasil. No entanto, esses ambientes virtuais eram mais propícios para se expressar e se mostrar como se desejava. Indivíduos que não tinham a oportunidade de falar sobre sua sexualidade e/ou identidade de gênero em ambientes familiares, escolares, religiosos e comunitários, encontravam e ainda encontram nesses ambientes redes de interação e perfis onde podiam tornar concreto o que não conseguiam expressar socialmente. Como o caso de Jonas, que criou um perfil falso no intuito de interagir como um homem naquela rede e expressar sua sexualidade, já que naquele momento ele ainda não se entendia como tal. Jonas conta que começou a se entender enquanto um homem trans em 2013, quando já estava na faculdade e ouviu pela primeira vez sobre

transexualidade, mas foi a partir do contato com outras pessoas pela internet que houve maior entendimento de si:

Então, para mim, a internet teve um papel muito central, porque é a partir da internet que entro em contato com outras pessoas que se assemelham a mim, que até então eu não conhecia. Na própria cidade, não se tinha, porque, de novo, as travestis eram restritas à prostituição e, ao entrar em contato com uma travesti, eu não necessariamente me via, porque é uma experiência distinta e própria. Quando entro na internet e vejo outra pessoa com uma narrativa semelhante à minha, é quando começo a refletir sobre. Então, a internet me possibilita a descobrir a transexualidade. Acho que é isso.

Sob estas perspectivas trazidas pelos interlocutores, as mídias, grupos virtuais e a internet tiveram papéis importantes no processo de identificação enquanto homens trans; quando ver outras pessoas e se enxergar em outras vivências geram possibilidades de reconhecimento: “eu sou assim”. Tal como um personagem em uma novela, ou a uma pessoa que se apresenta em um programa de TV aberta, ou a possibilidades de encontrar outras pessoas e formar grupos virtuais que permitam essas trocas de informações e de experiências. Nesse aspecto, é relevante trazer a pesquisa de Ribeiro (2023), também realizada com homens trans, na qual ela aponta que, apesar de serem experiências individuais e subjetivas, essa sensação de pertencimento à masculinidade e a forma de expressá-la, são constituídos a partir de determinados repertórios disponíveis no meio social desses sujeitos. A autora ainda acrescenta que “a possibilidade de assumir a identidade de homem trans (ou de não a assumir) e como assumi-la é influenciada pelo caminho trilhado pelos sujeitos, mas, também, por quais informações chegam até eles e por como elas chegam” (Ribeiro, 2023, p. 97). Nas narrativas apresentadas por dois interlocutores de sua pesquisa, houve influência da visão biomédica do que sejam as experiências transmasculinas, quando a narrativa se apresenta pela ideia “do corpo errado ou do corpo que falhou”.

Quando Marcelo evidencia que sentiu as mesmas sensações que o personagem Ivan, o desconforto com o próprio corpo, é esse primeiro contato com a transmasculinidade que ele diz ter tido, e é através desse desconforto que ele se reconhece e se vê no personagem. Este mesmo personagem que também foi construído a partir de outros repertórios formados sobre o que é a transmasculinidade, inclusive o discurso médico sobre a disforia, essa ideia apresentada pela autora do “corpo errado ou do corpo que falhou”. Com isto, não há pretensão de dizer que o que Marcelo, ou outras pessoas que sintam desconforto com seus corpos, sejam falsas sensações, ao contrário disso, são verdades circunscritas que revelam as normatividades de gênero, daquilo que se concretiza materialmente do ser masculino e/ou feminino.

Outrossim, é válido pontuar que, assim como as pessoas transgênero, também estão permeadas por essas normas as pessoas cisgênero. Embora as vivências e motivações sejam diferentes, indivíduos cisgêneros também procuram por transformações corporais, tais como silicone, cirurgias plásticas, implantes, hormônios e harmonizações, entre outras intervenções. Essas alterações geralmente envolvem insatisfações e desconfortos, mas são comuns a todos os corpos que buscam esses ideais de gênero impostos socialmente.

A pressão estética que os corpos enfrentam, independentemente do sexo — mesmo que sejam diferentes e até certo ponto incomparáveis —, está intrinsecamente ligada aos padrões de beleza, ao que é considerado saudável e esteticamente homogêneo. “O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico” (Foucault, 1979, p. 83). Assim, o controle dos corpos acontece na visão biomédica, nas instituições sociais, nas conversas cotidianas, dentro dos nossos próprios olhos, no olhar do familiar e/ou do desconhecido.

### **3.3 Redes: nichos, *haters* e comparações**

Ao analisar as possibilidades de encontros e de identificações para os sujeitos da pesquisa, foi perceptível a relevância das redes tecnológicas, que aproximaram outras experiências distantes; no sentido em que as pessoas com as quais esses sujeitos se conectaram não foram parentes, amigos ou vizinhos, mas pessoas muitas vezes desconhecidas que estavam interligadas por uma tela, seja da televisão, do celular ou computador. Conquanto, esses meios têm possibilitado visibilidades, trocas, encontros e até mesmo discussões que promovem debate sobre as vivências da população trans, seja mediante coletivos organizados, ou mesmo de indivíduos que buscam ali um espaço de escuta e/ou fala.

É importante destacar que o acesso democrático a esse tipo de equipamento eletrônico é uma realidade não equivalente para sujeitos que ainda não possuem acesso a estes bens materiais e simbólicos, portanto, não se configura uma generalidade a toda essa população. Mas para aqueles que possuem acesso, pode, sim, se tornar uma ferramenta de luta política e reconhecimento. Silva e Lima Neto (2021, p. 106) escrevem sobre o dispositivo da transexualidade e as visibilidades trans na Web, e concluem: “pudemos perceber como é objetivada a existência trans em algumas plataformas da internet, tais como site de notícia, fofoca, canais do Youtube, etc. Nesse sentido, consideramos a WEB como um universo de visibilidades e enunciabilidades para os sujeitos transexuais”.

Glauber, apesar de ter visto pela primeira vez na TV a possibilidade de uma existência transmasculina na pessoa de Thammy, afirma que a Internet foi crucial para o entendimento de si e de encontro com outros homens trans. Gaell, da mesma forma, afirma a importância da Internet e das portas que ela abre para tantas pessoas da comunidade. Assim como o próprio Jonas, como produtor de conteúdo e ativista nas redes, nas quais busquei realizar a pesquisa, e onde encontrei o perfil de Gaell e Marcelo. Na tese de Medeiros (2024, p. 193), com mulheres trans e travestis, ele aborda a relevância que o mundo digital teve na vida e descobertas dessas mulheres:

As redes das interlocutoras, sobrecodificadas ao mundo digital e às conexões que ele proporciona, principalmente as redes sociais, as fizeram obter informações, compartilhar experiências e buscar oportunidades de forma mais ampla, instituindo, assim, novos “campos de possibilidades” pessoais, de trabalho, educacionais e profissionais. Isso permitiu que elas repensassem seus projetos de vida, reformulassem suas trajetórias e provocassem grandes metamorfoses em suas vidas.

Ao enunciar a relevância dessas redes na vida dos interlocutores da pesquisa, em seus processos de busca e descobertas, não posso deixar de apontar alguns relatos que eles trouxeram sobre outros lados dessas redes. Avalio essas pontuações necessárias, não somente para a pesquisa, mas também para expressar o que foi dito sobre o uso do digital como meio de busca e encontro, além de ser um campo fértil para discussões, haters (perfis em redes sociais, geralmente falsos, com a intenção de propagar ódio e/ou críticas mal-intencionadas), transfobia e até pressão estética. Não vou me estender nestes debates, pois entendo que este não é o principal objetivo da pesquisa. No entanto, abordo-os como um contraponto, para prevenir a interpretação de que essas redes sejam meramente pontos de encontro de vidas.

Glauber conta que pretende começar a transição hormonal e divulgar nas suas redes, mas logo acrescenta que precisará lidar com haters, pois ele já sofreu transfobia por postar uma foto com filtro na qual se apresentava com barba. “Já foram pessoas no meu privado (mensagem Instagram), né? Tipo, está faltando alguma coisa, o principau, essas brincadeiras de mau gosto. Seguidores mesmo sem noção, que acho que caem de paraquedas nos stories, essas coisas.” Ele disse que na época seu perfil era público, depois fechou. “Sim, aí fechei, depois tirei todas as minhas fotos e abri de novo. Abri de novo porque tirei minhas fotos. Tudo isso começou porque postei uma foto de barba!” Nesse sentido, nessas redes, ao mesmo tempo em que a exposição pode gerar identificações e reconhecimentos, também há os riscos de acesso de outros perfis, que, ao contrário de identificação, possam causar outros incômodos. Esse tipo de comportamento é compatível com a segurança que as telas revelam sobre as pessoas, em que podem ser e dizer o que quiserem, inclusive expor seus preconceitos e fobias.

Da mesma forma que Glauber, Gaell relata que já fizeram comentários transfóbicos em suas redes sociais, questionando a sua masculinidade: “Na minha rede social, uma pessoa falou que eu nem sou homem porque eu não tenho pênis, já aconteceu, muita doideira, eu até comecei a bloquear os comentários, a deixar só para curtir e acabou. Já teve pessoas reagindo, quando viu que não conseguiam comentar, ia lá e reagia o story.” Percebe-se que os comentários nas redes dos dois referem-se às acusações “você não tem o pênis” ou, no caso anterior, “o principau”, ambas têm conotação de revelar/dizer o que seja o “homem de verdade”, e, sobretudo reafirmar a cisnormatividade — a qual a normalidade é corresponder às demandas de gênero associadas aos genitais.

Jonas, que é influenciador digital, percebe que a Internet funciona por bolhas/nichos, e, a depender da quantidade de pessoas e grupos que você atinge, pode acontecer que o conteúdo encontre pessoas além da sua bolha, e aumente as possibilidades de ataques e haters. “Eu me mantenho com temáticas nichadas, usando um discurso nichado, inclusive evitando certas temáticas ou discursos para que eu me mantenha dentro da minha comunidade. E eu sempre tive uma certa consciência disso e sempre balizei muito o meu conteúdo.” Para ele, o perigo está em abordar assuntos que furem essa bolha, ao mesmo tempo que essas restrições limitam o produtor de conteúdo na diversificação de tipos de assuntos que podem ser falados e na quantidade de pessoas que vão conseguir acessar seu perfil. Nichos, nesse aspecto, estão relacionados a grupos virtuais de alcance de conteúdo, ou seja, determinados conteúdos tendem a alcançar pessoas que curtem, seguem e compartilham aquele perfil de interesse. Se existe uma abertura de outros assuntos em suas redes, ou quanto maior for a diversidade de conteúdo, mais fácil será sair da bolha de pessoas que lhe seguem por interesse próprio.

Ele ainda relata que se sentiu desmotivado a produzir conteúdo com a temática trans, pelo receio de sair do seu nicho e receber haters nas suas redes sociais, mas, ainda assim, tenta contribuir com as pautas e manter a discussão. Ele acrescenta: “Acho que a gente tem caminhado muito e o ativismo digital teve um papel muito importante na comunidade trans. Ele fortaleceu muito o ativismo e os movimentos sociais, tanto dentro quanto fora.” Nesse sentido, o que Jonas traz é a reflexão da produção desses conteúdos que abordam as pautas da população trans nas redes, como uma forma de expandir esse movimento, não só no campo virtual, como também fora dele. É o que tem sido refletido por Carvalho (2021, p. 354), em relação à construção de representatividade, à humanização e ao transativismo no engajamento em diversas multimídias por homens trans no intuito de trazer outras visões, demarcar territórios nas lutas de narrativas que, quando veiculam sobre essa população, ainda o fazem de forma

desumanizada. “Portanto, utilizam-se da comunicação contra-hegemônica em espaços midiáticos que contribuem para que estes sujeitos permaneçam invisíveis frente à inclusão sociopolítica de suas identidades”.

Outra questão trazida por um dos interlocutores, Marcelo, foi em relação à pressão estética, ao acompanhar outros perfis de homens trans que passaram pelo processo de transição. Ele relata que, ao acompanhar alguns perfis no Instagram, sentiu que houve maiores desconfortos em relação ao seu corpo e, conseqüentemente, o aumento da ansiedade. “A Internet, ela tem um padrão, um padrão físico que é muito incomodativo para um homem trans. A maioria dos homens trans que são blogueiros ou que são influenciadores são padrões. Já são operados, são malhados, tatuados, bonitos e tal. Padrão. Então, isso causa uma frustração para os que não são.” Na época dessa nossa primeira conversa, ele ainda não havia passado pela cirurgia de mastectomia masculinizadora e, devido a isso, o incômodo se tornava ainda maior. Marcelo também narrava a questão do seu sobrepeso, que o incomodava a ponto de deixar de seguir esses perfis nas redes sociais, nos quais os homens trans tinham aspectos mais próximos aos padrões estéticos, pois não eram imagens com as quais ele conseguia se aproximar. Além desses perfis, Marcelo também costumava seguir cirurgiões que realizavam as cirurgias com homens trans, e conta que isso aumentava a sua ansiedade, por ainda não ter conseguido realizá-la:

Mesma coisa eram páginas de cirurgiões plásticos que operavam homens trans. Então, era todos os dias, eu seguia uns 10 cirurgiões. Então, todos os dias tinha stories de algum homem trans operado, porque os cirurgiões tiravam foto: “mais um de hoje, homem trans, operado, mais um feliz, isso aqui, revisão”. Então, tipo, eu estava sempre vendo aquilo, o tempo todo, tudo que eu queria, vinha o tempo todo. Outras pessoas têm. Então isso me causou uma disforia muito grande.

Neste depoimento de Marcelo, notamos duas situações que lhe causavam maior desconforto: o fato de ser um homem trans com sobrepeso o afasta dos corpos que personificam os padrões de beleza, e as imagens de homens trans que foram operados reforçavam a distância que ele mantinha deles por ainda não ter sido submetido a essa cirurgia.

Simultaneamente a esse desconforto, há a necessidade de reconhecimento social de gênero, também referido como “passabilidade”, que se refere à forma como as pessoas te percebem socialmente, com base nas suas características corporais associadas à interpretação social de gênero. Portanto, se um homem trans tem seios visíveis, logo há maiores probabilidades de ser tomado como mulher, mesmo que esteja usando roupas masculinas e mantenha outras características masculinas. Por outro ângulo, essa validação de gênero ocorre também no discurso biomédico sobre o que seja ser trans. O discurso da disforia e do corpo errado ainda é recorrente na medicina como “comprovação” das transexualidades.

A metáfora do corpo errado surgiu, simultaneamente, tanto do modo como a maioria das pessoas trans descreve a sensação (de desconforto) que tem em relação ao seu próprio corpo quanto do modo como o paradigma biomédico informa e reafirma essa sensação sob um determinado ponto de vista. Fato é que o saber biomédico a utiliza — essa sensação de desconforto — como critério definidor da experiência trans de modo a disseminar um discurso que justifica o exercício do seu poder e que, por outro lado, constitui a interpretação das pessoas trans sobre suas próprias experiências. (Ribeiro, 2023, p. 100)

Essa questão será melhor desenvolvida no último capítulo, que tratará das experiências dos interlocutores com os discursos psico/médicos e os dispositivos de saúde pública e privada. No entanto, voltando ao tema deste subtítulo, a Internet como espaço múltiplo e interconectado, também molda os discursos e pode promover, para além do reconhecimento, a sensação de não corresponder às demandas corporais e pressões estéticas produzidas pela valorização da imagem e do corpo como referências nessas redes. Isto não se resume às pessoas trans, há toda uma estrutura social que corrobora para a massificação de imagens de corpos magros, siliconados, malhados, brancos, generificados, produzindo verdades sobre o que é um corpo saudável e belo. E essas normas se estendem aos corpos trans, que também são requisitados a corresponder a demandas de beleza e padrões de gênero.

Diante da captura desses sujeitos através de feixes de luz do dispositivo, as existências trans são postas à baila para descreverem nas redes sociais, nas páginas jornalísticas, sites governamentais, etc., a sua experiência subjetiva, seus modos de ser, produzindo uma estética da existência trans, bem como funcionando como práticas constitutivas de verdades e resistências em meio às empreitadas normativas e normalizadoras da sociedade (Lima Neto; Silva, 2021, p. 106).

Nesse ínterim, o que percebemos é que a Internet é um espaço de lutas, de campos e bolhas, de reafirmações, deslocamentos e desconfortos. Quando os interlocutores falam sobre os comentários transfóbicos, o que eles estão contando diz respeito às disputas de posições nesses espaços. As pessoas que acusam, sentem que seus valores estão sendo ameaçados na imagem de uma pessoa trans, e encontram nesses espaços virtuais as chances de poderem revelar e dizer por meio de telas seus discursos transfóbicos. Meira, Antunes e Oliveira (2023) analisaram os ataques transfóbicos que Thammy Miranda sofreu nas redes, quando, em julho de 2020, ele e seu filho participaram da campanha publicitária do Dia dos Pais da empresa Natura. As autoras perceberam nos comentários algumas características em comum do que revelavam as agressividades e intolerância, dentre elas estavam o caráter conservador religioso, elementos projetivos e destrutivos, preocupação com o sexo, humor e ironia e base política e econômica.

Direcionar agressividade e destrutividade através das redes sociais a uma marca que escolheu um homem trans para participar de sua campanha publicitária parece ser um eufemismo para a verdadeira intencionalidade de apagamento da identidade de gênero, da existência e dos lugares de potencial ocupação dessa pessoa (Meira; Antunes; Oliveira, 2023, p.7)

Sob este aspecto, existir nessas redes também é um processo de resistência, de ocupar espaços que por muitos são negados fora das bolhas virtuais. Em todas as falas, as redes foram e são importantes diante das narrativas dos interlocutores da pesquisa, para suas descobertas, encontro com outras pessoas trans, produção de conteúdos e busca por representatividades. Sendo, por vezes, também espaço de transfobia, comparações e desconfortos. O impasse nessas narrativas demonstra a complexidade que gira em torno das abordagens virtuais, quer sejam também não virtuais, pois uma reflete a outra. À medida que a transfobia ainda é constante na vida cotidiana, as redes são extensões mais propensas para essas ações. Mas, ao mesmo tempo, essas redes são espaços de diálogos e construções para a população trans, que encontram meios de comunicação, criações de comunidades virtuais, trazem debates, geram identificações e até mesmo possibilidades de trabalho.

Na internet, no poder influente, são produtores de conteúdo sobre seus itinerários, sobre marcas que carregam admiração pela construção de si mesmo e por denúncias de uma sociedade que insubordina oportunidades de vida, cujas portas das escolas, universidades e mercado de trabalho são, costumeiramente, fechadas. (Carvalho, p.368, 2021)

Tendo em vista todas essas reflexões e os aspectos aqui abordados em relação ao que foi trazido por Marcelo, Glauber, Jonas e Gaell, revelam essa multiplicidade de significados e experiências que essas pessoas tiveram com as redes, seja positivamente e/ou negativamente, houve um impacto do uso. O que podemos inferir disso tudo não se limita ao uso dessas redes, mas também ao que elas revelam sobre a sociedade e, em particular, sobre os efeitos que provocam nas subjetividades. Como vivemos sob o olhar de quem nos acompanha nessa interação, e como reagimos aos conteúdos que acessamos? A transfobia, como ação/pensamento, faz parte de uma sociedade onde ser trans ainda é um risco, uma “anormalidade”. A Internet ainda é uma extensão e aglomeração desse tipo de comportamento/pensamento.

#### 4 SAÚDE TRANS: ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS E SABERES BIOMÉDICOS

Este capítulo compreende uma temática relevante para a pesquisa, desde os relatos apresentados pelos interlocutores até as teorias aqui abordadas. O objetivo é mergulhar nas narrativas de Marcelo, Glauber, Gaell e Jonas sobre suas vivências, expectativas, anseios e buscas por transformações corporais, seja através de hormônios ou cirurgias. Dessa forma, podemos compreender o que essas buscas revelam de suas subjetividades, ao mesmo tempo, as estruturas sociais e de gênero, que se referem às pressões estéticas de gênero que permeiam os corpos. Para tanto, também será necessário abordar como as instituições, órgãos e setores da saúde estão lidando com estas intervenções e acompanhamentos com pessoas trans, nas quais as experiências dos interlocutores são reveladoras dessas práticas, tanto da rede pública quanto particular. É necessário apontar que, em nenhum momento da pesquisa, houve acompanhamento *in situ* nas trajetórias desses sujeitos nos órgãos de saúde. Neste caso, a pesquisa se deu a partir das falas que lhes eram importantes trazer dessas experiências. Portanto, será considerado somente o que eles relatam desses trajetos, a partir de seus lugares de experiência nos relatos.

Todavia, anteriormente, será realizada uma breve análise sobre a história da transexualidade, relacionada intimamente com o contexto médico, o qual teve um papel central na patologização dessas identidades. Assimilar a forma como a transexualidade foi produzida a partir de um discurso psico/médico é relevante para construirmos reflexões acerca do assunto e visualizar de forma mais ampla o que seja abordado *posteriormente* nas experiências dos interlocutores. Nesse sentido, o artigo de Rodrigues, Carneiro e Nogueira (2021) é crucial para entendermos a história dessas abordagens em relação às transexualidades.

Estes autores apontam para a antiga ligação que perspectivas científicas, médicas e psicológicas tiveram com os estudos e a própria designação do que seria a transexualidade. Apontada no singular naquele momento, a partir da definição popularizada por Harry Benjamin em 1954, utilizando o termo “transexual” para designar as pessoas que desejavam fazer intervenções cirúrgicas de mudanças sexuais, enquanto aquelas que não desejavam eram denominadas por pessoas travestis (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021). Ainda consoante os autores, apesar de Benjamin (1966) ter popularizado o termo, essas abordagens já vinham sendo feitas pelas ciências médicas já no início do século XX. Por Magnus Hirschfeld, um médico alemão, judeu e homossexual, que foi um dos pioneiros na utilização do termo ‘transexual’; além dele, outro nome que aparece é Eugen Steinach em 1910, que investigou os transplantes

de gônadas masculinas em fêmeas e o contrário também (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021).

Sob este aspecto, nota-se que a transexualidade já tinha correspondência com o discurso/produção médica e científica no que diz respeito a dizer o que era e o que precisava para ser considerado “um transexual”. Entre as décadas de 1950 e 1970, começam a surgir as primeiras unidades médicas nas universidades da América do Norte com finalidade de atender as pessoas com inconformidade de gênero, e a partir daí, surgem os primeiros protocolos de tratamento de redesignação sexual; já em 1980, a terceira edição do DSM — Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, coloca a transexualidade na categoria de ‘disforia de gênero’, e em 1994 converte para a categoria de ‘perturbação de identidade de gênero’ (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021). “Estes modelos de classificações têm colocado as transexualidades como um problema do indivíduo e não problematizado a transfobia na sociedade” (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021, p. 4). Os autores ainda ressaltam mais adiante: “A leitura da transexualidade dada por Harry Benjamin continua, pois, a ser a leitura adotada pelo modelo médico que, em vez de reconhecer as pessoas trans como pessoas de direitos, as considera como patológicas” (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2021, p.4).

Somente no ano de 2019, a transexualidade foi retirada oficialmente do CID — Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde, conforme o site do Conselho Federal de Psicologia<sup>10</sup>: “Pela nova edição da CID 11, a transexualidade sai, após 28 anos, da categoria de transtornos mentais para integrar o de ‘condições relacionadas à saúde sexual’ e é classificada como ‘incongruência de gênero’”. Retirada da categoria de transtornos mentais pela OMS (Organização Mundial de Saúde), a transexualidade passou a integrar a categoria de ‘incongruência de gênero’, sendo retratada pelos manuais sobre os sofrimentos causados pela ‘disforia de gênero’, utilizada ainda como base para realizar terapias hormonais, diagnósticos e cirurgias, como veremos nos relatos dos interlocutores. Conforme o último DSM-5-TR, “A disforia de gênero como um termo descritivo geral refere-se ao sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero atribuído. No entanto, é mais especificamente definido quando usado como categoria diagnóstica” (DSM-5-TR, 2022, p. 512).

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/> Acesso em: 09/09/2025

Nesse sentido, temos que, apesar de não ser mais considerada transtorno mental, as transexualidades ainda são vistas sob o espectro de diagnóstico da disforia de gênero e, portanto, os sofrimentos vivenciados são patológicos a partir de sintomas particulares dos sujeitos. Quando se fala em categoria diagnóstica, é preciso examinar um conjunto de características que devem ser consideradas para chegar a uma conclusão clínica, e a disforia está presente como um diagnóstico que engloba várias dessas características. Ainda segundo o DSM-5-TR (2022), as características diagnósticas da disforia de gênero devem considerar “a evidência de angústia dessa incongruência”, ou seja, a incongruência aqui refere-se à não correspondência ao gênero atribuído no nascimento. Sinônimos da palavra *incongruência* podem ser: contradição, desarmonia, desacordo, incompatibilidade e discrepância. Ao tomar a transexualidade como incongruência de gênero, há uma tendência de que estes corpos não pertençam à norma de gênero, ou seja, há uma desarmonia e incompatibilidade em relação ao sistema sexo/gênero. Tornamo-nos a voltar naquilo que é considerado normal, ou no caso, harmônico, congruente, que seria, nesse sentido, a cisnormatividade.

O intuito de trazer essa reflexão não é dizer que pessoas trans que passam ou não por processos de mudanças corporais não sofram ou não possuam angústias, até porque não corresponder à normatividade cisgênera, em sociedades transfóbicas, conseqüentemente pode gerar grandes desconfortos. Isso sim seria uma grande razão para discussões, debates e transformações sociais que tornem este tema mais abrangente, em vez de um diagnóstico limitado sobre a existência ou não de uma pessoa com disforia de gênero. Os discursos gerados por esses manuais não apenas formulam diagnósticos, mas também criam significados e políticas sobre o que é considerado normal ou não. Como apontam Bento e Pelúcio (2012, p. 575): “Embora o DSM seja um documento de caráter psiquiátrico, ele consegue se materializar em políticas do corpo nos programas de identidade de gênero e em políticas de Estado, uma vez que compartilha com os outros saberes as mesmas bases fundacionais definidoras do gênero”.

Essa política do corpo não só cria políticas de Estado, mas elabora modos de adequação dos indivíduos na sociedade, cria e reproduz perspectivas do que seja “normal e anormal” e enquadra emoções em sintomas de diagnóstico, circunscrevendo as nuances de vida humana num *checklist* em relação ao pertencimento dos sujeitos no mundo. E, devido a este conjunto de causas e efeitos, essas bases diagnósticas precisam se responsabilizar e ter senso crítico do que está sendo elaborado, pois também criam efeitos na vida dos sujeitos e no meio social. Esses discursos se tornam hegemônicos, elaboram verdades sobre o pertencimento de gênero, as adequações e inadequações. Em outras palavras, quando as transexualidades ainda eram

vistas como um distúrbio de identidade de gênero, as práticas psico/médicas eram direcionadas para esse diagnóstico, definindo assim quem necessitava de tratamento e quem poderia ser classificado como transexual. Bento e Pelúcio (2012, p. 579) pontuam:

O único mapa seguro que guia o olhar do médico e dos membros da equipe são as verdades estabelecidas socialmente para os gêneros, portanto estamos no nível do discurso. Não existe um só átomo de neutralidade nesses códigos. Estamos diante de um poderoso discurso que tem como finalidade manter os gêneros e as práticas eróticas prisioneiras à diferença sexual.

Nesses casos, quando referimos à patologização das transexualidades, vemos que o discurso das ciências médicas ainda toma o corpo biológico como ponto fixo para determinar que aquela pessoa não está congruente com a norma. E, portanto, o diagnóstico é determinante para dizer o que aquela pessoa possui, quem ela é e o que deve ser feito. Sobremaneira, é mais fácil chegar a um sintoma particular, em que há responsabilização no indivíduo, do que apontar as causas sociais, pois estas demandariam rever estruturas socialmente estabelecidas. A despatologização dessa população é um assunto recorrente no ativismo trans, vários trabalhos tratam da temática como um assunto perene para se pensar na construção da transexualidade em relação a esses saberes. Oliveira (2015) traz bem isto no seu trabalho, quando infere sobre a patologização dessas identidades, intrinsecamente relacionada com um regime no qual a vida comum tem se tornado cada vez mais “medicalizada e psiquiatrizada”, utilizando seus termos. O autor ainda acrescenta:

Há uma crescente e inquietante discussão a respeito do influente poder da psiquiatria, via revisão e ampliação de seus manuais, principalmente do DSM, em catalogar e caracterizar situações da vida cotidiana como sintomas de patologias mentais, sintomas esses que demandariam tratamento com drogas farmacêuticas. (Oliveira, 2015, p. 30)

Considerando essas questões, é admissível reconhecer a complexidade do tema, quando falamos em diagnósticos, principalmente de uma população que busca no aparato psico/médico alternativas de bem-estar. Temos que considerar as partes que ali buscam acolhimento, demandas pessoais e até mesmo questões que envolvem núcleos sociais. Quando falamos em ‘pessoa com disforia’ a partir do diagnóstico, os sintomas apresentados fazem parte de contextos culturais, sociais e até mesmo familiares nos quais os indivíduos estão inseridos. Dizer que alguém é disfórico por ‘rejeitar’ partes do corpo é desconsiderar o que aquela pessoa já viveu: se ela consegue emprego, se foi respeitada no ambiente familiar, escolar e religioso (caso faça parte), se as pessoas na rua e/ou em casa as tratam como elas desejam. E, além disso, quais as estruturas de gêneros fazem parte do nosso ideário do que seja ser/pertencer ao gênero masculino/feminino. Reduzir as angústias a determinados diagnósticos, sem considerar todos

os fatores causais dessa angústia, é atribuir aos indivíduos a responsabilidade de lidar com isso, e, portanto, cabe a eles buscarem alternativas de conviver com esse diagnóstico.

Barbosa (2015) entende que a melhor maneira de buscar encontrar soluções possíveis na busca pela despatologização dessas identidades é a abertura para o diálogo de diversas áreas do conhecimento, dentre estas: os profissionais de saúde que lidam diretamente com essa população nos atendimentos, as ciências sociais que podem contribuir em novas discussões e pesquisas e movimentos sociais para ouvir as demandas e reivindicações dessa população. Entretanto, essas demandas são por vezes distantes, quando nos defrontamos com sistemas de saúde despreparados para atender essas pessoas, além da escassez e má distribuição desses postos de atendimento, que contribuem para a desigualdade de acesso e as grandes filas de espera. É o que demonstram Pereira e Chazan, pesquisadores da Atenção Primária à Saúde (APS) no acesso para pessoas trans (2019, p. 7): “Entre os fatores limitantes para o acesso, destacam-se a baixa acessibilidade, sistema fragmentado, focalizado e não integral, ausência de equidade e acolhimento, ausência de descentralização e regionalização da atenção”.

Ainda que o SUS (Sistema Único de Saúde) seja a alternativa mais abrangente, pois a rede privada não é acessível a todos, nos deparamos com histórias de pessoas que não têm oportunidades de acesso à rede pública. Nos relatos trazidos *posteriormente*, veremos a complexidade do acompanhamento nesses órgãos que, a depender da localização geográfica, fica cada vez menos alcançável, o que faz com que a única opção seja recorrer às redes de saúde particulares. “Políticas de saúde devem ser capazes de eliminar as barreiras geográfica, econômica e cultural entre os serviços e a comunidade, além de garantir que as pessoas trans permaneçam sob o cuidado integral de profissionais de saúde” (Pereira; Chazan, 2019, p. 14). Sobretudo, é necessário haver preparo e formação adequada para o recebimento de pessoas trans nesses sistemas, pois não basta unicamente o direito em acessá-los, mas auferir dignidade humana, respeito e acolhimento. Como elaboram os autores Pereira e Chazan (2019, p. 14): “É indispensável que se continue rompendo a discriminação e a consequente violência institucionalizada; que se promova o respeito à singularidade dos sujeitos e o combate a todas as formas de normatização que impliquem na exclusão e discriminação dessas pessoas.”

Sob esta convocação, iremos caminhar no texto através dos relatos trazidos por Marcelo, Glauber, Gaell e Jonas, trazendo suas histórias, expectativas e experiências nesses vaivéns de idas e vindas, acesso e falta de acesso, de realizações e sonhos, de decepções e esperança. Cada um com as suas experiências subjetivas/individuais, mas também coletivas, que nos trarão reflexões, mapeamentos e contextos sobre as redes de saúde que cada um pode acessar e as suas

opiniões sobre esse caminho, sendo o mais importante aqui. Assim sendo, primeiro dialogamos com as trajetórias terapêuticas entre o acesso a CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), acompanhamentos psicológicos, laudos psiquiátricos, ansiedades e medicamentos; seguiremos abordando sobre o acesso e hormonização, os impactos e os significados que os hormônios possuem nas produções dos corpos generificados; trazendo as experiências de Jonas e Marcelo, interlocutores que se utilizam de hormônios, seus relatos sobre mudanças e o que isso representou em suas vidas, e as expectativas de Glauber e Gaell que ainda não fazem uso; e por fim, falar sobre as intervenções cirúrgicas, as experiências e o que isso significa para cada um.

#### 4.1 As trajetórias terapêuticas dos interlocutores

A partir das narrativas dos interlocutores, tomaremos conhecimento de suas experiências com os profissionais de saúde na área de psicologia, dos quais eles fizeram acompanhamento, quer seja pela rede pública ou particular. Importante dizer que não citamos nomes de psicólogos ou clínicas, somente nomes de hospitais/postos de saúde públicos, por se tratarem de órgãos de acesso público. Portanto, se houver na fala do interlocutor o nome, será substituído somente para “psicólogo”, “clínica”, ou a especialidade do médico em questão. Os processos trazidos nas falas dos interlocutores não serão resumidos como ‘Processo Transexualizador’, pois se entende aqui que os trajetos nesses sistemas de saúde vão além da busca pela transição de gênero, mesmo que isso também faça parte. Contudo, é importante mencionar um aspecto do Processo de Transformação do SUS para homens trans, que começou apenas em 2013 com a Portaria n.º 2.803/2013, um pouco mais tarde do que o estabelecido em 2008 (Borgert *et al.*, 2023).

Através das Portarias nº 1.707, de 18 de agosto de 2008 e no 457, de 19 de agosto de 2008, o processo transexualizador, que prevê as cirurgias de redesignação sexual e tratamento com hormônios, foi regulamentado pelo Ministério da Saúde e, posteriormente, complementado por meio da Resolução nº 1.955 do Conselho Federal de Medicina, de 3 de setembro de 2010. (Bittencourt; Wendt, 2023, p. 56)

Nesse sentido, o direito ao acompanhamento pelo SUS é garantido durante todo processo, desde os primeiros atendimentos, que começam pela Atenção Primária à Saúde (APS), e logo o acompanhamento com psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas e assim por diante; isso para dizer que esse direito é de extrema importância para a população trans, no entanto, a aplicabilidade nesse sistema ocorre por vezes desequilibradamente nas diversas localizações brasileiras, e, mesmo quando chega, apresenta determinadas problemáticas devido à falta de profissionais capacitados para estes atendimentos, como veremos adiante. Contudo,

as alternativas para quem deseja mudanças corporais e/ou medicamentos muitas vezes ocorrem por vias particulares (para aqueles que têm essa alternativa) e/ou clandestinas.

Sob estes aspectos, começamos a acompanhar as falas dos interlocutores em suas buscas nesses atendimentos, como ocorreram essas experiências, se por vias públicas e/ou particulares e o que eles contam sobre esses processos. Para iniciar, o relato de Glauber é revelador das experiências nessas redes, quando ele inicia as buscas pelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) da sua cidade, Santana do Acaraú, no interior do Ceará:

Comecei no CAPS, mas terminei no particular, porque eu não gostei... Resolvi parar porque o pessoal só mandava eu procurar Deus. No particular também do mesmo jeito. Eu começava a falar essas coisas, que eu me sentia estranho. Aí eu falava do que eu estava me sentindo, falava do que estava acontecendo comigo, e a mulher dizia: “é só você procurar Deus, relaxar essas coisas”. A maioria tem essa besteira. Teve uma vez que eu estava tão sufocado que eu queria... Voltei para lá de novo (CAPS), aí ela (psicóloga): “Não, você tem que ir para igreja, tem que ‘não sei o quê’”, e depois desse dia aí eu desisti.

Nesse relato de Glauber, percebemos a dificuldade que ele teve na época em receber um atendimento que não houvesse julgamentos ou viés religioso. Não é difícil encontrar depoimentos de pessoas trans que já passaram por situação semelhante, é fácil perceber o despreparo e a falta de qualificação profissional para atender essa população. Isso gera constrangimentos, desconfortos e pode piorar as sensações, deixando as pessoas mais confusas, além de afastar a busca pelo atendimento, como aconteceu com Glauber, afastando-o mais ainda desse tipo de acompanhamento. Como vimos, o despreparo não ocorre apenas por vias públicas, ele alega que também vivenciou a mesma experiência em consultas particulares, nesse sentido, há de se refletir sobre a formação desses profissionais. Até o momento em que tivemos nossa última conversa, Glauber não fazia nenhum tipo de acompanhamento psicoterapêutico. Ele alega que na cidade onde mora, Tianguá, não há possibilidades de acompanhamento para a população trans pelo SUS, que somente há em Fortaleza, capital, mas devido aos custos de transporte e mesmo de moradia ainda não foi possível.

Situação similar também passou Jonas, ao ir a uma consulta particular com uma psicóloga em busca de um laudo, e esta explicou o “fator determinante” para ele ser um homem trans, baseando-se em suas concepções religiosas espiritualistas. Anterior a isto, ele também já havia procurado atendimento psicológico na própria faculdade, mas percebeu que ali não tinham conhecimentos com questões sobre transexualidade.

Procurei a primeira vez lá atrás, em dois mil e, sei lá, 2014, 2015, não motivado por uma necessidade minha. Antigamente, tinha todo um processo da transexualidade e parte desse processo, desse protocolo, era você passar por uma terapia, por uma psicóloga, para que ela te desse o laudo. Então, quando procurei a terapia, eu procurei visando o laudo. (...) Antigamente tinha um discurso muito forte da disforia, de você sentir mal com seu corpo, de você recusar seu corpo. Nunca acreditei muito nisso.

Mas quando procurei uma terapia, eu procurei ciente de que esse era o discurso esperado. (...) A primeira terapeuta que procurei tinha a ver com a minha faculdade na época, que fui nela, mas logo no primeiro encontro entendi que ela não fazia ideia do que estava em jogo ali, não funcionou e eu já sabia que não ia dar certo. (...) Depois procurei outra por fora, e aí expliquei para ela que era uma pessoa trans, que eu estava em busca do laudo. E aí ela também não entendia nada na época. Inclusive nesses primeiros anos, foi uma época em que era muito difícil encontrar profissionais de qualquer âmbito da terapia, psicólogos, endocrinologistas, cirurgiões, que entendessem a questão trans. E aí procurei essa, fiz algumas sessões com ela, só que eu inclusive nem era sincero no que eu estava falando, porque eu entendia que eu estava ali pelo laudo, não porque eu tinha uma necessidade de relatar uma experiência e eu esperava que ela me entendesse ou que ela me ajudasse de alguma forma, eu não sentia que eu precisava dessa ajuda. Inclusive, não tive uma experiência positiva com ela, porque ela era espírita, ela trazia um pouco dessa espiritualidade dela na terapia. Ela falava que, segundo o espiritismo, talvez eu tenha sido homem na vida passada, e aí nessa vida vim como trans, porque, sei lá, era uma penitência, era um processo que eu precisava passar. Eu não acreditava naquilo, né?

Nesta declaração, Jonas levanta grandes questões para reflexão, além do aspecto religioso tratado pela psicóloga espírita. Ele já sabia o discurso que esses profissionais esperavam ouvir para emitir o laudo, e esse discurso era o da disforia. Ao buscar esse atendimento, Jonas queria apenas receber o laudo para poder apresentá-lo a um cirurgião que faria a sua cirurgia de mastectomia masculinizadora, mas era necessário, durante essas consultas, relatar desconforto com esta parte do corpo. Sob este aspecto, é questionável a validade desse laudo, tendo em vista a necessidade de ter que sentir tamanho desconforto para realizar tal procedimento. Ou mesmo da validade que esses laudos podem ter para dizer quem é ou não uma pessoa trans e que tipo de procedimento ela pode realizar a partir do desconforto. Jonas acredita que tais condutas terapêuticas podem frequentemente agravar a situação, e o que muitas vezes acontece é a necessidade de mentir durante essas consultas para poder realizar tais procedimentos. Ele mesmo relata que já ouviu isso de outras pessoas:

Então, existe uma certa hipocrisia de ser obrigatório, mas os profissionais não estão aptos a atender. Então, não acho que resolveriam muito. E é muito comum, nessa relação, as pessoas mentirem. Várias pessoas trans que conheço diziam mentir porque eles não sentiam que poderiam confiar no outro profissional, que era mais seguro falar a história que queriam ouvir do que, de fato, se abrir e estar ali numa situação de vulnerabilidade, esperando que o outro profissional entenda.

Jonas não fazia nenhum acompanhamento até o momento de sua entrevista. Nesse curso, ele questiona essa obrigatoriedade de acompanhamento, porque entende que nem todo mundo precisa passar por processos de terapia. Todavia, ele acredita que hoje existem mais profissionais capacitados para atender essa população, e que muitos se sentem mais confortáveis para contar as suas histórias, inclusive aquelas que não se encontram na narrativa trans ideal, segundo ele: “seria aquela narrativa que você, desde pequeno, sempre soube que era trans, na adolescência, pior fase da vida, odeia o corpo, rejeição total. Ai, quero passar por

hormônios, quero trocar o nome, quero fazer cirurgia. Essa é a narrativa ideal trans, na qual as pessoas compreendem.” Essa narrativa, apesar de ser identificada por várias pessoas trans como próxima de suas histórias, não define outras pessoas, com histórias diferentes.

Gaell, por sua vez, conta que havia retomado o acompanhamento psicoterapêutico um dia antes da nossa conversa, e havia pausado por algumas questões apresentadas durante as sessões anteriores. “Em abril do ano passado, eu parei. Não quis mais. Por causa dessas questões, e aí chocou-a... Ela me fazia essa pergunta, se eu tinha certeza, porque eu estava tão abalado psicologicamente que falei: 'Eu nem sei se quero mais ser trans.'” De acordo com Gaell, ele estava passando por momentos difíceis e se sentia confuso sobre quem era. “Foi isso que deu um impasse todo, deu um rebuliço todo, onde ela conversou muito comigo, eu falei que eu não precisava mais de terapia, que eu também não queria terapia. E, enfim, só retrocesso, cara, só retrocessos.” Ele ainda conta que, na última sessão, após sua volta à terapia, a psicóloga o questionou se ele tinha certezas sobre ser uma pessoa trans, e que esse assunto era sério para ter dúvidas.

Agora, nessa sessão, quando voltamos, ela perguntou para mim: “Você tem certeza de que é isso? Porque preciso muito te acompanhar, porque na última vez você disse que nem tinha certeza e que nem sabia se era uma pessoa trans e isso é muito grave. Isso não é uma brincadeira. Vão fazer mudanças em você que talvez sejam irremediáveis depois se você se redescobrir”. Ela falou assim: “Claro que estamos em constante evolução, só que você tem que entender que isso, além de ser muito sério, é muito grave. É sobre a sua saúde que estamos falando. Você vai fazer processos e processos, exames, vão inserir coisas em você e você precisa estar pronto, tem coisas aí que podem ser irremediáveis” e foi me explicando... Eu falei, foi mal, doutora, eu tenho certeza, eu tive um surto, eu estava muito mal, mas agora voltei e acabou, tá? Sou assim, eu te dou a certeza de que sou assim, de que eu não quero retroceder, eu quero evoluir. Ela falou: “Tudo bem, então a gente vai conversar mais um pouco, você volta aqui para fazer mais exames”, eu estou fazendo uma bateria de exames completos, tudo de novo para eles saberem o que fazer comigo. A gente foi à nutricionista, a gente vai começar tudo de novo.

Entretanto, durante o período que se sucedeu à nossa primeira conversa, Gaell teve outros problemas de saúde que o impossibilitaram de dar continuidade a qualquer tratamento hormonal e/ou cirúrgico. Dessa forma, ele pausou o processo de transição, que havia iniciado pelo SUS. Questionei a Gaell, ainda na nossa primeira conversa, o que ele pensava sobre esse tipo de acompanhamento psicoterapêutico para pessoas trans, no que ele respondeu: “É bom um afeto psicológico, da psicóloga, é boa a consulta. Concordo com a consulta nesses termos, mas eu também discordo um pouco dessa coisa de: “você tem certeza? Você acha que é isso?” Mano, deixa a pessoa ir, pô! Acredito assim. Tem seus prós e seus contras”. Nesse sentido que Gaell descreve, fazer essas perguntas que envolvem certezas de quem se é, se torna complexo quando temos uma negação social e cultural da identidade de pessoas trans. Embora

reconheçamos a necessidade de discutir alguns procedimentos irreversíveis, permanecer constantemente questionando se é isso que se deseja pode causar mais confusão mental. Ainda sobre esse assunto, Gaell conclui:

É nisso aí que eu não concordo. Acho que, para a gente chegar a uma conclusão, um denominador comum, a gente já se autoavaliou durante anos tortuosos para alguns, para outros eu não sei, mas para mim foram anos tortuosos, para chegar ainda a ter uma subavaliação. Além da minha própria, como pessoa, me autoconhecendo, ainda tenho que passar por uma subavaliação. Isso aí para mim não é correto. Mas acho legal ter, sim, só a terapia em dia. Para aquela pessoa ter aquele suporte psicológico, para ter a sua sanidade em dia, porque é um procedimento muito doloroso, que vai marcar muito as pessoas.

No que diz respeito a Marcelo, ele relata que foi questionado tanto pela psicóloga quanto pela sua ex-esposa, porém isso não o incomodou, ao contrário, ele considerou relevante ser questionado para evitar qualquer dúvida. Marcelo teve dificuldade de acompanhamento pelo SUS, devido à demora nos processos e à distância da cidade na qual residia. “Essa é uma das questões de eu ter optado também por não ir para o Hospital das Clínicas em Salvador, que trabalha com pessoas transexuais. Porque eles têm essa questão do tempo. Eu já tinha perdido muito tempo da minha vida sendo quem eu não era, e eu descobri quem eu era.” Ele conta que preferiu procurar acompanhamento via particular, para que recebesse o laudo mais rápido e começasse a se hormonizar. No momento da nossa conversa, ele fazia acompanhamento psicológico, pagando por cada sessão. Diz que não pode ficar sem acompanhamento em decorrência do diagnóstico de depressão que ele já teve. Marcelo descreve que ainda hoje recebe perguntas durante suas terapias sobre o processo de transição:

Mas a psicóloga está também sempre questionando: “Marcelo, mas isso, essa questão do bigode que tá começando a crescer, tá te incomodando, você ficou feliz?” Sempre tinha essas questões, né? Até hoje ainda tem, por vezes, essa questão de perguntar para saber de fato, se é isso mesmo ou foi alguma confusão da cabeça, enfim, pode acontecer e acontece muito.

Simultaneamente, Marcelo critica o tempo que uma pessoa trans atendida pelo SUS leva para efetivamente iniciar os tratamentos hormonais e cirurgias. Segundo ele, esse tipo de atraso prejudica ainda mais aqueles que procuram esse serviço em busca de alterações corporais. “E acho que, para maiores de 18 anos, com responsabilidade, é algo que precisa ser conversado, passar por psicólogo, psiquiatra e endocrinologista. Acho importante essa questão da saúde, muito importante, mas acho que saber quem você é vai além do tempo”. Para ele, muitas pessoas já passam muito tempo sem assumir sua própria identidade. Guardam anos para poderem realmente criar coragem e procurar esse tipo de acompanhamento, e quando resolvem ir, ainda passam por diversos processos burocráticos. Ele complementa: “Não acho justo e coerente. Acho que há métodos psicológicos, estudos e mecanismos, eu acredito haver, sim,

mecanismo de você discutir que é aquilo que aquela pessoa quer. É como o médico falou: ‘você vai ter responsabilidade, isso vai causar consequências’. E aí, cabe à pessoa.”

Ao analisarmos as pesquisas e análises realizadas sobre os cuidados psicológicos prestados a pessoas trans nos últimos anos, encontramos diversos debates relevantes que podem contribuir para um entendimento mais aprofundado desses cuidados e aprimoramentos para essa população. Como aborda um estudo bibliométrico que mapeou a produção científica sobre a saúde mental de pessoas transexuais com base nos dados Scopus — sendo uma das principais base de dados de resumos e citações revisada por pares com ferramentas que possibilitam o acesso a diversas bibliografias —, “a bibliometria permite avaliar a produção acadêmica das mais diversas áreas do conhecimento, tendo papel relevante na análise da produção científica de um país ao poderem retratar o comportamento e desenvolvimento de áreas do conhecimento através de seus indicadores” (Castilho *et al.*, 2024, p. 2). Neste trabalho, os pesquisadores afirmam que houve um crescimento nas pesquisas sobre a saúde da comunidade LGBTQI+, após a implementação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT. Isso foi influenciado pelo cenário político, garantindo avanços dessa política de saúde para os direitos dessa comunidade (Castilho *et al.*, 2024).

Porém, é necessário pontuar que essas políticas ainda não atendem de forma equânime essas pessoas. Como vimos nos relatos trazidos pelos interlocutores, há várias experiências que demonstram o despreparo profissional desses atendimentos. “A busca por atendimento é um ponto de reflexão na vida da pessoa trans, de se realmente vale a pena passar por um sistema que não está preparado para atendê-la” (Borget *et al.*, 2023, p.9). Ainda há de se considerar que, quando nos voltamos para as políticas públicas do Ministério da Saúde no acolhimento às pessoas trans, o ‘processo transexualizador’ é a referência de acompanhamento. Contudo, é necessário observar que este processo ainda se concentra principalmente em procedimentos biomédicos, como a hormonização, medicamentação, cirurgias e outros procedimentos estéticos, sem dar a devida importância a outros elementos das relações humanas, como o ambiente e a qualidade de vida, que têm um impacto direto na saúde mental (Borget *et al.*, 2023). Os autores avaliam que o conceito de saúde precisa estar integrado a todos os aspectos da vida desses sujeitos, considerando o viver social e estar socialmente integrado (Borget *et al.*, 2023).

Portanto, além da falta de capacitação dos profissionais, esses atendimentos continuam ignorando outros fatores como a qualidade de vida, a renda, os aspectos emocionais, familiares e sociais como as principais perspectivas de acolhimento. Ainda conforme os autores, “os

obstáculos no acesso ao sistema de saúde geram um risco adicional à vida da pessoa trans, pois as dificuldades no atendimento apontadas podem levar a quadros de saúde debilitados” (Borget *et al.*, 2023, p. 10). Apesar da aplicação dessas políticas direcionadas à população trans, ainda persiste um grande desconhecimento e preconceito entre os profissionais, fomentando ainda mais discursos patologizantes e uniformizadores acerca do que significa ser trans. A cisgeneridade como uma “norma” permeia todos os campos dos saberes, replicando ideias que, outrora, tratavam a transexualidade como transtorno. “Nos campos psi (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise), a despatologização trans é pauta em disputa, que toca numa necessária reorganização ou mesmo deslegitimação de campos que historicamente se vestem da arrogância de produzir sobre nós nossos próprios discursos” (Viera *et al.*, 2019, p.165).

Apesar de muito já ter sido revisto nesses campos do saber, ainda persiste um entendimento sobre o que significa ser transgênero e quem tem concessão para realizar certos procedimentos e/ou mudanças corporais. Os laudos definem quem pode fazer e, conseqüentemente, quem pode ser. Ao procurarem médicos particulares para acelerar o processo de transição, Jonas e Marcelo compreendem o tipo de discurso que se espera deles. Independentemente de experimentarem ou não todos os “sintomas”, eles devem demonstrar desconforto e/ou “indicativos reveladores” de suas identidades transgênero. Nesse sentido, a autonomia do indivíduo não é considerada a partir do que ele quer por sua vontade, mas o que ele precisa apresentar como sintoma, para validar essa vontade: “É somente a partir de um laudo psiquiátrico que os procedimentos podem ser realizados, de modo que o psiquiatra ocupa uma posição classificatória de saber/poder; ele é o responsável por validar ou não vivências, decidir quais são aquelas(es) que receberão ou não cuidado” (Viera *et al.*, 2019, p. 167).

É importante destacar a relevância desses profissionais no acompanhamento dessa população durante esses processos que envolvem não somente transformações físicas, mas também impactos subjetivos e sociais, considerando que os gêneros possuem efeitos causais e reativos no contexto cultural em que estamos inseridos. Contudo, é pertinente questionar qual é o papel dos profissionais das áreas Psi nesse acolhimento, a ponto de emitirem pareceres determinando quem pode ou não recorrer a procedimentos hormonais ou cirúrgicos, considerando, principalmente, situações de sofrimento. Além disso, também é questionável determinar que toda pessoa que deseje passar por uma transição deva, obrigatoriamente, passar por esses profissionais.

Retira-se a autonomia a partir do pressuposto de que, sem a atuação de especialistas, uma transição seria sempre incerta, sempre insegura e sempre perigosa. No entanto, com um olhar mais aguçado, percebe-se que o que está sendo omitido é que às pessoas

trans e travestis são negadas quaisquer possibilidades de arrependimento. (Favero, 2022, p. 10)

Ademais, como esses profissionais se comportam durante a acolhida dessa população deve ser um aspecto importante a ser considerado. Essas interações iniciais são o que levam muitos indivíduos a abandonar esse tipo de assistência, como aconteceu com Glauber, que enfrentou várias experiências negativas, tanto no CAPS, no serviço público, quanto com profissionais privados. Favero (2022) propõe que não haja fórmulas prontas para um bom atendimento, mas possibilidades que envolvam práticas voltadas a questões e desconfortos os quais os profissionais devem se submeter, visando não reproduzir uma clínica cisnormativa, *(des)cienerizar*. “Ressaltar os paradigmas sociais da desigualdade dentro de um sistema que regula corpos como antinaturais, inadequados ou doentios é parte do ofício de uma clínica ‘atenta’ ao desafio enfrentado por pessoas trans e travestis” (Favero, 2022, p. 12). Novamente, abordamos o tema anteriormente discutido, que diz respeito às desigualdades sociais enfrentadas por pessoas trans. Se a clínica reforça ou contribui para esse tipo de atendimento patológico, não há lugar para se falar em acolhimento da população, mesmo existindo políticas direcionadas a esse grupo.

#### **4.2 Terapias hormonais e procedimentos cirúrgicos: vivências transversais**

Nesta última etapa do texto, discorreremos sobre a hormonização e procedimentos cirúrgicos narrados pelos interlocutores, incluindo aqui também os relatos daqueles que nunca realizaram nenhum desses procedimentos, para entender suas opiniões, desejos e o que estes revelam sobre essas buscas. No entanto, considerando o aprofundamento do tema, os relatos de Jonas e Marcelo serão mais detalhados, uma vez que ambos passaram por experiências com o uso de hormônios e procedimentos cirúrgicos. Não há intenção aqui de relativizar o que seja uma existência trans a partir desses procedimentos, como se fazê-los ou não fosse determinante para avaliar as vivências desses sujeitos. O objetivo do estudo sobre este assunto é compreender como essa experiência ocorreu para cada indivíduo e, principalmente, o que isto significa na vida deles.

Gael e Glauber declararam nunca terem passado por uso de hormônios ou procedimentos cirúrgicos relacionados ao processo de transexualização. No entanto, mostraram interesse em experimentar tais procedimentos. Inclusive, ambos já haviam iniciado o processo transexualizador através do SUS, mas não conseguiram prosseguir. Glauber tentou durante o período em que residia em Fortaleza, porém, por não conseguir permanecer na cidade onde esse

tipo de acompanhamento era mais viável, teve que interromper o acompanhamento. Enquanto Gael também começou a fazer os primeiros acompanhamentos através do SUS, por consequência de um agravamento na saúde, por outras causas, ele teve que fazer a interrupção, pois não poderia fazer ambos os tratamentos conjuntamente. Essa informação ele me deu na nossa segunda entrevista e solicitou para não divulgar a causa dessa descontinuidade.

Jonas já havia começado o uso hormonal desde 2016 e, antes disso, em 2015, ele também já havia realizado a cirurgia de mamoplastia masculinizadora. Portanto, quando conversamos, já se passavam alguns anos desde que ele passou por essas experiências, e mantinha os tratamentos hormonais. Enquanto Marcelo, na nossa primeira conversa, estava há quase um ano sem utilizar hormônios, por conta de questões financeiras e, mais ainda, porque estava passando por episódios de depressão e não podia acumular as medicações. Importante registrar aqui que, no momento em que escrevo, Marcelo já conseguiu fazer a cirurgia da retirada dos seios, mas na época de nossas primeiras conversas, das quais houve o registro para a pesquisa, ele ainda estava na tentativa de realizar essa cirurgia. Dito isso, as falas trazidas aqui por ele irão refletir sobre esses processos.

Ao falar sobre o tratamento hormonal e a cirurgia, Gaell demonstrava certos receios sobre as reações dos seus familiares, diz ele: “Estou na fila do SUS, estou aguardando. Eu já tenho que preparar o meu psicológico para quando eles verem a barba crescendo, a voz engrossando bem mais, né? Quando me verem sem blusa. É outro preparo psicológico que vou ter que ter, até mesmo para os meus sobrinhos”. Ao mesmo tempo, vê a cirurgia como uma possibilidade de as pessoas lhe respeitarem como ele é, inclusive sua própria família.

Acho que ajudaria muito para mim, porque tem gente da minha própria família que já falou: “Eu não te respeito como um homem, porque você não parece um homem para mim.” É duro ouvir esse tipo de coisa, mas é até suportável e é compreensível. Mentos ignorantes não pensam como mentos evoluídas. Porém, para as pessoas na rua, isso me incomoda muito. Por mais que eu saiba que eu nunca mais vou ver a cara da pessoa que me chamou de ela ou de moça na minha vida, para mim é bom porque ajuda muito, porque a pessoa vai ver que eu não tenho mais seios, a pessoa vai ver que tenho barba, automaticamente ela não vai falar, “oh moça”, ela não vai falar isso, sabe?

Neste contexto, Gaell também percebe o quanto essas mudanças corporais seriam significativas para alterações na maneira como as pessoas passariam a vê-lo e tratá-lo no gênero masculino. Em outro momento, acrescenta que essas transformações seriam importantes para que ele não precisasse justificar sobre seu gênero masculino para os demais, pois essas características já fariam com que as pessoas o tratassem assim: “Se você está vendo um cara de barba, você não vai chamá-lo de ela. (...) Então, para não precisar dar essa justificativa também, vai ser muito útil, cara. Muito útil essa questão da mastectomia e da transição, da barbinha,

essas coisas. Vai me poupar de justificativas.” Em outro momento da nossa conversa, Gaell fala que não seria, por exemplo, a barba definidora do que seja um homem, mas que isso o deixaria mais perto de quem ele quer ser: “E o impacto do hormônio? Para mim, é muito positivo. Independente se eu for sentir alguma dor ou se algumas coisas forem mudar no meu corpo, vão ser muito bem-vindas e positivas, porque acredito que vão estar mais perto de quem quero ser”. Ele então detalha como essas alterações impactariam sua vida, não apenas para que os outros o vejam como um homem, mas também como se sentiria subjetivamente mais conectado consigo mesmo.

Falo que seria muito legal ter essa mudança, até mesmo para as pessoas terem uma percepção de que eu não sou uma mulher, que eu não me identifico como uma mulher, e eu acho que é um impacto muito positivo para mim. Eu adoraria ter a voz mais grave, né? Ter ali a minha barbinha, ter ali o meu aspecto, aquele toque masculino, a masculinidade em si. Porque gosto disso, são coisas que me atraem em mim mesmo. E não é só por questão de estética, de físico, não. É porque eu me sinto mais perto de mim, mais próximo de quem eu sou. Até mesmo quando eu me identificava como mulher, eu odiava. Ainda odeio os meus seios, eu não gosto, são coisas que abomino totalmente, não gosto de verdade e, mesmo se eu ainda me identificasse como mulher, eu iria retirar ainda que fosse um pouco ou tudo, porque não é algo que me agrada, entendeu? Mas aí tem ali a mastectomia, né, a cirurgia masculinizadora que só vai me deixar mais perto de quem quero ser, de como eu me sinto bem, com partes com as quais eu me sinto confortável. Às vezes coloco uns filtros no Instagram e me vejo com barbinha, fico tão, tão feliz, cara. Falo, nossa, é quem sou, sabe? É quem amo e quero ser.

Deste modo, percebemos que as mudanças teriam impacto tanto nas relações sociais de Gaell quanto na construção de sua própria autoimagem. Da mesma forma que Gaell, Glauber não havia realizado cirurgias ou feito terapia hormonal. Ele conta que já havia conversado com um amigo sobre o uso, e até tinha se interessado em começar, mas este amigo fazia por conta própria e, naquele momento, ele ficou com receio de fazer sem o acompanhamento, porque também precisaria fazer exames contínuos, isso o desmotivou. Ao questioná-lo sobre que tipos de efeitos a hormonização poderia ter na sua vida, e se, caso fizesse, as pessoas mudariam em relação à forma de lhe tratar, ele responde: “Na rua, acho que sim, porque o pessoal não ia saber se era trans, né? Acho que ia mudar mais ou menos um pouco o jeito de me tratar, porque eles olham meio com um jeito de desdém”. Glauber ainda acrescentou que, no ambiente de casa com a sogra e para os conhecidos de sua companheira, ainda não o veem como homem, e dizem para ela arranjar um homem de verdade. Por esta fala, percebo que em relação às pessoas mais próximas não mudaria tanto, já que ele ainda continuaria não sendo o dito “homem de verdade” naquele contexto.

Questionei a Glauber sobre a cirurgia da mamoplastia masculinizadora, se ele já havia tentado ou pensado em realizar. Ele disse que já havia pesquisado nas clínicas de Fortaleza,

mas que a cirurgia, na última vez que havia pesquisado, custava cerca de 15 a 20 mil reais. Também acrescentou que teria a opção de fazer por vias públicas, mas, devido à demora ser imensa, seria até mais fácil juntar o dinheiro. Conta que atualmente usa um binder: “Aí eu comprei um binder, de vez em quando eu uso, quando eu vou sair com ela”, aqui ele se referia aos momentos de saídas com sua companheira. Com isso, também relata uma experiência de uma abordagem policial que sofreu na cidade onde mora: “Teve uma vez que eu estava esperando a Estefany (companheira) às 10 horas da noite na academia, e a polícia me parou e perguntou o que eu estava fazendo lá sentado na calçada. E ele: ‘Numa hora dessas, é para você ir para casa, não é para você estar no meio da rua, não. Cadê seu RG?’” Questionei se achava que a polícia o tinha parado por ele ser um homem trans negro, no que respondeu: “A Estefany acha que é pela cor que o pessoal aqui tem essa besteira, né?” Apesar de esta temática não ser desenvolvida nessa pesquisa, é relevante evocar que essas pessoas possuem outros marcadores sociais que perpassam suas experiências de vida. Sendo suas subjetividades distintas pela classe, raça, idade, além da identidade de gênero e outros recortes sociais.

Ao examinarmos as histórias relatadas por Marcelo, elas são fundamentais para refletirmos sobre as vivências que ele teve durante a busca pela cirurgia e o processo de hormonização. Durante nossas conversas, conforme mencionado anteriormente, ele ainda não havia realizado a cirurgia para a remoção dos seios, o que o deixava mais aflito. O primeiro contato dele com esse processo o deixou ansioso e com alguns receios. Segue o relato de Marcelo sobre sua primeira experiência com a cirurgia:

Tive um problema sério com o plano de saúde, porque fiz todo o procedimento para fazer a cirurgia. Fiz exames pré-operatórios, passei pelo cardiologista e tudo mais. Foi marcada a cirurgia. No dia 10 de março do ano de 2022. Meu aniversário é no dia 14 de março. Então, eu estava muito ansioso, sem conseguir dormir, esperando. Quando cheguei no dia da cirurgia, eles falaram que não iam me operar. Que o plano não liberou e que não liberaria. Entrei com uma ação na justiça, mas enfim... Eles alegaram que não tinham um código para minha cirurgia. Que seria o código de mastectomia masculinizadora. Então, eles teriam que colocar o código de transplante de mama. Ou seja, eles não fazem esse tipo de cirurgia porque não tinham o código. O médico, para me ajudar, havia colocado outro código, e quando chegou na hora da cirurgia, não pude fazer. Então, entrei até com a ação e tudo mais, e depois disso, a minha depressão piorou muito, porque desisti da vida.

Neste segmento da primeira entrevista, Marcelo ainda estava profundamente abalado com o ocorrido. Para ele, realizar essa cirurgia era concretizar um anseio de algum tempo, e isto acabava por prejudicar sua saúde mental, pois aumentava sua ansiedade e os sintomas de depressão. Além disso, ele estava com problemas financeiros que o impediam de continuar a terapia hormonal, porque, além do alto custo, recorria às medicações antidepressivas e não poderia usar outros fármacos. Relata que a única opção de realizar o acompanhamento pelo

SUS seria no Hospital das Clínicas em Salvador, mas o deslocamento até lá naquele momento não era possível. A hormonização que ele realizou durante três anos era a Hormus Testosterona Undecilato, intramuscular, mas já havia parado por um ano, conforme suas palavras:

Ela não é acessível para a população pobre. Eu não tenho condições. Então, assim, sendo transparente para você aqui em uma entrevista, tem um ano que eu não tomo a minha testosterona, porque eu não tenho condição. E o meu endocrinologista, ele falou que não era bom eu mudar para a comum, a qual é a Deposteron. A outra, que esqueci o nome, sendo mais barata, custa 40 reais aqui na minha cidade. Tenho depressão, tenho transtorno de ansiedade, tudo por conta da minha história de vida. Então, por eu tomar muita medicação para isso, as medicações, os hormônios não injetáveis, causam muito problema no fígado. É tanto que eles aconselham a não beber muito álcool, não fumar, todas essas questões de cuidar da saúde, porque a gente tem uma perspectiva de vida já curta. Em média, nós, homens trans, temos 35 anos de vida, e eu tenho 25. Então, digamos que, pelos especialistas, daqui a 10 anos, eu não vou estar mais aqui.

Essa fala de Marcelo reflete em muito a realidade da expectativa de vida de pessoas trans, gerando também maiores problemas relacionados à saúde mental. Compreender que você vive em uma sociedade na qual a sua expectativa de vida é inferior à média da população em geral afeta todos os aspectos da sua vida. Marcelo procurou fazer a cirurgia o mais breve possível, buscando se adequar ao corpo que lhe traria maior conforto. O tempo é fundamental para ele nesse contexto. Contudo, nessa fala, o que mais provoca questionamentos é a experiência com o plano de saúde. Desde o começo, ele alimentou expectativas de poder fazer a mamoplastia masculinizadora. No entanto, no dia marcado para a cirurgia, o código não estava disponível. Mesmo que ele já tivesse marcado anteriormente o mesmo tipo de procedimento cirúrgico, este seria posteriormente cancelado. O plano e a equipe que o assistia falharam gravemente ao não fornecer informações concretas, nem tentar entender o impacto daquela cirurgia na sua vida, para prevenir que ele enfrentasse esse tipo de situação.

É interessante notar que, na nossa segunda conversa, quase um ano mais tarde, ele já tinha conseguido um novo plano de saúde e já tinha uma data definida para a cirurgia. E, desta vez, aconteceu outro episódio intrigante sobre o tipo de procedimento cirúrgico que ele deveria realizar. Nesta ocasião, Marcelo revelou que o plano também não possuía o código para a cirurgia de mamoplastia masculinizadora. No entanto, ele iria remover os seios como se fosse um homem cisgênero com mamas, portanto, o código seria de ginecomastia. Ele elucida:

Fiz outro plano de saúde, no qual pesquisei antes com o grupo que tenho de pessoas trans, qual o plano que tem mais tá mais em conta e tem a probabilidade de ter uma cirurgia tranquila, sem muita burocracia e tudo mais. É um plano que não é muito barato, eu venho lutando muito para pagar porque tem a carência. Então, venho tentando pagar esse plano, porque custa em torno de 500 reais para minha idade. Mas era a esperança que eu tinha, porque realmente a vista é algo que está muito longe da minha realidade. E eu consegui a marcação da cirurgia após seis meses de carência num hospital ótimo da minha cidade. Um profissional com o qual eu não tenho muito conhecimento, não conheci ninguém do meu grupo que já tivesse trabalhado. Tem poucas imagens no Instagram dele sobre cirurgia. Mastectomia, no caso não tem, tem

muita ginecomastia, com homens cis. Mas não é o mesmo corte, não é a mesma cicatriz. Somente homem cisgênero com uma mama grande, considerada grande para homens. Mas ele tem muita experiência no quesito cirurgia plástica. Ele já é um senhor, já tem uns anos de carreira. E tem muitas fotos de outras cirurgias, abdominoplastia, lipo, sendo o que me conforta em saber que tem a imagem de um bom trabalho.

Marcelo menciona a dificuldade em encontrar especialistas em mastectomia masculinizadora na Bahia. Para ele, seria mais simples se vivesse em São Paulo, pois tinha conhecimento, através das redes sociais, de profissionais capacitados para esse procedimento cirúrgico. Ele acrescenta: “Então, quem consegue realmente é quem tem uma condição boa para fazer, porque não é a minha realidade hoje, nem da maioria dos meus colegas, infelizmente. Muitos estão na lista do SUS, de outras cidades. Aqui na Bahia, a gente não tem nem isso.”

Quando Marcelo me conta sobre o processo dessa cirurgia, há alguns questionamentos. Então, pergunto se o cirurgião que vai realizar a cirurgia de ginecomastia sabe ser ele um homem transgênero, e se ele acredita que o fato do médico realizar a cirurgia com código de outra cirurgia para homem cisgênero acelerou o processo de análise da possibilidade da realização. E sim, ele disse que o médico sabia e que prosseguiria com a cirurgia. Marcelo repetiu o que ouviu do médico: “Já sei que você é trans, estou olhando para as suas mamas, já vi, a gente vai fazer um corte assim, vai ser grande, eu preciso saber se você está de acordo, porque tem algumas pessoas que não gostam dessa cicatriz, mas a mama é grande, e eu não posso deixar nenhum resquício de glândulas mamárias, porque vai voltar a crescer.”

No que diz respeito à aceleração do procedimento cirúrgico, ele acredita que a definição como uma cirurgia de ginecomastia facilitou a liberação rápida do plano para realização. Marcelo conta que isso também só foi possível por conta dos documentos, dos quais constavam o seu nome e o sexo masculino, ou seja, nada mais constava sobre ele ser um homem transgênero. E outro fator que possibilitou foi a realização do ultrassom: “Quando fui fazer a ultrassom, como no meu documento não tem nada, ele também não me perguntou nada, o rapaz que fez a ultrassom falou que eu estava liberado. E veio o laudo, solicitando, informando que foi diagnosticado com ginecomastia.” Presentemente, por ainda estar em contato com Marcelo, sei que ele já se submeteu à cirurgia e, mesmo diante dos desafios ainda existentes, ele se sente vitorioso por alcançar essa conquista.

Em relação à cirurgia e à hormonização de Jonas, como já havia mencionado, fazia alguns anos de suas experiências. Antes de iniciar a terapia hormonal, Jonas optou por fazer a cirurgia. Ao contrário de Marcelo, Jonas não procurava essa intervenção por sentir desconforto com seu corpo, mas sim como uma vivência corporal que ele se permitiu. Segue o relato:

Em relação à minha experiência antes, eu não necessariamente, assim, me incomodava ter seios, mesmo antes de eu ter um nome para isso. Eu achava que seria interessante não ter. Quando descobro a transexualidade, a cirurgia inclusive é a primeira coisa que eu considero. Antes de me hormonizar, e aí existe um rompimento com essa narrativa trans, porque em tese você começaria com a hormonização e depois a cirurgia, já que a cirurgia é um pouco mais drástica e é irreversível, mas comecei visando a cirurgia. E eu nunca tive certeza, assim. Na época, existia um discurso de que você tinha que ter certeza, você sempre soube que era trans, desde a infância e tudo mais. Eu não me encaixava nisso. Então, quando começo a considerar a cirurgia, e eu a considero primeiro, eu saio um pouco dessa narrativa, trazendo uma certa instabilidade ali, uma insegurança, e isso vai de encontro com a ideia de ter que falar uma certa narrativa para a psicóloga. Mas, não com certeza que essa cirurgia era a resposta, mas entendi que era uma experiência corporal. E, como uma experiência corporal, eu só saberia fazendo-a. Essa era a ideia que eu tinha.

De acordo com Jonas, o fato de ser um homem trans não implicava em ter ou não os seios. Para ele, se os seios não o fariam mulher, retirá-los também não o faria ser homem. Contudo, resolveu realizar a cirurgia como uma aposta:

E aí apostei na cirurgia, tive um primeiro mês um pouco complexo, porque inclusive na época eram poucos cirurgiões que tinham disponíveis, os poucos cirurgiões que tinham disponíveis a técnica não era a melhor. Hoje em dia temos técnicas muito mais avançadas, melhoradas, com resultados muito mais em um padrão, vamos dizer assim, na época não se tinha. E aí, no primeiro mês, assim que fiz, já estava havendo um movimento um pouco maior de pessoas trans fazendo. Lembro que uma cirurgia feita pelo mesmo cirurgião que fez a minha ficou muito melhor que a minha. E aí fiquei bem desapontado. Isso foi no primeiro mês, mas passado o primeiro mês, que tive como se fosse uma... o pessoal falava que era uma depressão pós-cirúrgica. E existiam alguns relatos na internet sobre isso. De você ter um momento, assim, meio depressivo. Não sei se realmente tive, não fui ao psicólogo, não acho que se tivesse ido ele teria me dado uma solução. Mas tive esse momento um pouco mais baixo e aí, depois do primeiro mês, percebi que não, que a cirurgia havia sido a melhor decisão que eu havia feito e até hoje para mim a cirurgia foi a decisão mais acertada que tive.

Em ambos os trechos de Jonas, fica evidente em sua fala que, apesar de ter sido uma tomada de decisão da qual não há arrependimentos, ainda assim, não saber o que realmente ele estava buscando, ou não saber se realmente gostaria do resultado da cirurgia, o fazia consciente de que aquela era uma escolha da qual ele poderia vir a se arrepender. Contudo, isso não aconteceu. Ademais, Jonas rejeita a ideia de que todas as pessoas trans desejam passar por cirurgias por conta de desconfortos com o próprio corpo, algo que ele afirma não experimentar. Ao mesmo tempo, ele se coloca em um lugar de possibilidades de incertezas, ou seja, não necessariamente ele precisou estar convicto de que era realmente isso que ele buscava, para poder realizar o procedimento.

Já em relação à hormonização, Jonas relata que começou a fazer uso após a cirurgia e tomava por conta própria, pois na sua cidade, naquela época, não havia profissionais disponíveis para atendê-lo. Menciona que entrou em contato com vários endocrinologistas, mas não havia profissionais especializados para fazer esse tipo de acompanhamento. Como ele queria começar logo, fez buscas por grupos da comunidade na internet sobre os exames e tipos

de testosterona que outras pessoas trans faziam. Assim, após realizar os exames, ele começou a se hormonizar com uma testosterona em gel, por entender que seria menos agressiva, em uma dosagem baixa. Além disso, conta que, por ainda morar com a mãe naquele período, não queria que as mudanças fossem bruscas na sua aparência, já que ela não sabia sobre sua identidade de gênero.

Logo quando ele estava perto de se mudar para São Paulo, consegue uma consulta com uma endocrinologista, por indicação de outra pessoa, e começa a tomar testosterona injetável. Depois disso, relata que ainda houve muita dificuldade em encontrar profissionais capacitados para lhe acompanhar nessas terapias hormonais. Até hoje, menciona que ainda encontra dificuldades com profissionais apropriados para atender homens trans e que de fato encontram a dosagem correta e o funcionamento em cada organismo. Ainda nesse assunto, questiono a Jonas sobre as principais mudanças que ele percebeu e gostaria de relatar sobre estes anos em que usa hormônios, segue o relato:

Primeiro, tem esse impacto individual, porque é isso, você começa a se hormonizar. Antes de você ver mudanças físicas, você começa a perceber seu corpo sendo afetado pelos hormônios. No começo, tem muita insônia, muito calor, você começa a perceber que a sua garganta começa a coçar. Dificuldades também de chorar. A menstruação para de vir. Então, existe toda uma mudança que, no primeiro momento, é individual e interna e que você percebe. E depois começa a vir, conforme os meses passam, começa a vir a percepção do outro. Durante um bom tempo, existia essa confusão nas pessoas de não conseguir mais me identificar se era uma mulher lésbica ou se era um cara muito novo. E isso se perdeu durante um bom tempo da minha experiência, durante alguns anos, inclusive. Essa percepção das pessoas. E aí, a partir do momento que vou mudando cada vez mais, e as mudanças ficam cada vez mais visíveis, as pessoas passam a me ler como homem. A partir do momento em que elas passam a me ler como homem, há toda uma expectativa de como devo me portar, quais são os meus interesses, como vou reagir a outra pessoa. Eu percebi, por exemplo, muitas mulheres começaram a atravessar a rua se estou sozinho de noite, e aí tem uma mulher passando, ela vai ficar receosa com a minha presença, embora eu também estivesse receoso de estar também numa rua sozinho, no escuro.

Com base na narrativa de Jonas acerca das suas vivências com o uso de hormônios, fica evidente a distinção que faz entre as percepções mais pessoais e como as alterações no seu corpo geraram efeitos no ambiente social. Jonas deixa de ser percebido como uma mulher lésbica e começa a ser percebido em locais onde as pessoas não o identificam, como um homem. Isso altera tanto a maneira como as pessoas o veem, quanto a maneira como ele se percebe nesse “novo” contexto social. Porque, mesmo que Jonas já se reconhecesse como homem antes desse reconhecimento social, quando suas características físicas se assemelham ao conceito de “masculinidade”, surge um novo lugar de tratamento e percepção social atribuído a ele, ou seja, uma nova posição de tratamento e percepção socialmente estabelecida para ele.

Ao analisar os quatro relatos, apesar de Gaell e Glauber ainda não terem passado por nenhum desses processos, as opiniões convergem na percepção do contexto social. Isso significa que todos compreendem e evidenciam que o reconhecimento social como homem possui outra dimensão, afetando sobremaneira as subjetividades. Pois, sendo ainda as características fisiológicas determinantes nesse olhar social do gênero masculino e feminino, não há como desviar de que tipo de classificação será dado socialmente. Portanto, apesar de essas mudanças terem interesses e desejos individuais, elas perpassam, igualmente, pelo impacto gerado socialmente.

Santos e Boffi (2025) são autores que escrevem sobre os processos de subjetivação relacionados à corporificação do masculino em homens trans. Nesse texto, eles discutem sobre os modos históricos da construção das expressões de gênero e sexualidade e como estão envolvidos na elaboração das subjetividades. De tal modo, eles questionam: “É possível pensar em subjetivação sem pensar em contexto histórico e político? Seria possível a separação entre o que o “eu” tem de si, que lhe é intrínseco, e o que é atravessado pelas dobras sociais e históricas na matéria?” (Santos; Boffi, 2025, p. 8). Portanto, sustentam que a distinção entre fatores internos e externos, ou mais especificamente, a subjetividade e a socialidade, como aspectos distintos para discutir um Eu, deve ser comedida, uma vez que isso ocorre apenas na esfera didática (Santos; Boffi, 2025).

Ao mesmo tempo, as experiências relatadas possuem suas particularidades no que diz respeito a como essas pessoas começam a pensar em realizar os procedimentos, por mais que não fuja da esfera social, para cada um há particularidades. Se, para Jonas, realizar a cirurgia de retirada dos seios não era nada certo, ou com a qual ele sentia algum tipo de angústia, caso não fizesse, para Marcelo a cirurgia era uma certeza de que ele se sentiria mais próximo de si, e não realizá-la lhe causava sofrimentos. Enquanto Glauber e Gaell também pensavam na possibilidade de realizar a cirurgia e a hormonização, demonstravam mais conforto em serem reconhecidos pelos demais enquanto homens, sendo tratados no masculino. Gaell relata que a própria família fala que não lhe trata como homem porque, para estes, ele não parece homem. Já Glauber deixa a entender que as mudanças corporais fariam com que as pessoas desconhecidas o tratassem no masculino, mas no ambiente em que ele se encontrava, as pessoas ainda continuariam não o reconhecendo como tal.

Entretanto, quando observamos esses relatos, é necessário nos atentarmos para o contexto que cada interlocutor apresenta, desde a classe social, que tipos de acesso eles possuem, desde acesso à educação, emprego e até mesmo possibilidades de ter

acompanhamento no processo transexualizador. Como vimos, essa realidade se altera e, portanto, os desejos e as possibilidades também são distintos.

Ao retomarmos o uso do hormônio, correlacionando com as falas dos interlocutores, percebemos que a possibilidade de fazer esse procedimento é a busca pelo encontro de si, de se olhar no espelho e se enxergar. Conforme destacado por Vieira e Porto (2019), mesmo que o acompanhamento médico possa se tornar exaustivo, especialmente para aqueles que não têm recursos para buscar assistência por meios privados — e mesmo para estes, continuam suscetíveis a sofrer violências —, a busca é pela exteriorização do que já está interno. “Ao contrário de ‘transformar’, o hormônio é visto ‘adequando’ ao externo algo que existe ‘internamente’, como objetivam os interlocutores” (Viera; Porto, 2019, p. 27). Tão perto disso, também são os procedimentos cirúrgicos, os quais reverberam no corpo uma imagem de si muitas vezes já visualizada anteriormente.

Quando abordamos a hormonização, também entramos no campo das práticas e dos discursos das mudanças corporais, que vão além das transformações físicas, mas que adentram o campo das emoções, e outras dimensões mais subjetivas, como abordam Lima e Cruz (2016, p.178): “os hormônios, de uma maneira geral, destacam-se pela capacidade de produzir discursos e práticas, revelando um mecanismo potente de controle dos corpos e das sexualidades.” Assim, os efeitos e as potencialidades que envolvem as produções dessas substâncias no corpo estão intimamente relacionados com a produção do sexo e, por conseguinte, do gênero, interferindo substancialmente no comportamento esperado para o masculino/feminino. Rohden (2008, p. 147) discute sobre a grande influência que os hormônios produziram sobre o comportamento das mulheres:

Se as mulheres, até a passagem para o século XX, eram governadas pelos ovários, os órgãos da feminilidade, agora elas o são pelos hormônios, as substâncias que determinariam seu sexo e seu gênero. Para entendermos isso é fundamental ter em mente o fato de que a história da pesquisa com os hormônios é também uma história pelo interesse no estudo dos comportamentos, em especial do que seria diferenciado em função do sexo. (...) É a partir daí que se pode compreender a transformação de um padrão, baseado no excesso, para outro, centrado na falta de feminilidade, e a decorrente necessidade de reposição das substâncias típicas das mulheres.

Assim, notamos a contribuição dessas substâncias para reforçar o conceito de feminilidade e, em contrapartida, a masculinidade. Para ser mais específico, quais hormônios seriam classificados como femininos e masculinos, e o que seria considerado “normal” para cada um. A reposição hormonal, nesses casos, visa alcançar esse “equilíbrio”, considerando também as características fisiológicas e mais subjetivas dos gêneros. Apesar de ser empregada por homens transgêneros na procura por adequação corporal, seja para buscar inserção social

ou processos mais subjetivos — como discutido anteriormente, não tão distintos assim — permitindo que suas identidades sejam incorporadas nas interações sociais, ainda assim, “a trajetória da testosterona para se tornar um “hormônio sexual” masculinizante se refere a uma constituição generificada na ciência médica no século XX” (Vieira; Porto, 2019, p. 21).

Contudo, vale questionar quem tem acesso e poder de escolha a esses tipos de tratamentos e/ou procedimentos, quais corpos podem se hormonizar, fazer procedimentos cirúrgicos e outras intervenções que dizem respeito às estruturas de gênero? O exemplo da cirurgia de ginecomastia de Marcelo ter sido facilmente aprovada pelo plano, enquanto, mesmo que por outro plano particular, havia sido recusada anteriormente como mastectomia masculinizadora. O que isso revela sobre quem tem mais facilidade na validação dessas configurações de gênero? Por que um homem cis teria mais opções e menos dificuldades de retirar os seios do que um homem trans? Por que um indivíduo cis teria mais facilidade e validação para a reposição hormonal do que um indivíduo trans? Por que é essencial que uma pessoa tenha certeza de sua identidade e não tenha incertezas sobre a realização de procedimentos cirúrgicos, especialmente quando há uma abundância de indivíduos realizando mudanças corporais e, posteriormente, com a possibilidade de arrependimentos? Quem pode e tem direito de ter dúvidas sobre si?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a pesquisa realizada, várias observações podem ser feitas no que diz respeito às trajetórias dos interlocutores nesses percursos do estudo. Quando realizei a entrevista com cada um, sempre questionava se havia algo que deveria ter perguntado, ou se tinha realmente atingido o objetivo que havia estabelecido. Contudo, observo que sempre há mais do que saber sobre alguém, e mesmo que houvesse o sentimento de satisfação completa da pesquisa, ainda assim, haveria brechas das quais todo estudo não escapa. Principalmente quando estamos falando sobre narrativas e histórias de vida, das quais o esgotamento é quase inalcançável, sabendo que sempre há algo que não foi dito, uma história que não foi contada e/ou um sentimento não apreendido. Por isso, desde o início ficou explícito que não havia intenções de chegar a contar a história completa desses sujeitos, mas pequenas partes as quais eles queriam contar sobre si. Compreendendo isso, este estudo não é uma síntese ou definição de quem são esses indivíduos, pois isso seria inviável. Em vez disso, são recortes de discursos e entrelaçamentos de narrativas e teorias que podem auxiliar a entender melhor os tópicos discutidos aqui.

Portanto, as histórias contadas por Gaell, Glauber, Marcelo e Jonas foram traduzidas com base nas interpretações aqui propostas. Perpassamos pelos lugares de onde partiram, os sonhos e desejos, as relações familiares, as afetividades construídas ao longo do caminho, as suas memórias de infância e adolescência. Além disso, acompanhamos em suas falas as experiências de suas identidades de gênero, as buscas e reconhecimento de si, a falta de acolhimento, mas também os encontros virtuais e novos vínculos. Também vimos seus desafios, medos e frustrações. Os percursos nos cuidados psico/médicos, as dores inerentes a esses processos, a ausência de assistência especializada, mas também as conquistas que lhes proporcionaram satisfação.

Em tudo isso, foi possível entender que a família é raramente o primeiro lugar de acolhimento, ao contrário, foram nos espaços familiares que mais ocorreram as rejeições das identidades de gênero dos sujeitos pesquisados. É válido observar que, nesses relatos, a busca de si não é necessariamente algo que ocorre de forma retilínea, sem dúvidas, com certezas concretas de quem se é, ou do que se quer, apesar disso também ser uma possibilidade. E, quando falamos disso, compreendemos não haver como saber o quanto as dores que podem ocorrer (ou não) nesse processo, dizem parte somente das subjetividades dos sujeitos, ou quanto são parte das estruturas estabelecidas socialmente que dizem respeito ao gênero. Como vimos,

as questões mais subjetivas também são sociais, e não há como separar essa “dualidade”. Nesse sentido, podemos entender o quanto a sociedade brasileira ainda é pouco acolhedora às pessoas trans, desde a falta de oportunidades de emprego à imensa invisibilidade que ainda acomete essa população. Embora exista um sistema de saúde com políticas de assistência, ainda apresenta falhas significativas, principalmente devido à concentração principalmente nas grandes cidades e à falta de profissionais qualificados para atender essas pessoas.

Com base nos relatos dos interlocutores, ficou evidente que a televisão e a internet desempenharam um papel crucial no processo de autodescoberta de suas identidades. Isso ocorre quando eles começam a se identificar com o personagem de uma novela, ou com o apresentador de um programa, ou quando se deparam com grupos online de indivíduos que compartilham experiências semelhantes. Ali, nesses espaços, eles também constroem vínculos e redes de afetos. Entretanto, também é no espaço da internet que há possibilidade de comparação, de ansiedade por não realizar os procedimentos que outros conseguem, além das mensagens de pessoas preconceituosas que usam desses meios para atacar e praticar transfobia. Contudo, esse lugar também é o lugar onde várias pessoas usam para promover discussões, debates e até mesmo fortalecer o movimento trans. Compreende-se que essas redes apresentam ambiguidades, que podem ser benéficas para essa população, mas também apresentam riscos.

Sabendo disso, é importante ressaltar que as vivências dos interlocutores se cruzam em vários aspectos e apresentam caminhos não idênticos, mas confluentes, que fizeram com que a pesquisa trouxesse ampliações das temáticas envolvidas. E esta é a colaboração do estudo em cena, juntar essas histórias de pessoas de lugares diferentes, com vivências familiares diferentes e caminhos diversos, que nem mesmo foram apresentados entre si, mas que trazem em seus relatos linhas que são possíveis de traçar pontos comuns. Ainda assim, conservar as subjetividades trazidas em suas falas, que dizem respeito a outros marcadores sociais, como classe, raça, geração etc., que apesar de não terem sido debatidos ao longo do texto, faz parte de cada indivíduo e demarca as experiências vivenciadas, para além de outras complexidades. Portanto, apesar de esses marcadores não terem sido pontos do foco da pesquisa, sabemos que eles estão presentes nos sujeitos. Sabendo disso, é que entendemos que não é possível unificar as experiências dos sujeitos, elas são múltiplas.

Em síntese, a expectativa é que a pesquisa contribua para debates mais abrangentes sobre o assunto e que tenha atingido seus objetivos iniciais, não com o intuito de apresentar resultados concretos, mas para proporcionar caminhos e oportunidades para reflexão. Com base nesses pressupostos, espera-se que as discussões apresentadas possam expandir a discussão

acerca do assunto das transmasculinidades. Seja por meio de reflexões sobre a família ou para expandir o debate sobre as políticas de saúde pública, refletindo em medidas governamentais e mudanças sociais voltadas para um olhar cuidadoso no atendimento à população trans. Que possa trazer reflexões sobre as oportunidades de acesso disponíveis, que colaborem para a inserção dessas pessoas na economia, na política, na educação, na saúde e no mercado de trabalho, favorecendo a quebra de preconceitos e uma maior qualidade de vida, inclusive o aumento da expectativa de vida.

Não obstante, a pretensão da pesquisa foi trazer, através dos relatos individuais, as particularidades e as similaridades dessas histórias, com intuito de trazer questões mais amplas do que essas vivências reverberam socialmente. A essência é que o estudo promova novas considerações teóricas sobre o tema das transmasculinidades, trazendo novas propostas e estimulando o debate. Isso significa que a pesquisa não se limita aos temas discutidos e não estabelece verdades absolutas sobre eles, mas sim que abre caminho para novas investigações sobre o assunto, como já reafirmado anteriormente. Considerando os limites e as interpretações aqui presentes, a expectativa é que o estudo tenha sido eficaz naquilo que foi seu propósito, mesmo sabendo que o tema não se encerra nesse objetivo. A expectativa é que os conhecimentos produzidos aqui possam também impactar a antropologia, permitindo novos estudos sobre o assunto e contribuindo para a produção científica, ao mesmo tempo que contribuam para transformações sociais. Penso que esse é também o objetivo científico.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5th ed. Washington, DC: Publicação da Associação Psiquiátrica Americana, [2022]. Disponível em: <https://lccn.loc.gov/2021051781>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- BARBOSA, Bruno Cesar. **Imaginando trans**: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Trabalhar as entrevistas e o diário de campo. *In*: BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007. Cap. 7.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução: Estevão, Marco; Aguiar, Renato. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.
- BENJAMIN, H. **The transsexual phenomenon**. New York: The Julian Press, 1966.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 256, maio/ago. 2012.
- BITTENCOURT, Michele Cristina; WENDT, Bruna. Atuação de profissionais da psicologia na atenção a pessoas transexuais e travestis: uma revisão sistemática. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, ano 15, v. 2, p. 51-77, jul./dez. 2023.
- BOFFI, Leticia Carolina Boffi. SANTOS, Manoel Antônio dos Santos. Corporificações do Masculino em Homens Trans: Esquadrinhando Processos de Subjetivação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 41, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e41404.pt>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- BORGERT, Vivian; STEFANELLO, Sabrina; SIGNORELLI, M. C; Santos, D. V. D. A gente só quer ser atendida com profissionalismo”: experiências de pessoas trans sobre atendimentos de saúde em Curitiba-PR, Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 33, p.1-20, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202333036>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima; CARRARA, Sérgio. Ciberativismo trans: considerações sobre uma nova geração militante. **Contemporanea Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 382-400, maio/ago. 2015.
- CARVALHO, Deivid Nascimento de. Representatividade no relato de si e reconhecimento do outro: Transativismo e humanização multimídia transmasculinas. **Rev. Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 352-374, jul. 2021.
- CASTILHO, F. de N. F. de; CARVALHO, G. P.; NASCIMENTO, M. H. M.; FERREIRA, I. P. Scientific production on the mental health of transgender people in the scopus database: a

bibliometrics study. **Cogitare Enferm.**, v. 29, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/ce.v29i0.94179>. Acesso em: 12 out. 2025.

CUNHA, Flávia Siqueira. **Prevalência dos fatores de risco cardiovascular em homens transexuais em tratamento com ésteres de testosterona e sua associação com as variantes polimórficas do gene do receptor androgênico**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DE CARVALHO PEREIRA, Lourenço Barros; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O Acesso das Pessoas Transexuais e Travestis à Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 17-95, 2019. DOI: 10.5712/rbmfc14(41)1795. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1795>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo C.; GONTIJO, Fabiano de Souza. *Como Assim, Cidade do Interior?* Antropologia, Urbanidade e Interioridade no Brasil. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 61-83, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e74075>.

FAVERO, Sofia. “Como atender travestis e pessoas trans?”: (des)cisgenerizando o cuidado em saúde mental. **Cadernos Pagu**, v. 66, p. 1-15, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202200660013>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FERREIRA, Sérgio Rodrigo. A respeito da categoria (trans/cis) gênero: a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória. Dossiê Apropriações e ressignificações na arte e no pensamento. **Revista Eco-Pós**, v.24, n.3, p. 355-380, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i3.27576>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FILHA, Constantina Xavier. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, p. 591-603, maio-agosto/2011.

FILHA, Constantina Xavier. Sexualidade e Identidade de Gênero na Infância. **Rev. Diversidade e Educação**, Rio Grande, v.3, n.6, p. 14-21, jul./dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução: Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Revista Cadernos Pagu**, São Paulo, ed. 5, p. 7-41, 1995.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio. **Transmasculinidades no Sistema Público de Saúde: experiências dos utentes**. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9.i2p.167-173>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. [S. l.: s. n.], 2006. Primeira versão. Original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, F.; CRUZ, K. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Sociedad / Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 162-186, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MATOS, Júlia S.; SENNA, Adriana K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, p. 95-108, 2011.

MAIA, Gabriela Felten da; GAIGE, Diéssica Shaiene. Um olhar feminista para a Antropologia: Reflexões sobre as práticas acadêmicas desde uma perspectiva posicionada. **Revista Digital de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 63-86, 2020.

MARQUES, Bruno Pires do Amaral. Mastectomia masculinizadora para redesignação de gênero de transexuais masculinos. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica (RBCP) – Brazilian Journal of Plastic Surgery**, Sorocaba, v. 36, n. 4, p. 1-7, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/21771235.2021rbcp0123>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Medeiros, Jeferson Joyly dos Santos Medeiros. **Cidades e vidas em trânsito: transexualidade, travestilidades e gênero no Seridó Oriental Paraibano**. 2024. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2024.

MEIRA, Janylle de Sousa; ANTUNES, Deborah Christina; OLIVEIRA, Inês Falcão Nogueira. Transfobia, linchamento virtual e o pensamento antidemocrático no Twitter. **Psicologia e Sociedade**, Fortaleza, n. 35, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35263652>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. In: *Digital Anthropology*. Trad.: Danilo Pedrini. **Dossiê**, v. 2, n. 3, 2015. p. 91-111

NETO, Izaias Serafim de Lima; SILVA, Francisco Viera da. O dispositivo da transexualidade e as visibilidades trans na web. **Revista DisSol**, Pouso Alegre, n. 13, p.96-108, 2021.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. **“Somos quem podemos ser”**: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

PARREIRAS, Carolina. “Não leve o virtual tão a sério?” – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. *In*: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo; DULLEY, Iracema (organizadoras), **Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico**. São Paulo: Annablume, 2011. p. 43-58.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? Tradução: Fernanda Ferreira M. Nogueira. **Revista Jangada**, Minas Gerais, n. 1, p. 96-99, 2013. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17/2>. Acesso em: 20 jun. 2023.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. A descoberta da identidade de homens trans e a metáfora do corpo errado. **Revista Ártemis**, Ceará, v. XXXV, n. 1, p. 94-113, 2023.

RODRIGUES, Liliana; CARNEIRO, Nuno Santos; NOGUEIRA, Conceição. História das abordagens científicas, médicas e psicológicas sobre as transexualidades e suas aproximações críticas. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.30, n.2, p. 2-14, 2021.

ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, p.133-152, jun. 2008.

SILVA, Melina Martins da. **Da Abjeção à Transidentidade: etnografia das resistências de pessoas trans na UNILAB/CE**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza, 2023.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a (s) masculinidade (s). **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 123-144, jul./dez. 2009.

STOLLER, Paul. **O gosto das coisas etnográficas: os sentidos na antropologia**. Tradução Marcelo Moura Mello. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.

VIEIRA, Cleiton. **Entre viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

VIEIRA, Cleiton. **A segurança biológica na transição de gênero: uma etnografia das políticas da vida no campo social da saúde trans**. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

VIEIRA, E. S., DUTRA, C. V., REZENDE-PEREIRA, C. A. S., CAVALCANTI, C. S. Psicologia e Políticas de Saúde da População Trans: encruzilhadas, disputas e porosidades. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 39, p.161-173, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228504>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VIEIRA, Cleiton; PORTO, Rozeli Maria. “Fazer emergir o masculino”: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans. **Cadernos Pagu**, n. 55, p.1-32 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900550016>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. Dos Enigmas da Infância: quando a transexualidade tensiona os scripts de gênero. *In*: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (org.). **Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos**: lutamos pela educação infantil. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 19-38.